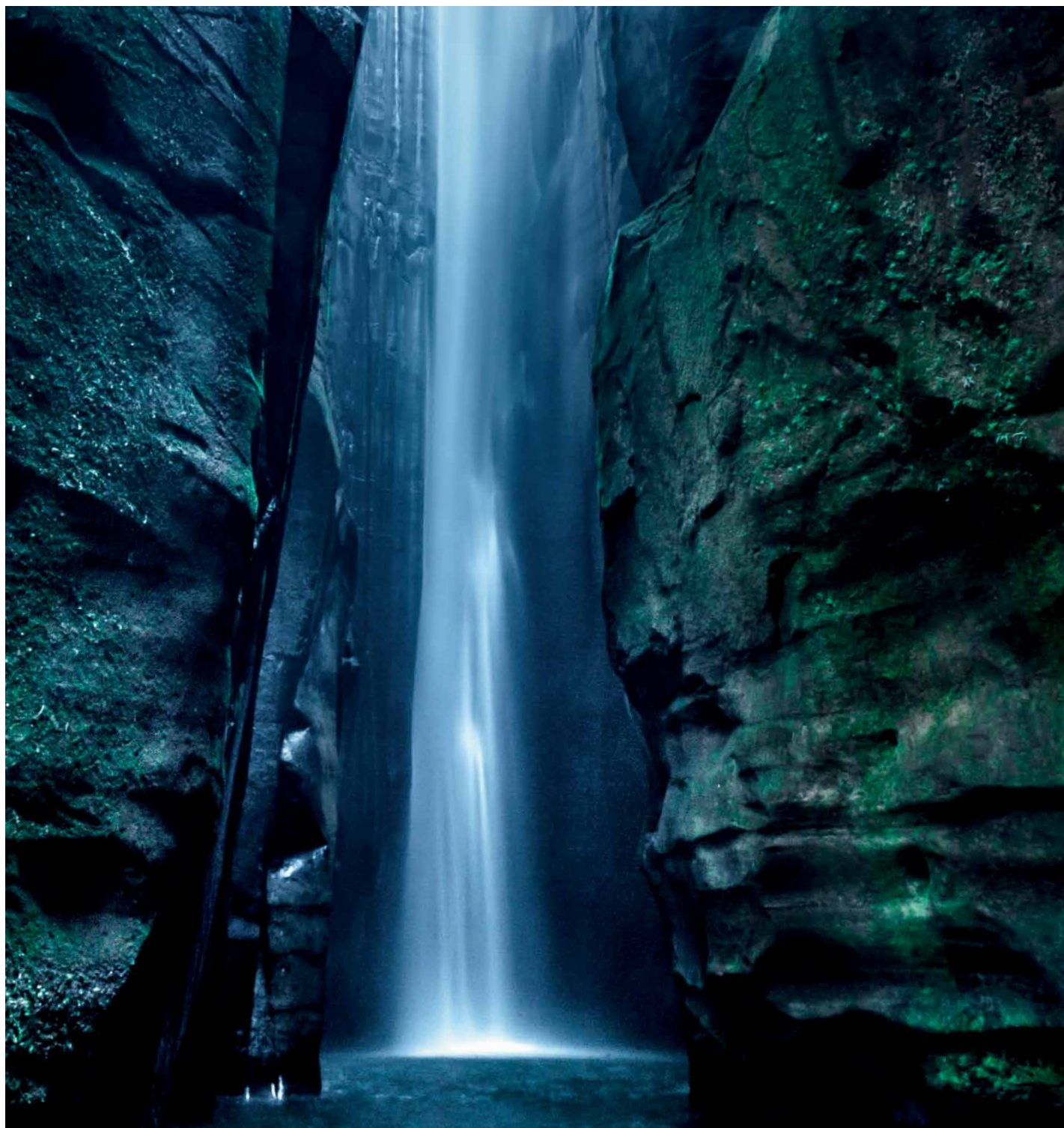


# UNQUIET



J A L A P ã O . I T Á L I A . T A N Z Â N I A



VIAJE COM CONFORTO  
DE PRIMEIRA CLASSE  
E TODA EMOÇÃO DE UM 4X4.

4you4explore

Tech and Soul



Que tal viajar com sofisticação,  
sem abrir mão da aventura? A MIT Drivelines  
é a companhia 4x4 que vai guiar você  
por novos caminhos. E a bordo do seu Mitsubishi,  
você tem embarque imediato rumo à aventura,  
à gastronomia e muito mais.

Descubra o roteiro que mais combina com você em:  
**MITDRIVELINES.COM.BR**

NO TRÂNSITO, SUA RESPONSABILIDADE SALVA VIDAS.



**MIT**  
**DRIVELINES**  
MITSUBISHI MOTORS



CONHEÇA  
UM NOVO JEITO  
DE EXPLORAR  
O MUNDO.

**MITSUBISHI**  
**MOTORS**  
Drive your Ambition



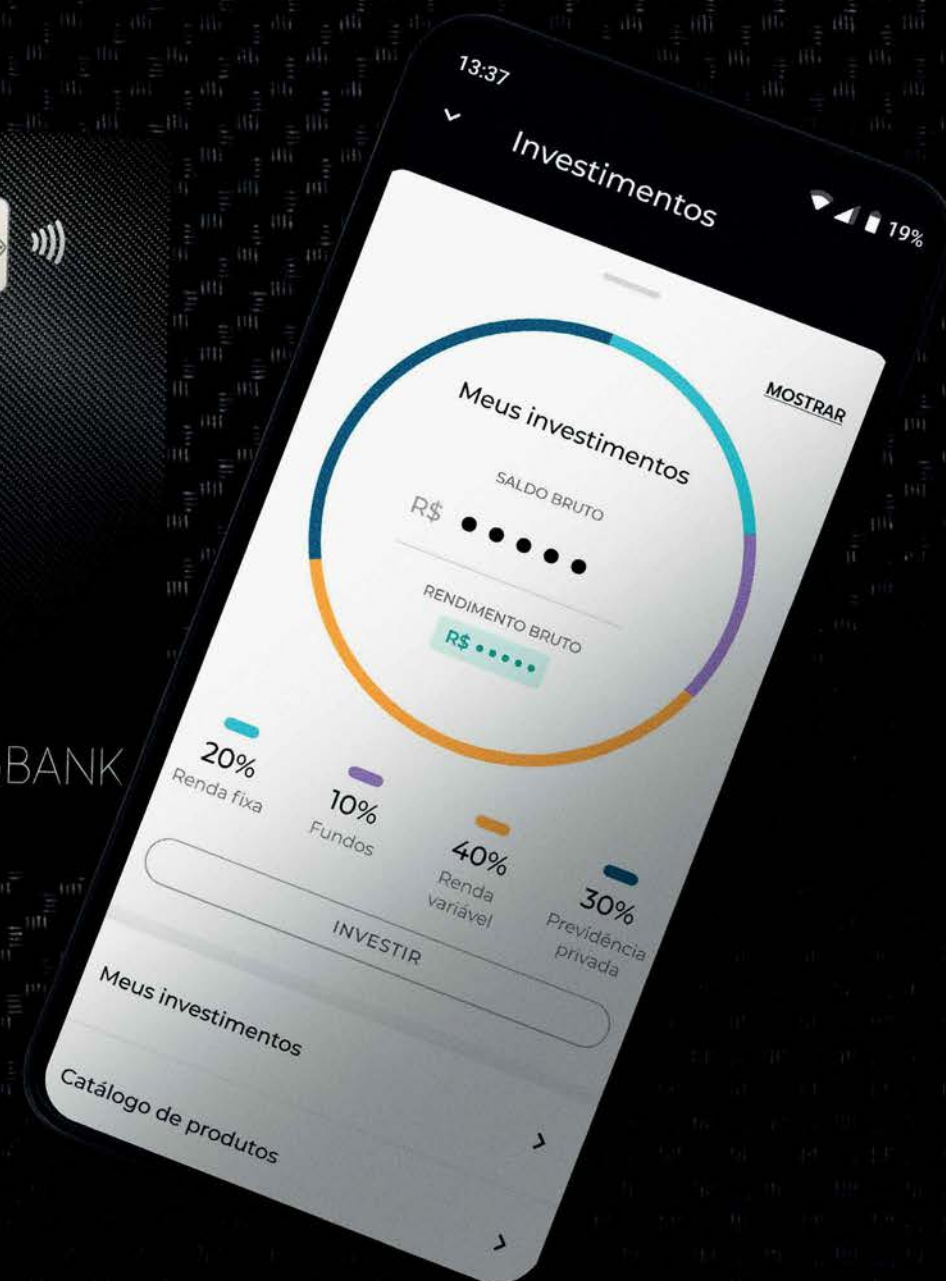
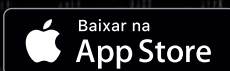
# C6 Invest

## A plataforma de investimentos da sua vida.

- **CDBs:** a partir de 102% do CDI e também opções indexadas ao IPCA
- Mais de **200 fundos** de investimento e previdência
- Ações, BDRs, ETFs e fundos imobiliários **sem taxa** de corretagem
- Acesso a **mercados internacionais** com remessa, investimento e acompanhamento de carteira pelo app
- Para saber mais, acesse: [www.c6bank.com.br](http://www.c6bank.com.br)



Baixe o app e abra sua conta em minutos.



**C6**BANK  
é da sua vida

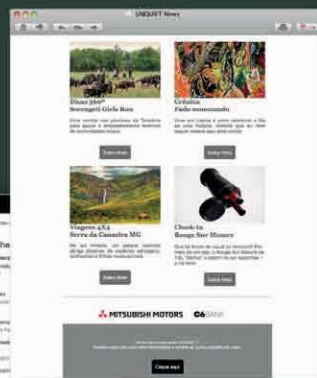


INSTAGRAM

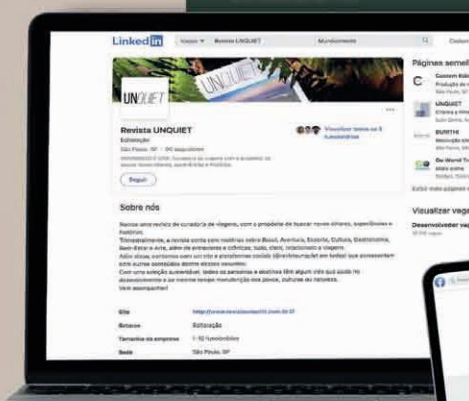


SITE

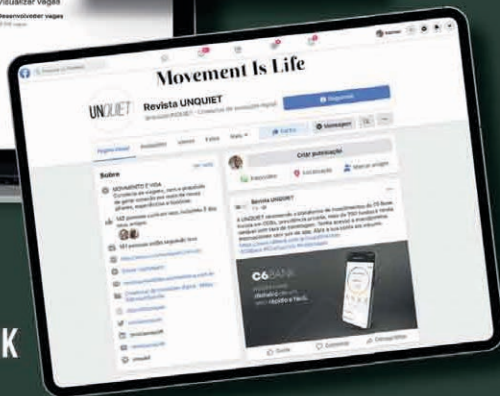
NEWSLETTER



LINKEDIN



FACEBOOK



NOSSAS VIAGENS VÃO ALÉM DA REVISTA.



@REVISTAUNQUIET



@REVISTAUNQUIET

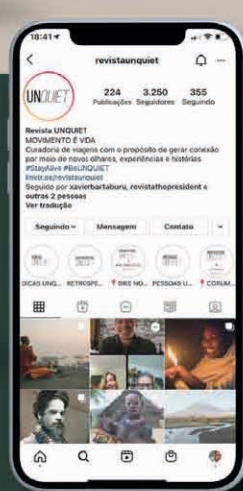


@REVISTAUNQUIET



@REVISTAUNQUIET

REVISTAUNQUIET.COM.BR



LIVES

ZECA CAMARGO



MARINA KLINK



ARTHUR VERÍSSIMO



MÁRCIA DE LUCA



TUCA REINÉS



MAURICIO NAHAS



# Sumário

018	<b>360°</b> – De palácios a lodges de selva, dicas exclusivas
032	<b>Check-in</b> – Preciosidades e utilidades para viajantes
040	<b>Biblioteca</b> – Uma seleção de livros para embarque imediato
050	<b>Sustentabilidade</b> – A Fundação Almerinda Malaquias
052	<b>Brasil</b> – Jalapão, pelas lentes de Araújo Alcântara
066	<b>Cultura</b> – Sicília, vulcânica e magnética
078	<b>Arte</b> – The Storm King: arte a céu aberto
090	<b>Esporte</b> – <i>Heliskiing</i> , o esqui em neves virgens
100	<b>Bem-estar</b> – Uma clínica zen-mediterrânea
108	<b>Ensaio</b> – A visão panorâmica de Chris Kittler
114	<b>Gastronomia</b> – Minas põe a mesa
124	<b>Aventura</b> – Os chimpanzés da Tanzânia, por Fabio Porchat
136	<b>Entrevista</b> – Ruy Carlos Tone e sua aventura amazônica
144	<b>Crônica</b> – Um giro pelo mundo, por Erika Palomino
146	<b>Inspiradores</b> – Ada Rogato, a brasileira voadora



“Viajar de verdade  
é descobrir e experimentar.”

- Antigo provérbio africano

PATROCINADORES



C6 BANK

GETTY

# UNQUIET

Movement is life

## PUBLISHER

Corinna Sagesser

## DIRETOR EDITORIAL

Fernando Paiva

## DIRETOR EXECUTIVO

André Cheron

## CONSULTOR

Erik Sadao

## DIRETOR COMERCIAL

Ricardo Battistini

## DIRETOR DE ARTE

Ken Tanaka

## EDITOR DE ARTE

Raphael Alves

## GERENTE DE MARKETING E CONTEÚDO DIGITAL

Carolina Sagesser Rodrigues

## COORDENADORA DIGITAL

Patrícia Poli

## PRODUTORA DE CONTEÚDO DIGITAL

Marjorie Luz

## PROJETO GRÁFICO

Ken Tanaka e Raphael Alves

## GERENTES DE CONTAS E NOVOS NEGÓCIOS

Marcia Gomes e Mirian Pujol

## COLABORARAM NESTE NÚMERO

Texto: Adriana Setti, Daniel Japiassu, Erika Palomino, Fabio Porchat, Flavia Vitorino, Marcello Borges, Mauro Marcelo Alves, Roberto Muggiati, Walterson Sardenberg S°, Xavier Bartaburu e Zeca Camargo

Fotos: Araquém Alcântara, Chris Kitler e Tuca Reinés

Ilustrações: Antônio Tavares e Paulo von Poser

## CAPA

Araquém Alcântara

## CUSTOM EDITORA LTDA.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista

São Paulo (SP) – CEP 01407-200

Tel. (11) 3708-9702

revistaunquiet@customeditora.com.br

revistaunquiet.com.br



Selo FSC



## Editorial

Viajar é uma força condutora...

Acredito que o melhor da vida é feito das pessoas que encontramos e das experiências que criamos com elas. As paisagens que descobrimos por caminhos, antes inexplorados, abrem horizontes. Os sabores e os aromas, surgidos em incursões gastronômicas, preenchem um mosaico de memórias afetivas imortal. A conexão com estranhos, habitantes de cenários que só conhecíamos em sonhos, funciona como uma força condutora para o viajante UNQUIET.

A inquietude é o que nos leva a viajar por este mundo em busca de transformação e crescimento. Nesta edição, convidamos nossos leitores a uma jornada pelas paisagens inóspitas e quase desconhecidas para nós, brasileiros, do Jalapão. Ainda no Brasil, instigamos os sentidos a partir dos sabores de Minas, representante máxima da nossa cozinha, e das belezas da Amazônia, com belas iniciativas sustentáveis.

Do outro lado do Atlântico, mergulhamos na história secular da Sicília, região da Itália que merece ser redescoberta. E saciamos o desejo por dias de relaxamento em um spa, referência mundial, escondido no Alicante, na Espanha. Na nossa amada África, uma aventura pelas savanas da Tanzânia cumpre o papel de nos energizar, enquanto revisitamos nosso senso de pertencimento em um ecossistema intacto, desde que nossa espécie ficou em pé para ganhar o mundo. E para os amantes do *heliskiing* damos os melhores destinos para a prática desse esporte que tanto amamos.

Como sempre, uma série de hotéis curados e com benefícios especialmente desenvolvidos para o viajante UNQUIET pode ser conferida em nosso site [revistaunquiet.com.br](http://revistaunquiet.com.br). E, como um dos pilares mais importantes para nós, todos os destinos são sustentáveis, com projetos voltados para o social e o meio ambiente.

Boa viagem!



CORINNA SAGESSER



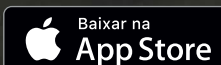
# C6 Carbon Mastercard® Black: conheça o cartão da sua vida.

## EXCLUSIVIDADE E BENEFÍCIOS

- **2,5 pontos** que não expiram a cada US\$ 1 gasto.
- Até **6 cartões adicionais** gratuitos.
- 12 meses de **RappiPrime** grátis.
- Acesso a salas **VIP** em aeroportos.
- 6 cores para escolher e o nome que quiser.
- E todos os benefícios Mastercard®Black.



Baixe o app, abra sua conta  
e peça o seu em minutos.



**C6**BANK  
é da sua vida



# Colaboradores



**Araquém Alcântara** completou 70 anos em janeiro. Admirador de Villa-Lobos, Tom Jobim e Guimarães Rosa, o mais completo fotógrafo de natureza do Brasil assina nossa capa e as fotos do Jalapão. Sua obra, exposta em mais de 50 livros e dezenas de exposições, com prêmios no Brasil e no exterior, envereda, sobretudo, por dois vieses: a exuberância do meio ambiente brasileiro e as mazelas que o ser humano a ele tem imposto.



Turismóloga e pós-graduanda em meio ambiente e sustentabilidade, **Flavia Vitorino** começou a escrever para publicações de viagem em 2014. Seus objetivos: inspirar pessoas a viverem mais no mundo *outdoor* e perceberem a importância da preservação da natureza. Autora da reportagem sobre o Jalapão, Flavia é também diretora de conteúdo da LYFX, plataforma mundial que conecta viajantes a guias experimentados. É ainda a embaixadora da marca The North Face no Brasil.



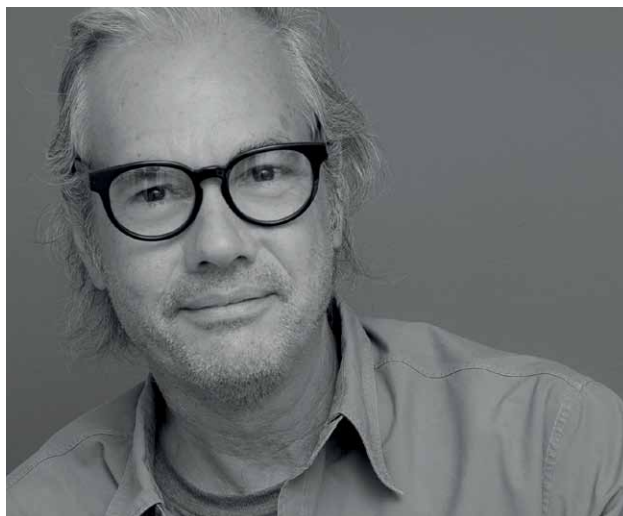
Um dos motivos de suas muitas idas e vindas é visitar os filhos. Pedro, o mais velho, morou na Austrália, na Espanha e no Japão. Está em trânsito. Lucas, o caçula, reside na Alemanha, depois de uma temporada na Suíça. **Erika Palomino**, portanto, sabe do que fala quando escreve sobre preparativos de viagem, seu tema desta edição. No momento, comanda a comunicação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, depois de dirigir o Centro Cultural São Paulo, na capital paulista.



Que história é essa de apresentar **Fabio Porchat**? Não precisa, claro. O Brasil inteiro aprendeu a se divertir com esse impagável carioca de 38 anos. Quando viaja (o que faz sempre que tem uma folguinha), ele faz o *check-in* nos hotéis como ator. Mas poderia escolher outras profissões: humorista, diretor, roteirista, produtor, dublador e apresentador de TV. Porchat assina o delicioso texto sobre os chimpanzés da Tanzânia.



**Walterson Sardenberg Sº** ou Berg, como é mais conhecido, se considera um cara de sorte. Nasceu em 6 de julho de 1957, um sábado. Foi o dia em que Paul McCartney e John Lennon se conheceram. Na tarde seguinte, Pelé estreou na seleção e marcou um gol contra a Argentina. Seu maior privilégio, no entanto, foi rodar o mundo ao longo de 11 anos, como editor da *Viagem & Turismo* e da *Próxima Viagem*. Aqui, ele nos brinda com o texto sobre o *heliskiing*.



Ele é aficionado por aviação, mergulho, vela e bateristas de rock. Arquiteto, **Tuca Reínés** cintila como um dos mais internacionais fotógrafos brasileiros. Colabora em revistas como a americana *Condé Nast Traveler* e tem imagens no acervo de museus europeus, além de livros publicados pela editora alemã Taschen. É o autor dos retratos de Ruy Tone, o empreendedor sustentável da Amazônia, nesta edição.



Uma grande jornada começa dentro de casa, em terra firme. De preferência, lendo livros que revelem o espírito do lugar para onde se programou zarpar. **Zeca Camargo**, nosso colaborador desde a primeira edição, segue a lição à risca – dos idos em que ainda não era VJ da antiga MTV nem tampouco apresentador do *Fantástico*. Aqui, ele faz uma lista de livros que levam você mundo afora – sem sair da poltrona.



O porto de Santos e o concreto de Brasília são temas desse versátil artista plástico, **Paulo von Poser**, formado em arquitetura e mestre em várias técnicas pictóricas. Mas, na verdade, uma das principais vertentes de sua obra como desenhista e pintor é a paisagem urbana de São Paulo, cidade onde nasceu há 60 anos. Grata, a Pauliceia retribui: seus trabalhos integram as coleções do MASP, do Museu de Arte Contemporânea da USP e do Museu da Casa Brasileira.



A conveniência  
dos ótimos negócios  
agora vem  
de fábrica.



Com o MIT4YOU você tem os serviços e as praticidades de um bom negócio: descontos com pontos do MIT Cartão, Recomprou Garantida, Sem Parar de fábrica, Assistência 24 Horas, eventos exclusivos e muito mais, sem deixar de lado a tecnologia e a sofisticação 4x4 do Mundo MIT junto de você.

Saiba mais em [mitsubishimotors.com.br](http://mitsubishimotors.com.br)

4 you 4 good deal

1Com o cartão MIT Itaucard, 5% do valor das compras viram pontos para trocar por desconto de até R\$ 20 mil no seu próximo Mitsubishi 0 km ou até R\$ 20 mil em peças, serviços, acessórios e revisões nas concessionárias Mitsubishi ou até R\$ 10 mil de bônus no Programa MIT Assinatura. Cada ponto equivale a R\$ 1,00 de desconto na compra de um Mitsubishi 0 km, peças, serviços, acessórios e revisões ou R\$ 0,50 de desconto no programa MIT Assinatura. Os pontos acumulados a cada mês são válidos por 24 meses. Confira detalhes no site [www.mitsubishimotors.com.br/mit-cartao](http://www.mitsubishimotors.com.br/mit-cartao) e as condições no site [www.itaucard.com.br](http://www.itaucard.com.br). A contratação do cartão está sujeita à análise e à aprovação de crédito.  
2Consulte o regulamento e as condições no site [www.mitsubishimotors.com.br](http://www.mitsubishimotors.com.br).



**MIT ITAUCARD PLATINUM**  
PONTOS QUE VIRAM DESCONTOS  
EM UM MIT 0 KM, SERVIÇOS, MIT ASSINATURA  
E ATÉ REVISÃO A CUSTO ZERO.<sup>1</sup>



**SEM PARAR DE FÁBRICA**  
PRATICIDADE QUE JÁ VEM COM SEU  
MITSUBISHI 0 KM E COM OS 5 PRIMEIROS  
MESES GRATUITOS.<sup>2</sup>



**RECOMPRA GARANTIDA**  
VOCÊ DE CARRO 0 KM A CADA 2 ANOS  
COM GARANTIA DE RECOMPRA DO SEU  
SEMINOVO PELA CONCESSIONÁRIA.<sup>2</sup>



**MIT ASSISTANCE**  
SEGURANÇA E TRANQUILIDADE 24 HORAS  
POR DIA COM O MIT ASSISTANCE.<sup>2</sup>



**EVENTOS 4X4 EXCLUSIVOS**  
EXPERIÊNCIAS OFF-ROAD PRA VOCÊ  
E SUA FAMÍLIA COM OS MIT RALLIES.<sup>2</sup>



**MIT ASSINATURA**  
DIRIJA UM MITSUBISHI 0 KM SEM  
SE PREOCUPAR COM AS BUROCRACIAS.<sup>2</sup>



**MITSUBISHI  
MOTORS**  
Drive your Ambition



No trânsito, sua responsabilidade salva vidas.



**JHSF**

*apresenta*

UM EMPREENDIMENTO ÚNICO  
PENSADO PARA SUA FAMÍLIA, REUNINDO  
APARTAMENTOS, CLUBE E HOTEL.

# FASANO

CIDADE JARDIM

FASANO RESIDENCES

*Apartamentos de 2 a 5 suítes, de 200 a 700 metros quadrados.*

AS MELHORES OPÇÕES DE PLANTAS PERSONALIZADAS,  
COM ARQUITETURA TRIPTYQUE, DECORAÇÃO POR CAROLINA PROTO,  
DO ESTUDIO OBRA PRIMA, E PAISAGISMO DE MARIA JOÃO D'OREY.

*Vista do Fasano Residences*

## FASANO CLUB

ACESSO AO FASANO CLUB, COM PISCINAS COBERTAS E AO AR LIVRE PARA CRIANÇAS E ADULTOS, ESPAÇO KIDS COM BRINQUEDOTECA, SALA DE JOGOS, SPA INTERNACIONAL, BEAUTY CENTER, ACADEMIA DE ÚLTIMA GERAÇÃO E SIMULADOR DE GOLF.



*Fasano Club*



*Shopping Cidade Jardim*

## SHOPPING CIDADE JARDIM E HOTEL FASANO CIDADE JARDIM

MODA, CULTURA, LAZER E SERVIÇOS,  
INTEGRADOS POR UMA PASSARELA QUE É AO  
MESMO TEMPO UMA INSTALAÇÃO DE ARTE.



**UM EMPREENDIMENTO ÚNICO PENSADO PARA SUA FAMÍLIA.**

**SHOWROOM:** ACESSE PELO PISO TÉRREO DO SHOPPING CIDADE JARDIM.

**VENDAS:** (11) 3702-2121 | (11) 97202-3702 **FASANOCIDADEJARDIM.COM.BR**

**CONHEÇA OS DETALHES E AS OPÇÕES DE PLANTA,  
BAIXE O APP: JHSF REAL ESTATE SALES.**

Incorporação registrada na matrícula nº 242.419 do 18º Registro de Imóveis da Capital em R.04 de 16/08/2019. Em conformidade com a legislação vigente, as fotos, as perspectivas e as plantas deste material são meramente ilustrativas e podem sofrer alterações sem aviso prévio. Conceito, Gestão e Comercialização Imobiliária Ltda. CRECI: 029841-J.

**JHSF**



# 360

*Hospedagem em castelos, lodges, bangalôs pé na areia ou até num trem, observação de baleias e um festival na Islândia. Um giro pelos melhores destinos do planeta*

POR MARCELLO BORGES



## LE GRAND CONTRÔLE

Que tal passar alguns dias ao estilo de Luís XIV? Está prestes a ser inaugurado o Le Grand Contrôle, hotel de exceção instalado no palácio de Versalhes, onde ocupa os edifícios desse nome. Em 1682, o Rei Sol mudou-se para lá com sua corte, marcando uma época que a série *Versailles* da Netflix retrata bem.

São apenas cinco quartos e nove suítes, além do spa Valmont e de uma piscina interna de 15 metros. Os quartos não têm televisão. O telefone fica escondido para manter o ambiente fiel à época em que o arquiteto barroco Jules-Hardouin Mansart projetou a seção do palácio onde o hotel se instala, atualmente toda restaurada. Boa parte do mobiliário, aliás, é original do século 18.

Os hóspedes terão acesso exclusivo ao castelo e ao Petit Trianon longe da multidão, com acompanhamento de guias particulares, possibilitando um mergulho na história francesa. Além disso, há um mordomo para cada quarto ou suíte – que receberam nomes de nobres da corte de Luís XIV.

Claro que a gastronomia tinha de estar à altura do ambiente. Para isso, quem assina os acepipes é Alain Ducasse, um dos dois únicos *chefs* a reunir 21 estrelas *Michelin* ao longo da carreira. Os pratos serão inspirados em receitas históricas, mas ganharão nova interpretação. [airelles.com](http://airelles.com)







## MOSKITO ISLAND

Antes que pergunte, o nome da ilha não tem relação com os incômodos insetos e sim com “Musketa”, grafia antiga de *mosquete*, tipo de arma de fogo...

Localizado no arquipélago das Ilhas Virgens Britânicas, no Caribe, o lugar foi descoberto por Colombo em sua segunda viagem à América. Em 2007, Richard Branson, CEO do grupo Virgin, a comprou. Situada entre Virgin Gorda e Necker Island (outra ilha particular de Branson), Moskito abriga o Branson Estate, onde ficam três casas para hóspedes: a Headland House, a Mangrove Villa e a Beach Villa, cada uma com sua piscina de borda infinita.

As refeições podem ser feitas nos pavilhões das casas, com capacidade para 12 a 26 comensais e cardápios sob medida. O que não falta em Moskito são atividades, todas com o apoio de instrutores profissionais: *fitness*, tênis, *kitesurf*, excursões de barco e spa. Para as crianças, caça ao tesouro, piqueniques e minio-limpíadas.

O aluguel do Branson Estate dá direito ao uso exclusivo da propriedade, que inclui 11 suítes, refeições (com um *chef* para cada *villa*) e bebidas. Grupos menores podem reservar de quatro a oito quartos, e hóspedes individuais também podem se hospedar. A estada mínima é de quatro noites como padrão, exceto na época da Ação de Graças e no fim de ano.

[virginlimitededition.com/en/moskito-island](http://virginlimitededition.com/en/moskito-island)



## SEVEN STARS IN KYUSHU

Fazendo referência às sete prefeituras da ilha de Kyushu, sudoeste do Japão, às suas sete atrações principais e a seus sete vagões, o trem Seven Stars in Kyushu faz uma viagem panorâmica pela ilha partindo da estação Hakata, em Fukuoka, e voltando a ela.

Inaugurado em outubro de 2013, o mais exclusivo trem japonês combina elementos ocidentais e orientais, como venezianas de papel de arroz nas janelas e trabalhos em madeira, *kumiko*, especialidade dos artesãos da cidade de Okawa. No primeiro vagão fica o *lounge*, no segundo o restaurante Jupiter e nos outros cinco as suítes: três por vagão, exceto no último, com apenas duas. As refeições – incluídas no bilhete, assim como as excursões – incluem pratos exclusivos para cada viagem, preparados com ingredientes sazonais.

São dois itinerários, um com quatro dias e outro com dois dias. Mas se quiser ser um dos 28 felizardos a participar de um deles, é preciso sorte: a demanda é tão grande que dizem ser mais fácil ganhar na loteria do que conseguir passagens para o Seven Stars...

[cruisetrain-sevenstars.jp](http://cruisetrain-sevenstars.jp)





## CASA RIO DA BARRA

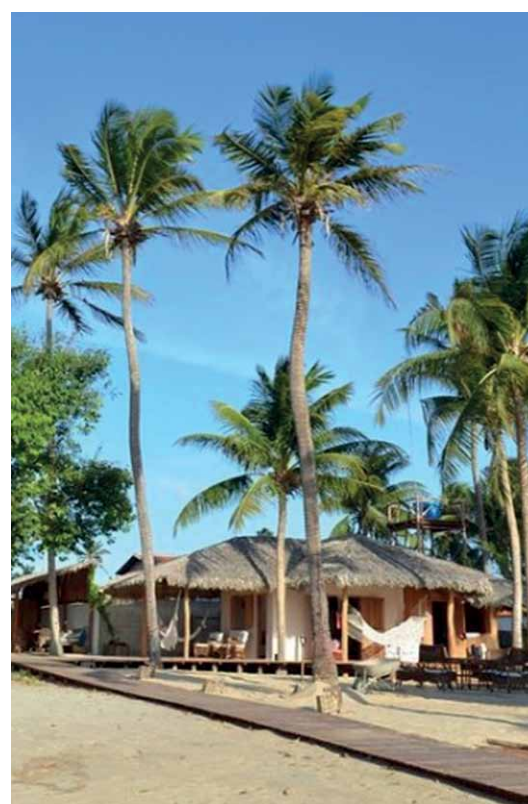
Formado por vários canais e igarapés, o delta do rio Parnaíba é o único das Américas em mar aberto, reunindo mais de 70 ilhas. É ali perto que fica a Casa Rio da Barra, idealizada por Martha Ribeiro, empresária paulistana. Ela encontrou o local ideal para um refúgio de veraneio para a família num terreno ao lado da lagoa do Santana. A construção tem um toque rústico e acolhedor, com a sustentabilidade como norma.

A Casa Rio da Barra tem quatro suítes num terreno de 3.600 metros quadrados, com *staff* formado por cozinheira *gourmet*, arrumadeira e jardineiro. As refeições podem seguir as recomendações da *chef*, mas os hóspedes também podem criar cardápios personalizados.

Situada a 300 metros da praia, no vilarejo de Barrinha, tem locais perfeitos para o *kitesurf*: adeptos do mundo todo se reúnem lá para praticar, e a equipe da casa dá a dica dos professores e dos melhores pontos. A região merece visita e pode ser explorada a pé ou de bicicleta. Piscina, redes, espreguiçadeiras e massagens garantem o relaxamento dos hóspedes mais tranquilos.

Para chegar, o acesso mais rápido é pelo aeroporto de Parnaíba (PI), a 70 quilômetros.

[casariodabarra.com.br](http://casariodabarra.com.br)



## DUMATAU CAMP

*Dumatau* significa “o rugido do leão”, na língua suaíli. E no DumaTau Camp, em Botsuana, vivem incontáveis felinos como leões e leopardos, além de hipopótamos. As dezenas de espécies de pássaros fazem a alegria dos *birdwatchers*. Dentro da reserva Linyanti, de 125 mil hectares, você vai encontrar uma das maiores populações de elefantes da África e a maior do país. Lugar perfeito para admirar, fotografar e filmar esses e outros majestosos animais.

O DumaTau tem oito amplas residências (uma para famílias), todas com vista para a lagoa Osprey e piscinas privativas que garantem o alívio do calor do dia. O serviço de restaurante e bar é impecável.

A energia elétrica tem origem solar, alimentando as instalações, que incluem um centro de *wellness* com spa, academia e loja. Entre os destaques, passeios diurnos e noturnos de 4x4 (para observação de animais raramente vistos), voos de helicóptero e giros de barco. Os fãs de pesca *catch and release* encontram equipamento à disposição e vão poder admirar os hipopótamos na lagoa. O DumaTau oferece ainda safáris a pé e de canoa (*mokoro*), com guias e toda a segurança.

[wilderness-safaris.com](http://wilderness-safaris.com)







#### MASHPI LODGE

O Bosque Nublado, na reserva do Choco, fica a 100 quilômetros de Quito, capital do Equador. Num cenário cinematográfico, instala-se o Mashpi Lodge, um dos melhores hotéis de selva do mundo. São três suítes Yaku (água, em quéchua) e 21 quartos, todos com janelões do chão ao teto que ampliam a visão da fauna local, como as mais de 400 espécies de aves. A Sala das Expedições, o Laboratório e o Life Center – este a 20 minutos de caminhada do hotel – complementam as informações práticas e teóricas sobre a vida da região.

O local é perfeito para descobertas, passeios por trilhas e observações, tendo como destaque o Dragonfly (a libélula), um teleférico de gôndolas que percorre dois quilômetros de cabos sobre a floresta, com acompanhamento de guia. Cascatas, lagoas e outras experiências focam sempre a diversidade do bioma da reserva. O Mashpi Lodge é 100% autossustentável: energia solar, reúso da água de chuva, coleta seletiva e reutilização do lixo orgânico.

Entre um passeio e outro, massagens no spa, deque para ioga e outras amenidades dão a nota relaxante. A cozinha do Mashpi Lodge oferece pratos de diversas regiões do Equador, com ingredientes frescos e locais, acompanhados de vinhos e coquetéis. Detalhe: o hotel é *family-friendly*, com atividades para todos, grandes e pequenos.

**[mashpilodge.com](http://mashpilodge.com)**



#### LA CITÉ DU VIN

Bordeaux é uma das dez cidades mais visitadas da França, e, para os enófilos, um destino certo. E com razão: os vinhedos da região produzem alguns dos melhores e mais caros rótulos do mundo, como Pétrus, Lafite e Yquem.

Mas desde maio de 2016, um museu – ou devemos dizer, uma verdadeira cidade – do vinho divide as atenções dos visitantes: é La Cité du Vin, projetada pelos arquitetos Anouk Legendre e Nicholas Desmazières. A forma do prédio evoca uma videira nodosa e retorcida, segundo alguns, ou um vinho girando na taça para abrir os aromas.

No primeiro andar, há um espaço para exposições temporárias, sala de leitura, interessantíssimos e didáticos *workshops* de degustação e harmonização e um auditório. Mas é no segundo andar que o visitante faz uma viagem no tempo em torno do vinho: são 19 espaços temáticos para um percurso de duas a três horas. (Se o francês não é seu forte, não se preocupe: há tradução para oito idiomas.)

No sétimo andar há o Le 7, restaurante panorâmico: seu *menu du chef*, disponível no jantar, reúne sete pratos que vão do *amuse-bouche* à sobremesa. Evidentemente, a carta de vinhos é um espetáculo, com 500 rótulos de 50 países. No oitavo andar, o Belvedere, um mirante com vista para a cidade e para o porto da Lua, nome pitoresco do porto de Bordeaux; pare para tomar uma taça, relaxar e apreciar a paisagem.

**[laciteduvin.com](http://laciteduvin.com)**







## M+ MUSEU DE ARTES VISUAIS

Desenvolvido a partir do final da década de 1990 com a ideia de ser o maior centro cultural do mundo, o Distrito Cultural de West Kowloon, em Hong Kong, é uma coleção de museus, galerias, teatros, estúdios e uma vasta área aberta com jardins e bosques.

O M+ é a peça central do projeto. Como diz Suhanya Raffel, sua diretora, “museus são parte importante do tecido cívico de uma cidade”. Quando concluído, o M+ será um dos maiores museus de cultura visual moderna e contemporânea do mundo. Suas exposições reúnem design, arquitetura, artes visuais e cinema, em 65 mil metros quadrados de área construída, o que o coloca ao lado da Galeria Tate de Londres ou do MoMA, de Nova York.

O próprio site do museu tem uma proposta distinta e merece visita para se ter uma ideia de mais de 5 mil itens da coleção e para adquirir livros e objetos na M+Shop.

[mplus.org.hk](http://mplus.org.hk)



## COMUNA IBITIPOCA

A Comuna do Ibitipoca situa-se em quase 6 mil hectares de municípios mineiros no parque deste nome. Sua área estava degradada, mas hoje 99% se encontra em processo de “ReWild”, a recuperação da fauna e da flora nativas da Mata Atlântica. A Comuna se autointitula “um projeto socioambiental experimental focado no homem e em sua casa, o planeta”.

Para chegar, a melhor opção é ir de avião até Juiz de Fora e tomar um *transfer* de 1h30 até o hotel. Suas acomodações espalham-se por três grupos, dos quais o principal inclui a sede, chamada Engenho Lodge: é um casarão colonial construído em 1715, com oito suítes de decoração exclusiva. Na diária, aula de ioga matinal, passeios guiados a pé, sauna seca e *jacuzzi*.

O restaurante do Engenho tem no almoço um bufê de cozinha mineira no fogão a lenha e, no jantar, cardápio criado pelo *chef* francês Claude Troisgros. Nos jardins, esculturas da artista americana Karen Cusolio evocam as diversas religiões.

Detalhe: nas reservas feitas até dezembro de 2021, por meio do Circuito Elegante, os hóspedes terão como bônus especial um piquenique no lago Negro.

[circuitoelegante.com.br](http://circuitoelegante.com.br)





### HERMANUS WHALE FESTIVAL

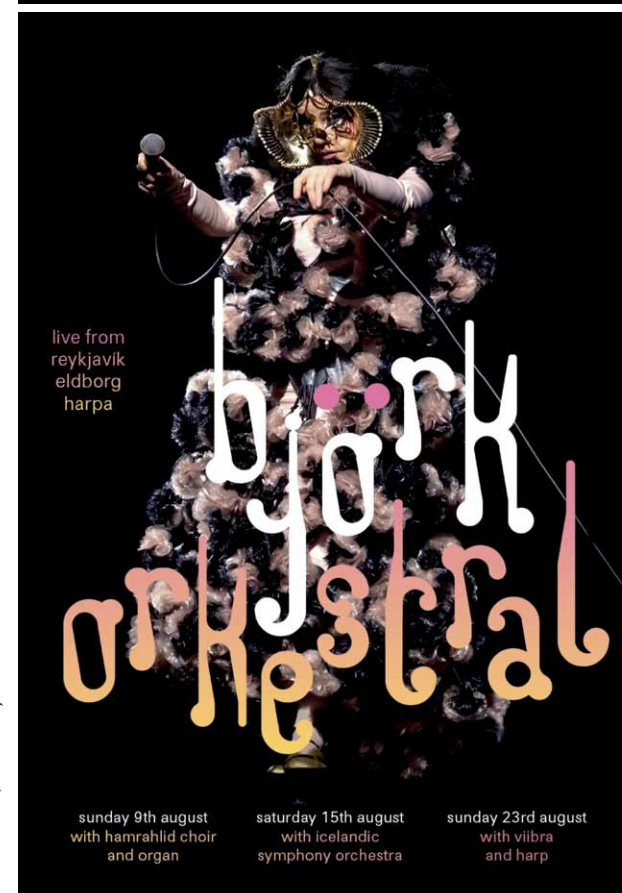
A cidade de Hermanus, na costa Overberg da África do Sul, gaba-se de ser “a capital mundial das baleias”. Todos os anos, entre julho e novembro, centenas de baleias da espécie franca-austral saem de sua área de alimentação na Antártida em busca das águas tranquilas da baía Walker para procriar. A observação dessa peregrinação anual deu origem ao festival anual em 1971.

O Hermanus Whale Festival – eleito pelo jornal inglês *The Telegraph* como um dos melhores destinos mundiais para observação de mamíferos marinhos

– está previsto para setembro, época ensolarada e de poucos ventos na região.

A cidade tem acomodações de todos os níveis, do econômico ao luxo; barcos, aviões e helicópteros levam o visitante até bem perto das baleias. Além disso, há exposições educativas, lojas de artesanato, restaurantes, bares (não se esqueça de que você está na África do Sul, cujos vinhos colecionam prêmios e elogios de enófilos do mundo todo) e palcos com bandas, DJs e atrações especiais para as crianças.

[hermanuswhalefestival.co.za](http://hermanuswhalefestival.co.za)



FOTOS GETTY, DIVULGAÇÃO



### ICELAND AIRWAVES

Entre 3 e 6 de novembro deste ano, 87 artistas de tendências musicais variadas (alternativa, rock, jazz, indie, neoclássica e até islandesa, entre outras) comporão o *lineup* deste festival que começou em 1999 num hangar de aviação.

Plenamente integrado no calendário cultural anual da capital da Islândia, o Iceland Airwaves é promovido e produzido pela empresa Sena, com o apoio da Icelandair – patrocinadora desde a fundação – e a cooperação da cidade de Reykjavík.

Björk já se apresentou algumas vezes no Airwaves, festival que agita e dá vida à cidade: as apresentações se estendem por lojas de discos, museus de arte, bares, igrejas, clubes noturnos e outros locais. O festival não se concentra num lugar só, mas as apresentações situam-se a curta distância umas das outras.

Desde 2020, a equipe produtora ampliou a abrangência do festival, criando concertos como Björk Orkestral e apresentações em *live stream* chamadas Live from Reykjavík, visando apoiar a indústria musical local e criar mais oportunidades para o público conhecer a música islandesa.

[icelandairwaves.is](http://icelandairwaves.is)



# SEUS SONHOS NÃO TÊM LIMITE. POR QUE O SEU CARTÃO TERIA?

Vai montar um novo apê? American Express® está com você.  
Por isso, o Cartão Amex não tem limite preestabelecido de despesas.  
Já pediu seu Amex? [amex.com.br](https://amex.com.br)



SIGA AMEX  
NO INSTAGRAM  
PARA NOVIDADES  
E OFERTAS.

NÃO viva a vida SEM O SEU™



[amex.com.br](https://amex.com.br)

Instagram: @amexbr

Aplicam-se Termos e Condições. Benefício elegível para os Cartões Green, Gold e The Platinum®. Para mais informações a respeito das políticas de limite dos Cartões, entre em contato com o seu banco emissor. American Express é uma marca registrada da American Express.



# A bordo

De relógio com GPS a palmilhas aquecidas, as novidades que facilitam a vida dos viajantes

POR DANIEL JAPIASSU

## PENSE NO PLANETA

A linha Aviator é uma das mais badaladas da Paravel, marca sinônimo de bagagem de mão sofisticada, resistente e sustentável. A fábrica garante compensar a emissão de carbono de todo o processo de produção e também da primeira viagem realizada por seus clientes. O forro, por exemplo, é feito com 15 garrafas PET recicladas; e o alumínio vem de aviões aposentados.

[tourparavel.com](http://tourparavel.com)



## PARA QUEM QUER EXCLUSIVIDADE

Conheça o cartão C6 Carbon, o Mastercard® Black do C6 Bank. Acumule pontos que não expiram. São 2,5 pontos a cada US\$ 1 gasto na função crédito. O cartão pode ser preto, prata, *champagne*, rosa, azul e vermelho, você escolhe! E você também escolhe o nome que vem impresso nele (que tal o seu apelido em vez do nome?). Outra vantagem são os seis cartões adicionais sem custo e a isenção da anuidade para quem gasta a partir de R\$ 8 mil/mês. Com o C6 Carbon você ainda tem acesso a salas VIP em aeroportos e aproveita as vantagens Mastercard® Black.

[c6bank.com.br](http://c6bank.com.br)



## NO COMANDO DA AVENTURA

Para você não se perder nunca, seu melhor companheiro de viagem é o Garmin Fenix 5, *smartwatch* multiesportivo com GPS de alta precisão. Ele vem com caixa de 42 mm, 47 mm ou 51 mm de diâmetro e tem design robusto, com moldura, botões e caixa traseira de aço inox. Os sensores externos incluem recepção de satélite de GPS. O Fenix 5 também sai de fábrica com bússola de três eixos, giroscópio e altímetro barométrico. Ah, e é *waterproof* até 100 metros de profundidade. Um aventureiro nato!

[buy.garmin.com](http://buy.garmin.com)

## VINHO PORTÁTIL

Esta é para quem não dispensa uma certa elegância mesmo no meio da trilha. A Menu Baggy Winecoat é exatamente o que o nome em inglês sugere: uma bolsa para vinho. Feita de náilon resistente, ela mantém a temperatura do tinto sempre perfeita – e com o *ice pack*, que também faz parte do conjunto, o vinho branco, *rosé* e até o espumante permanecem fresquinhos. Cheers!

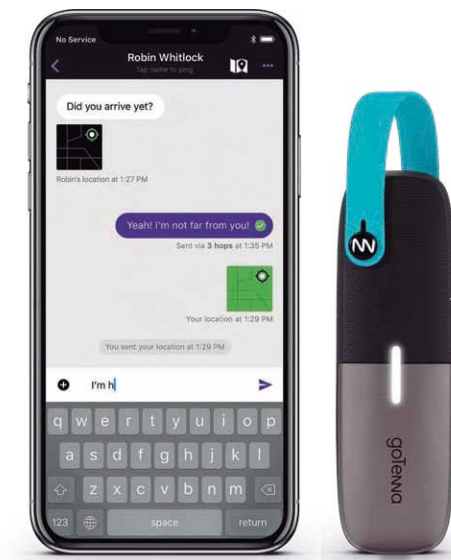
[jebiga.com](http://jebiga.com)



## SEMPRE CONECTADO

Sabe aquelas horas em que você tenta achar um sinal de celular e não encontra? Isso não acontece com quem sai de casa com o goTenna Mesh. Ele é pouco maior do que um *pendrive* e funciona como roteador de internet móvel. Basta baixar o app no *smartphone* e parear via Bluetooth. O site da marca tem um mapa com todas as cidades que já contam com cobertura.

[gotennamesh.com](http://gotennamesh.com)





### PRONTA PARA TUDO

Para quem gosta de durabilidade e praticidade ao viajar, as malas da japonesa Proteca são uma das melhores opções do mercado. Esta da foto é a MaxPass 3, de bordo, que vem com sistema de abertura frontal para *notebooks*. Feita inteiramente de resina de polycarbonato híbrido, ela é à prova de quedas e tem rodas de borracha ultramacia, que ajudam a deslizar em qualquer superfície. Todos os modelos contam com cadeados embutidos TSA Lock.

**proteca.jp**



### BEBIDA ILUMINADA

Só a VSSL Gear para unir o útil ao agradável de uma forma tão original. A Flask Flashlight, produzida em aço inoxidável ultrarresistente, é uma garrafa para bebidas – aquele *scotch* fundamental ao redor da fogueira – que vem com copinho dosador embutido. E, do outro lado, traz uma poderosa lanterna e kits de sobrevivência e primeiros socorros.

**vsslgear.com**



### PÉ QUENTE, CABEÇA FRIA

Os adeptos de aventuras glaciais vão gostar das palmilhas termoaquecidas da ThermoCELL. Elas vêm em diversos tamanhos e cores, são recarregáveis por meio de células solares ultrafinas e flexíveis de íon de lítio e contam com controle remoto de temperatura. Uma vez ligadas, têm autonomia de até cinco horas. A marca é especializada em acessórios *outdoor*.

**amazon.com**



### LONGO ALCANCE

A Canon Powershot Zoom é a aposta da tradicional marca japonesa de câmeras fotográficas para tentar recuperar o espaço perdido para os *smartphones*. E vem fazendo sucesso. Com design futurista e apenas 145 gramas, a miniluneta tem sensor CMOS de 12,1 MP, que trabalha em conjunto com o processador DIGIC 8, tendo capacidade para gravar vídeos em Full HD. O zoom óptico vai de 100 mm a 400 mm, e o digital alcança até 800 mm.

**loja.canon.com.br**



*Viagens transformam  
a sua paisagem interior.*

Stay alive. Be

UNQUIET





#### VAI UM CAFEZINHO AÍ?

Parece coisa de maluco, mas tem gente que não dispensa um expresso nem pendurado na face norte do Everest! Foi pensando nessa turma que a Wacaco criou o Minipresso GR, máquina portátil que funciona com café moído. Basta ao aventureiro colocar água no recipiente, completar com os grãos de seu café preferido e apertar o pistão algumas vezes. O resultado vai do *ristretto* ao *caffè lungo*, sempre com qualidade e muita sofisticação.

**wacaco.com**



#### BOAS TRILHAS

A marca suíça On Running é uma das queridinhas dos atletas da aventura. Principalmente seus tênis, criados para trilhas e caminhadas radicais. Este da foto é o modelo Cloud Hi Edge Defy, edição limitada inspirada nos Alpes. É à prova d'água e tem 30% de material reciclado. O sistema de amortecimento garante estabilidade total, e o forro com toque macio (obra da camurça vegana) mantém seus pés aquecidos mesmo em dias gelados.

**on-running.com**



#### CALORZINHO GOSTOSO

Tem jaqueta que mantém (e bem) o calor do corpo, e tem a Ororo Hooded Heated Jacket, que, literalmente, aquece o ser humano. Ela vem com três serpentinas alimentadas por uma pequena bateria de íon de lítio, e o controle fica perto do bolso com zíper, na altura do ombro. A autonomia é de três horas em alta temperatura, seis em média e dez em baixa.

**ororowear.com**

#### BOM COMPANHEIRO

É cartão de crédito? Dá para passar no débito? Não, é o Cardsharp 2, canivete com design peculiar, criado por Iain Sinclair, e originalmente concebido como acessório cirúrgico de paramédicos. Mas o sucesso foi tamanho que ele se tornou companheiro de aventureiras e aventureiros do mundo inteiro. Vem com trava de segurança à prova de crianças, corpo de polipropileno e lâmina ultra-afiada de aço inoxidável com 65 mm de comprimento.

**iainsinclair.com**



*Viajar transforma quem você é.*

*Stay alive. Be*

UNQUIET



# Alto padrão

Com condições especiais e atendimento premium, a BMW leva esportividade e tecnologia para clientes corporativos



**A**s decisões corporativas precisam ser feitas com a razão. Disso ninguém discorda. Mas a BMW coloca uma boa dose de emoção nesse cenário. Tudo começa com a grade dupla que identifica o DNA da marca desde os anos 1930, passa pela aerodinâmica e design, que são referências dentro e fora do mercado automobilístico, e se completa com desempenho, tecnologia e conforto, que transformam o carro em uma proposta customizada e repleta de personalidade.

Não por acaso, a BMW é uma parceira de valor para empresas de todas as áreas e tem o mais completo programa de vendas corporativas e especiais do mercado, entregando soluções customizadas. Por conta disso, a decisão de uma empresa por modelos BMW é a melhor junção de racionalidade e paixão.

O programa atende clientes e pessoas jurídicas, produtores rurais e diplomatas. Ele oferece tabela de preços diferenciados e planos de financiamento especiais, canal *premium* de atendimento, ampla gama de modelos com opções de carros *plug-in* híbridos, elétricos e à combustão.

Um dos principais benefícios é o BPS, programa de certificação de veículos seminovos. Isto porque os modelos BMW têm uma das menores depreciações do segmento. O cliente, portanto, tem a segurança de contar com maior valor de revenda do seu BMW.

No segmento rural, por exemplo, a marca tem planos para pessoas e empresas com atuação no agronegócio, com faturamento direto da fábrica. Já o programa para diplomatas atende as necessidades de embaixadas, consulados e organismos internacionais, com benefícios exclusivos. Sediado em Bra-

sília, o Diplomatic Sales Competence Center (DSCC) tem cobertura nacional para veículos importados.


O programa de vendas corporativas e especiais oferece, por exemplo, um *test-drive* executivo para as marcas BMW, MINI e BMW Motorrad. Os veículos são entregues nas empresas com prazo estendido, com explicações de especialistas da BMW.

Ao se deparar com o *line up* da marca, o cliente corporativo tem a certeza de que vai encontrar a melhor solução no segmento *premium*. De sedãs sofisticados e esportivos a SUVs robustos e *plug-in* híbridos, além da possibilidade de optar pelo programa BMW Protection, que oferece blindados com a qualidade BMW, mantendo a garantia de fábrica.

Outro diferencial importante é a possibilidade de contratação do BSI (BMW Service Inclusive), pacote de manutenção inclusa que permite previsão e redução de custos. Além disso, é uma valiosa ferramenta para gestão de frota.

No quesito de eletrificação, a BMW é referência no segmento. Nessa mobilidade mais sustentável, vale destacar o carregador BMW Wallbox, que permite uma recarga eficiente e intuitiva. Esse item vem com os modelos híbridos e elétricos e conta ainda com 269 pontos de recarga no país, como rodovias e shoppings.

A marca ainda tem soluções na palma da mão com o My BMW App. Trata-se de um aplicativo que permite realizar funções remotas no carro. É possível até ventilar o interior do veículo ou ainda pesquisar destinos no celular para enviar direto para o navegador. Nos modelos eletrificados, o usuário pode verificar a carga da bateria.

Com o seu programa de vendas corporativas, a BMW garante ao seu cliente B2B uma boa experiência, da decisão de compra ao pós-venda. E o melhor: a bordo de um BMW. 



Para saber mais sobre o programa de Vendas Corporativas BMW, consulte um concessionário da sua preferência ou acesse o site:

[www.bmw.com.br/ vendas corporativas](http://www.bmw.com.br/ vendas corporativas)

Descubra todas essas vantagens pelo QR Code.

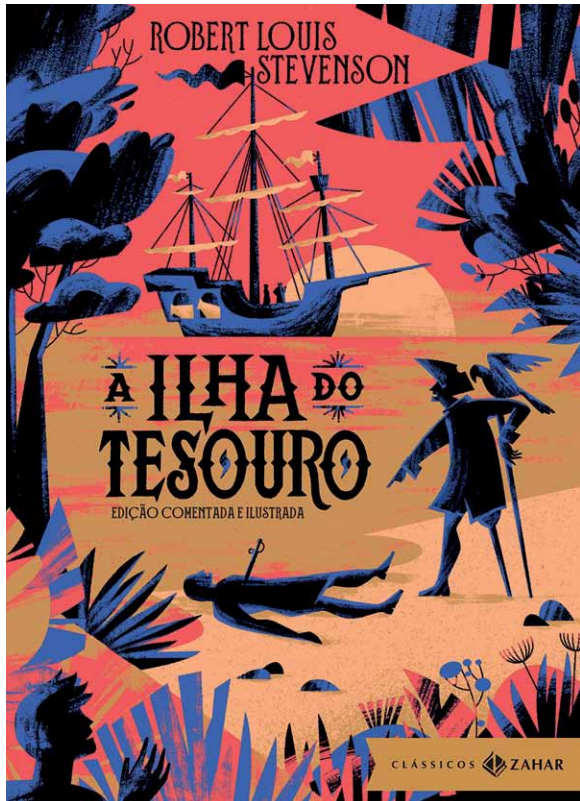


# SEM SAIR DA POLTRONA

*Conhecer o mundo pelos olhos e experiências alheias também é um jeito maravilhoso de viajar*

POR ZECA CAMARGO

Mesmo quando não podemos nos mover... nossa mente viaja. E, para esses trajetos, nada melhor do que um bom livro. Autores de várias épocas e vários lugares já fascinaram leitores do mundo inteiro e de todas as idades com suas narrativas. De Marco Polo a Charles Darwin, de Jack Kerouac a Bruce Chatwin, somos presa fácil para uma boa história *on the road* ou *by the sea*. Por isso, para manter a cabeça sempre UNQUIET, aqui vai uma seleção de boas leituras e bons itinerários.

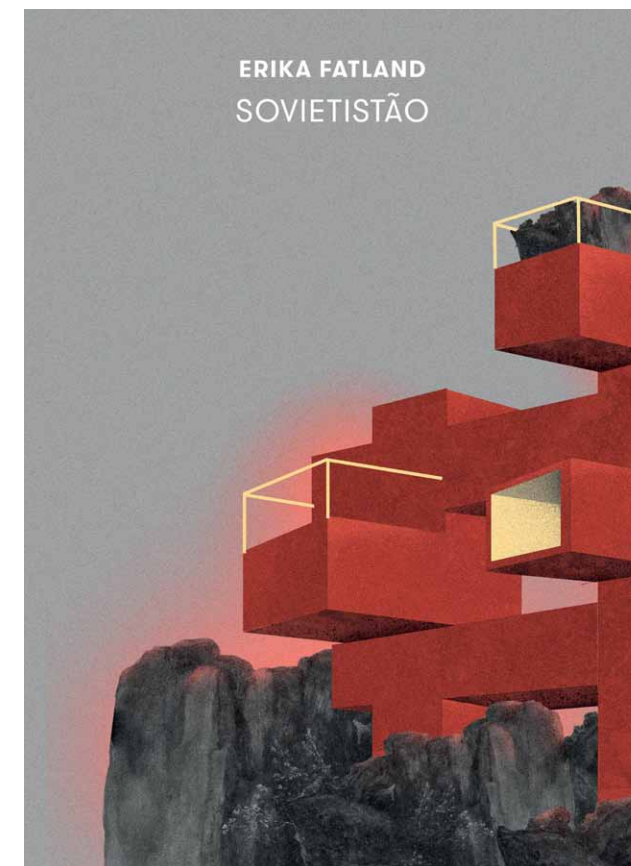
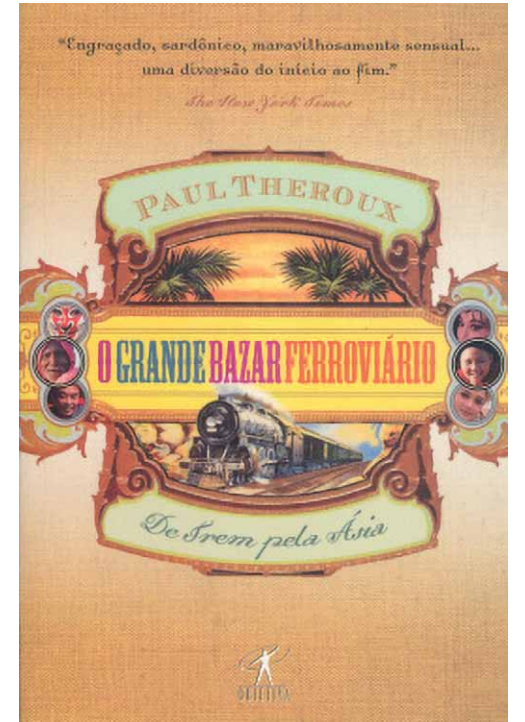


## A ILHA DO TESOURO Robert Louis Stevenson (Zahar)

Todo viajante que se preze leu um dia *A Ilha do Tesouro*. Chamar de clássico é até diminuir esse título que é a matriz para toda aventura de quem um dia sonhou sair de casa em busca do desconhecido. Basicamente é a história de um menino simples, Jim Hawkins, na Inglaterra do século 19, que de um encontro com outra figura que se tornou clássica (graças a esse romance), o “velho lobo do mar”, parte para os oceanos em busca de um tesouro. Mas isso é só o básico... A delícia de ler Stevenson está em abraçar o ritmo incansável da aventura. Muita fantasia – e um pouquinho de realidade. Essa é a fórmula que o livro aperfeiçoou para encher a alma de qualquer adolescente de imaginação, menino ou menina! E fazer a gente sonhar que é possível viver uma história inesquecível, desde que a gente esteja disposto a... sair por aí!

## O GRANDE BAZAR FERROVIÁRIO Paul Theroux (Companhia das Letras)

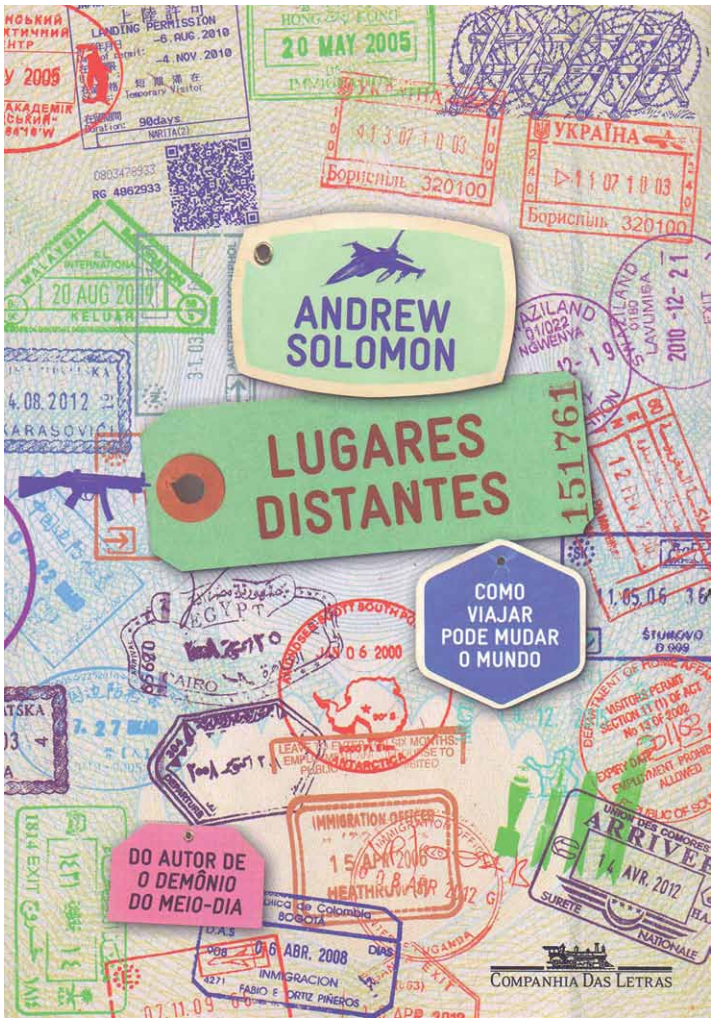
Todo mundo que pensa em escrever sobre viagens precisa ler essa obra-prima dos anos 1970. Há uma certa nostalgia em ler sobre uma viagem (na verdade, várias) sobre trilhos. Sim, trens são coisas do passado, mas que se reinventaram, como o próprio Expresso do Oriente ou os trens-bala japoneses. Theroux tem vários livros sobre o assunto, mas esse é seu trabalho mais vibrante. Não só pela diversidade das estações por onde passa – Malásia, Turquia, Itália, Rússia (sim, a Transiberiana está lá em todo o seu esplendor e a sua decadência) e Londres. Mas também pela riqueza das cenas e personagens, descritos de maneira tão viva que é como se ele tivesse inventado o Instagram décadas antes de as redes sociais existirem.



## SOVIETISTÃO Erika Fatland (editora Âyiné)

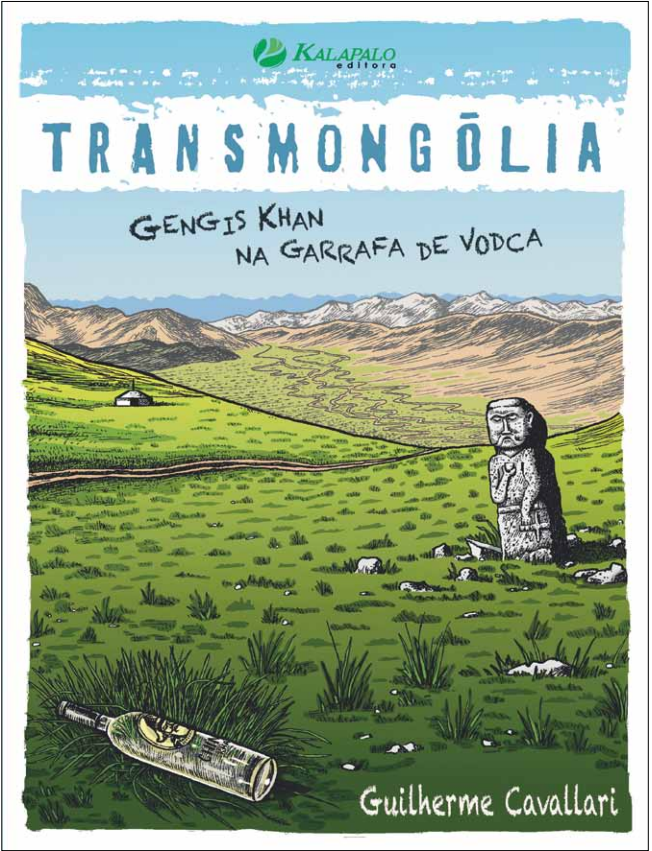
A obra conta a peregrinação da jornalista norueguesa pelos cinco “istões” da antiga União Soviética: Cazaquistão, Turcomenistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão. Longe de atravessar paisagens e culturas homogêneas, ela descobre uma parte do planeta onde a diversidade é abundante e os clãs, infinitos e persistentes. Os soviéticos até tentaram impor uma uniformidade à região, mas o que o relato de Fatland deixa claro é que séculos de tradição não são fáceis de dissolver. Suas descobertas são fascinantes, mesmo para quem já visitou esses países. Navegando entre regimes absurdamente ditatoriais, paisagens dramáticas e histórias muito humanas, *Sovietistão* oferece a melhor “viagem de poltrona” para estes tempos em que nosso desejo maior está temporariamente suspenso.





**LUGARES DISTANTES:  
COMO VIAJAR PODE MUDAR O MUNDO**  
**Andrew Solomon (Companhia das Letras)**

Solomon ficou conhecido com um tratado moderno sobre a depressão (*O Demônio do Meio-Dia*) e a cada novo livro surpreende com a escolha dos temas. Seu mais novo trabalho é exatamente sobre viagens, ou, ainda, como elas podem ser transformadoras. O turista tarimbado já sabe disso, mas o autor vai além para nos provar que as transformações ultrapassam a experiência pessoal. Os países que visita – Romênia, Taiwan, Líbia, Mongólia e até o Brasil – são apresentados como novos em retratos dos habitantes que Salomon cruza. Cada escala nos remete a uma reflexão diferente. Fascinante como ele consegue aproximar a experiência de viajar nem tanto pelos monumentos ou pela história do lugar, mas pelo lado humano de cada pessoa que descreve. Você nunca mais vai viajar da mesma maneira, quer apostar?

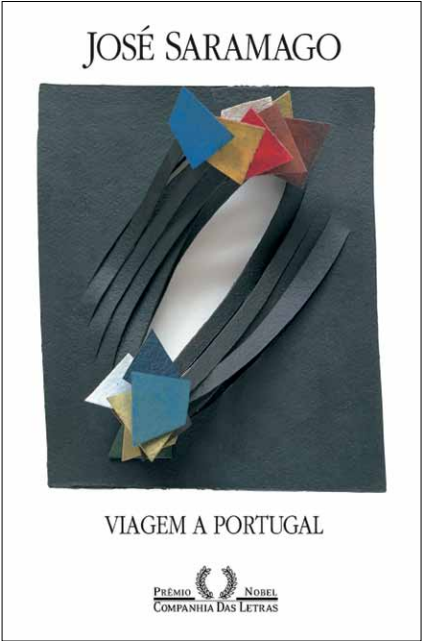


**TRANSMONGÓLIA: GENGIS KHAN NA GARRAFA DE VODCA**  
**Guilherme Cavallari (Kalapalo Editora)**

Numa cultura em que a maioria da população é nômade, a arte da hospitalidade é fundamental. Aliás, nem seria possível um ciclista circular por quase três meses pela Mongólia se ele não contasse com a hospitalidade farta daquele povo. Como Cavallari conta no seu livro de tirar o fôlego (afinal, ele rodou mais de 3 mil quilômetros de bicicleta!), havia sempre um *ger* de portas abertas para receber o aventureiro. Esse é o nome que os mongóis dão às tendas que montam e desmontam com inacreditável agilidade toda vez que uma família decide que é hora de procurar outro canto para viver. A natureza na Mongólia pode ser cruel – desertos escaldantes de dia e gelados de noite. As árvores, sempre escassas. Mas há uma beleza a ser desbravada, e Cavallari nos ajuda a explorar parte dela.

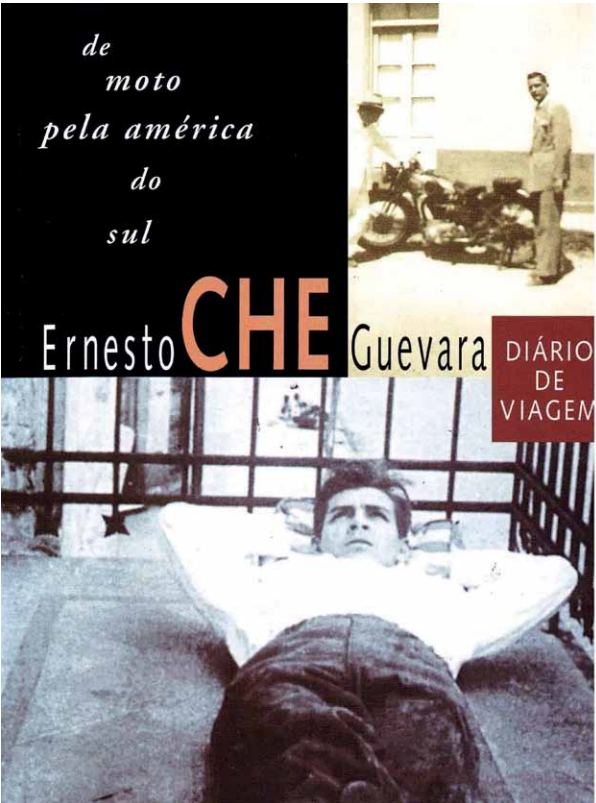
**VIAGEM A PORTUGAL**  
**José Saramago (Companhia das Letras)**

Por mais que você conheça bem Portugal, por mais que se apaixone pelo país a cada vez que passa por lá, dificilmente você vai descrever seu povo e sua cultura – que falam tão de perto à alma do brasileiro – como o grande mestre Saramago. Premiado com um Nobel de literatura, ele descreve cantos óbvios e inesperados da paisagem portuguesa. É também, inevitavelmente, uma jornada pela história, pois geografia e memória se misturam por lá como em poucos lugares do mundo. Longe de ser didático, porém, *Viagem a Portugal* tem o tom de uma conversa informal. Com palavras preciosas de um autor mundialmente reconhecido, é verdade. Mas com a intimidade que só os grandes diários podem oferecer. Você conclui a leitura como quem fez um bando de novos amigos.



**DE MOTO PELA AMÉRICA DO SUL**  
**Ernesto Che Guevara (Sá Editora)**

Talvez você tenha visto o filme *Diários de Motocicleta*, dirigido pelo sempre preciso Walter Salles. Por isso mesmo a leitura do roteiro que Che fez entre a Argentina e a Venezuela em 1952 (com o amigo Alberto Granado) merece ser apreciada por inteiro. Com isso, entramos na mente de um dos grandes heróis revolucionários da nossa história moderna. Che é sem dúvida uma figura controversa. O interessante desse registro, contudo, é ver como o trajeto foi formando a mente da figura que, alguns anos mais tarde, mudaria a história. Trata-se de um diário bem íntimo, anotações que talvez não tivessem o objetivo de se tornar um livro. Por isso mesmo, entretanto, seu relato é tão verdadeiro.

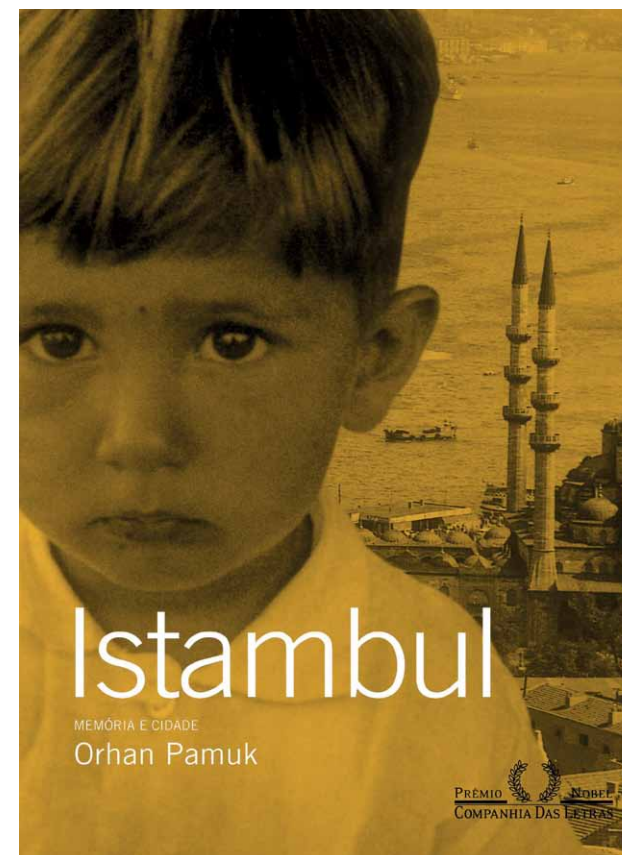
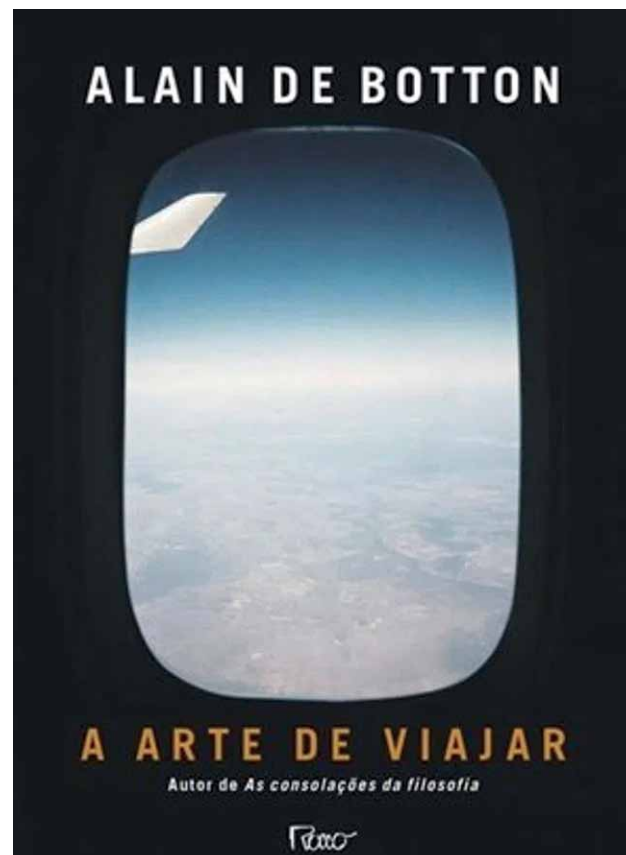




## A ARTE DE VIAJAR

Alain de Botton (Editora Rocco)

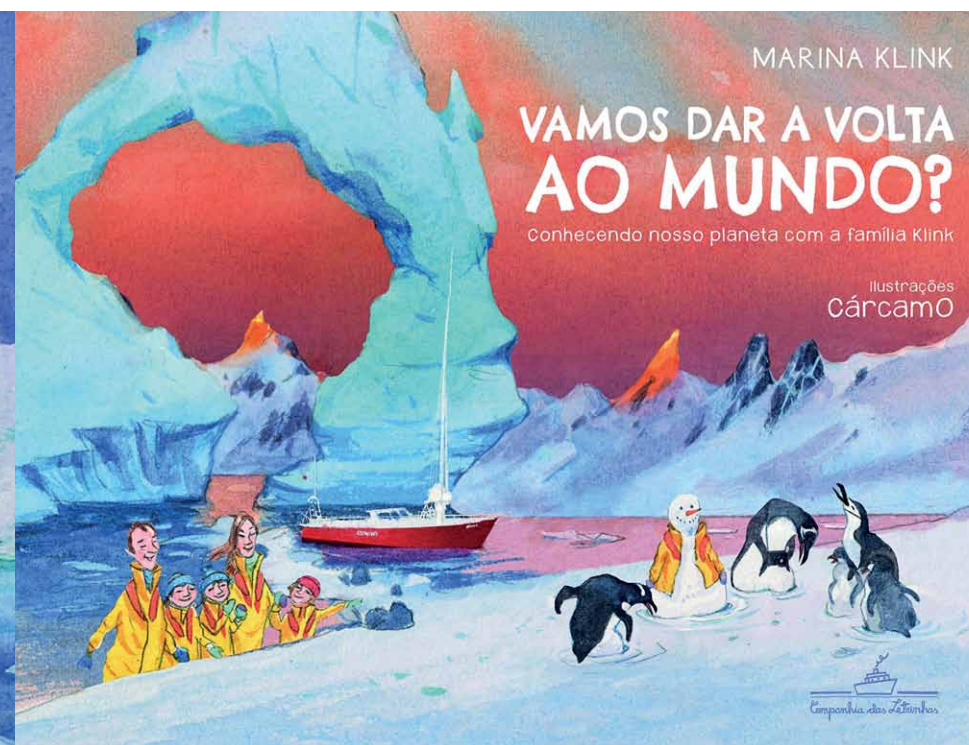
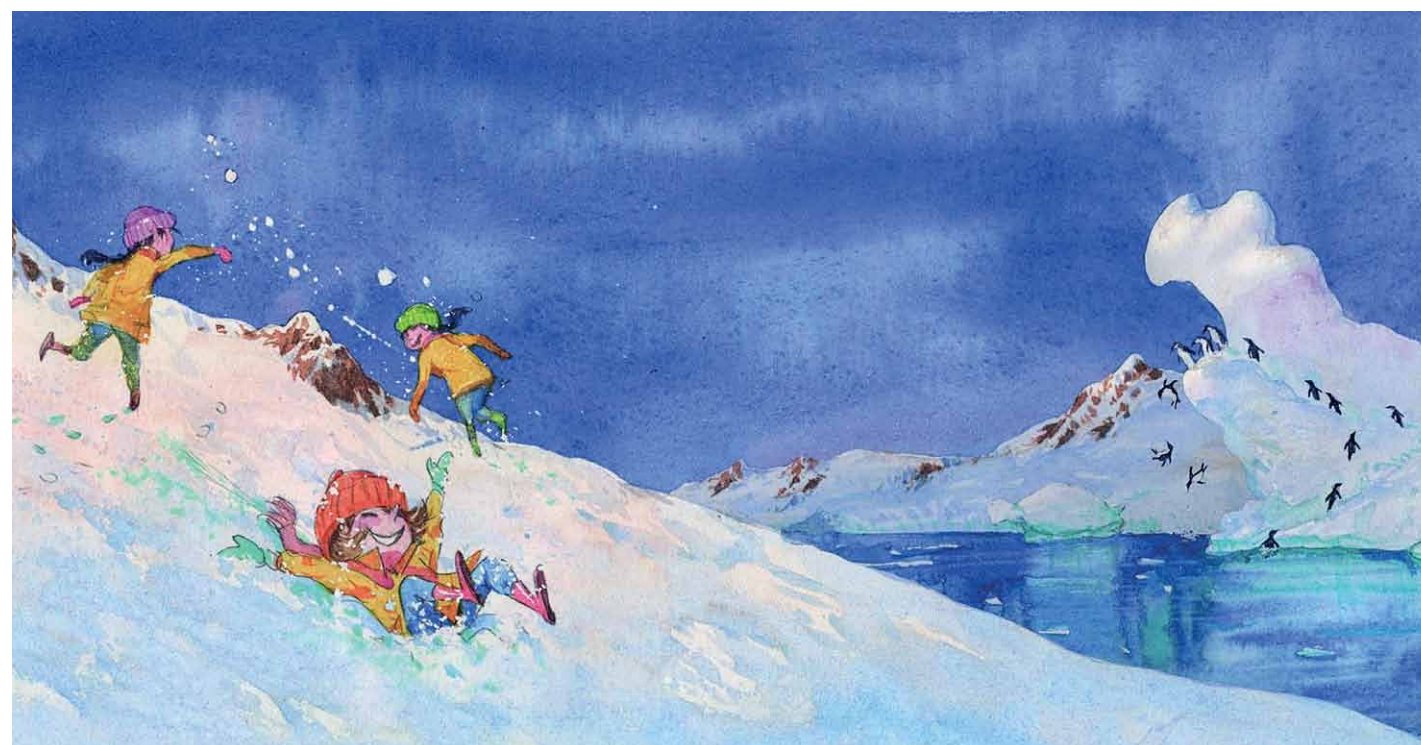
Filosofia combina com movimento? Muito, se você deixar seu guia ser o suíço Alain de Botton. Misturando as grandes ideias da humanidade com destinos insólitos e pequenas inspirações de exploradores famosos, De Botton nos convida a olhar para fora de um jeito inédito. Basicamente viajamos por lazer, curiosidade, formação e até por uma oportunidade de emprego, certo? Mas há muito mais. De buscas espirituais à descoberta do sublime (que tem a ver, já adianto, com muito mais do que simplesmente uma série de suspiros de êxtase), os motivos que nos inspiram a descobrir novos lugares são infinitos. E que prazer ter o filósofo com a gente para traçar novos itinerários. Melhor ainda, depois de descobrir inspirações tão inesperadas, chegar à conclusão final: ao viajar, estamos mesmo é à procura da beleza!



## ISTAMBUL

Orhan Pamuk (Companhia das Letras)

O grande escritor turco certamente não pensou em escrever *Istambul* como um guia turístico. O livro é uma grande e preciosa coleção de memórias. Elas começam na infância do autor, no antológico edifício Pamuk (construído para que a família morasse junta nele), e vão para trás e para frente no tempo. Juntam histórias de toda a civilização turca a retalhos delicados da evolução do romancista como menino, adolescente, adulto, escritor. Mesmo quem conhece bem a antiga Constantinopla, porém, pode ler *Istambul* como um guia de curiosidades. Ou então simplesmente como uma carta de amor pela cidade, assinada por outro premiado com o Nobel de literatura.



## VAMOS DAR A VOLTA AO MUNDO?

Marina Klink (Companhia das Letras)

Quem resiste a um convite desses? Se a ideia já mexe com a cabeça dos adultos, imagine com a das crianças! Quem leva a meninada para essa viagem é Marina Klink. Como fotógrafa – e mulher – do grande velejador Amyr Klink, ela cruzou diversas vezes o planeta em família. Ou seja: é uma especialista no que diz respeito a sair por aí neste mundão... Uma delícia de livro para crianças e jovens que começam a se inquietar para descobrir o mundo. E para adultos também. 📍





# Espanha Verde

*Muito além da natureza: uma jornada pelo surpreendente norte do país*

A viagem começa em San Sebastián e acaba em Santiago de Compostela. Ou seja, se inicia na cidade espanhola mais incensada pela gastronomia e termina na mais lendária catedral do país.

San Sebastián, no País Basco, coleciona a proeza de 16 estrelas no *Michelin*, embora tenha só 186 mil moradores. Isso equivale a uma estrela para cada 11 mil habitantes. A cidade é famosa pelos *chefs* Juan Arzak, Pedro Subijana e Martin Berasategui, entre outros. Já Santiago de Compostela, na Galícia, por sua vez, vem sendo um ponto final de peregrinações há mais de um milênio, graças ao apóstolo

homenageado no nome. Um lugar sagrado.

Entre uma cidade e a outra, o viajante envereda por outros dois estados plenos de atrações: Cantábria e Astúrias. Ao todo, são 678 quilômetros percorrendo o norte da Espanha, região onde o firme azul do mar contrasta com uma orla verdejante, esplendorosa. É a Espanha Verde, região com 14 reservas da Biosfera da Unesco e 25 parques naturais. Um pedaço do mundo em que a sustentabilidade não é só retórica, mas uma prática.

Você pode muito bem perfazer esse caminho de automóvel. As estradas são impecáveis. Idem para os hotéis – incluindo os *paradores*, instalados



A Praia do Silêncio, nas Astúrias (na página ao lado), a Catedral de Santiago de Compostela (no alto) e o tradicional Polvo à Galega (acima)

em prédios históricos. Ao longo do trajeto, haverá sempre vinhos de La Rioja, sidras asturianas e bascas, além de gastronomia de primeiríssima, a começar pelo *jamón* (presunto) e os tira-gostos, chamados de *tapas* (ou de *pintxos*, no País Basco). Para tudo terminar nos deliciosos frutos do mar vindos das águas frias da Galícia. Prepare-se para as ostras, vieiras e mexilhões em profusão. São considerados os melhores do mundo.

Se preferir alto padrão e facilidade de transporte, você pode percorrer esse mesmo trajeto no exclusivo trem Costa Verde Express. Trata-se de um comboio de altíssimo padrão e reservado a poucos passageiros, com suítes confortáveis e cujo *décor* remete à *belle époque*. A cada parada, um ônibus com guias experientes leva os viajantes aos pontos principais.

Isso significa admirar o melhor do País Basco, Cantábria, Astúrias e Galícia sem se preocupar com os deslocamentos. Gosta de arquitetura? Em Bilbao, desponta o futurismo do Museu Guggenheim, desenhado por Frank Gehry. Já em Comillas, cintila o palacete Capricho, da lavra de Antoni Gaudí, enquanto em Santillana del Mar seu queixo cairá diante do centro histórico medieval. Bem perto, há outra maravilha: a Caverna de Altamira, considerada a Capela Sistina da Arte Rupestre, com desenhos de mais de 14 mil anos. Todos esses lugares estão no roteiro, claro.

Quem aprecia o agito adorará a Playa de San Lorenzo, em Gijón, ou uma noite do El Gran Casino, em Santander. Os fãs da natureza, por seu turno, ficarão fascinados com o impressionante Desfiladeiro de La Hermida, com o Parque Nacional de Los Picos de Europa e as espetaculares formações rochosas da Playa de Catedrales, em Ribadeo. Vale lembrar que estão no roteiro, ainda, cidades como Oviedo (repleta de praças e parques), Arriondas (da imperdível Basílica de Covadonga, com suas grutas naturais) e Candás (o lugar certo para degustar uma caldeirada ao lado do porto histórico).

De trem, você pode escolher se prefere rumar da gastronômica San Sebastián até a divina Santiago de Compostela ou fazer justamente o trajeto inverso. Decida. Em um caso ou no outro, será sempre uma viagem inesquecível, para satisfazer o corpo e o espírito. 📍

[spain.info](http://spain.info)





## Reis da estrada

*Triumph Riding Experience promove viagens e cursos para clientes e fãs*

Uma famosa fabricante de motocicletas pode ser uma plataforma de experiências? A Triumph prova que sim e vai além. Criou o Triumph Riding Experience (TRX) para realizar cursos, viagens, aluguel de motos e passeios. São experiências no Brasil e no mundo na medida do sonho de cada cliente. Sonhos que se tornam aventuras de verdade.

“Desde a criação do TRX, mais de 16 mil clientes já participaram das nossas atividades e experiências. Este é um pilar da nossa marca e um grande diferencial no mercado brasileiro”, conta André Molnar, gerente de Marketing da Triumph no Brasil.

Iniciado em 2013, o serviço de experiências da Triumph do Brasil promove *tours* de 3 a 14 dias em destinos como serra do Rio do Rastro, estrada Real, Pantanal, Atacama, Patagônia, Machu Picchu, Califórnia e Rota 66, Islândia e Alpes. “O sonho de todo motociclista é pegar a sua moto e cair logo na es-

trada”, afirma Pablo Berardi, chefe do TRX. Porém, a empresa garante segurança e conforto para seus viajantes muito antes de a jornada começar. “É uma operação oficial da marca e tudo é feito com o máximo controle.” Não por acaso, a empresa já atendeu quase mil clientes (entre pilotos e garupas) e realizou 90 viagens nacionais e internacionais.

O TRX opera com no máximo dez motos. Com esse número, a empresa tem o controle do grupo, que se torna muito mais homogêneo e próximo. Além disso, o suporte pode ser mais personalizado e respeita-se o ritmo de cada um. Na frente, vai um guia profissional com treinamento da fábrica, certificação avançada de pilotagem, primeiros socorros e mecânica. Todos são rastreados via satélite. No final do comboio, está o carro de apoio que leva toda a bagagem. Quando chega ao hotel, a sua mala está no quarto e o *check-in* está feito. “Um dos grandes benefícios de fazer uma viagem com o TRX, além de toda a nossa experiência com o moto-



Viagens pelo Salar de Uyuni, na Bolívia (página ao lado), e por Ushuaia, na Argentina (ao lado), cursos de pilotagem (centro) e uma jornada pela costa do mar Adriático

turismo e pilotagem, é aproveitar o melhor do destino sem perder tempo por falta de conhecimento do roteiro e sem correr riscos”, afirma Berardi.

As viagens do TRX são divididas em três categorias: “Extreme”, “Budget” e “Experience”. Para o “Extreme”, pode haver maior quilometragem diária e mais trechos de *off-road*. Os programas permitem a participação com motocicleta própria ou uma Triumph alugada (com no máximo seis meses de uso). O cliente tem à disposição a Bonneville T100, versões da Tiger 800, a nova Tiger 900 e Tiger 1200.

O mais incrível são as possibilidades. Até porque o viajante pode escolher entre pilotar pelo Salar de Uyuni, na Bolívia, ou andar de *snowmobile* em busca da aurora boreal no deserto Ártico da Suécia, com pernoite em um hotel de gelo. Aliás, a marca ainda tem o Adventure Experience, centro global de experiências no País de Gales com um espaço exclusivo para a Triumph receber seus clientes e fãs.

Além das viagens nacionais e internacionais, o TRX oferece módulos de cursos de pilotagem. Do básico ao avançado, existem alternativas de On Road, Off Road e até Mecânica – a poucas horas de São Paulo. Os clientes também fazem viagens “bate-volta”, com saídas das concessionárias. Eles pilotam uma motocicleta Triumph até um destino próximo, almoçam no local e retornam – sempre com guias e apoio do TRX. Também estão disponíveis a modalidade somente para mulheres e o curso de motos clássicas. Foram 2.700 clientes treinados em 120 edições dos cursos em pouco mais de sete anos.

Em uma história centenária, a Triumph reuniu uma legião de fãs. Existem aqueles que são apaixonados pela Thunderbird T6 que Marlon Brando pilotava em *O Selvagem* (1953) ou pela Bonneville de Clint Eastwood em *Meu Nome É Coogan* (1968). Ou os mais jovens que desejam ver a Triumph Scrambler em ação no novo filme de James Bond. O TRX se tornou um capítulo importante desse legado por possibilitar a cada fã a sua própria aventura. Pode ser na paisagem única do deserto do Atacama ou nas incríveis curvas da serra do Rio do Rastro. A marca criou uma comunidade de viajantes que une a paixão pela estrada e o prazer da jornada. Todos estão convidados a fazer parte dela. 📍

[triumphexperience.com.br](http://triumphexperience.com.br)



# SUSTENTABILIDADE

## COOPERAÇÃO E AMOR

*Com base nesses dois pilares, a Fundação Almerinda Malaquias mudou a vida de uma comunidade ribeirinha no Amazonas*



O suíço Jean-Daniel Vallotton chegou em 1991 como visitante a Novo Airão (AM) e conheceu um projeto de geração de renda baseado na marcenaria, com o aproveitamento de resíduos de madeira da construção naval. Ideia de Miguel Rocha, empresário e guia de ecoturismo da região: ele incentivava os ribeirinhos a fazer miniaturas do catuqui, um barco local. Em pouco tempo, os habitantes perceberam: poderiam não só aproveitar a matéria-prima desperdiçada, como sustentar-se com o artesanato.

Alugando o barco de Miguel para ir até Parintins, Jean-Daniel conheceu seu trabalho e se interessou. Sua formação em marcenaria levou-o a se envolver ativamente, criando no ano 2000 a FAM, Fundação Almerinda Malaquias, nome dos pais de Miguel.

Também conheceu Marta, filha de Miguel, por quem se encantou e com quem se casou. Além de cofundadora, Marta Vallotton está envolvida com a área de educação da instituição.

Na Suíça, Jean-Daniel reuniu amigos e criou a associação Ailleurs Aussi. Passou três anos lá, organizando tudo e comprando máquinas que garantissem maior produtividade na confecção de produtos em marchetaria. Isso trouxe um desenvolvimento inédito para a comunidade de Novo Airão.

Hoje, o trabalho de geração de renda – a Associação de Produtores Nov’Arte – inclui o artesanato em madeira e a produção de sabonetes e itens de reciclagem de papel, estes dois trabalhos reservados para mulheres. No total, 40 famílias beneficiam-se diretamente da venda dos produtos,



A madeira que sobrava nos estaleiros de Novo Airão agora alimenta um novo ciclo econômico, que inclui a arte da marchetaria



disponíveis numa loja na FAM e também online.

Um desafio para a fundação foi transmitir a educação ambiental às crianças, essencial para que conheçam a importância da Amazônia. Isso está sendo feito depois das aulas, com o apoio da rede municipal de ensino. “As crianças se sentem amadas”, explica Jean-Daniel. “Os pais dizem que elas estão melhor ali do que em casa no período de lazer.” Outro programa educacional, o Pro-Futuro, recebe jovens entre 13 e 18 anos que frequentam o Espaço Ekobé, um centro de estudos sobre o ambiente.

O fim da década de 2000, com a crise econômica, representou um obstáculo duro para a FAM. Foi quando Ruy Carlos Tone, sócio da Expedição Katerre, que faz expedições pelo rio Negro, se envolveu

no projeto. Em 2015, tornou-se presidente do conselho curador da entidade. Aliás, uma das visitas dos roteiros da Katerre é a fundação.

Além da Association Ailleurs Aussi e da Expedição Katerre, a FAM conta com o apoio e o financiamento do Mirante do Gavião Amazon Lodge, do Itaú Social, da prefeitura de Novo Airão e dos governos da Suíça e do Japão. “Também fomos agraciados pela generosidade de nossos voluntários”, lembra Jean-Daniel. A meta é atuar por muito tempo como referência em assistência social e orientação para o desenvolvimento sustentável da região. Atualmente, o casal Vallotton mora num barco perto da fundação. Para fazer sua doação, acesse o site abaixo. 📍

**[fundacaoalmerindamalaquias.org](http://fundacaoalmerindamalaquias.org)**



BRASIL

# JALAPÃO

*No Tocantins uma região do tamanho de Alagoas e Sergipe  
está à sua espera, do mesmo jeito há 300 anos*

POR FLAVIA VITORINO  
FOTOS ARAQUÉM ALCÂNTARA







Tamanduá-mirim,  
veado-campeiro,  
coruja-buraqueira e  
garça-vaqueira: fauna  
do cerrado protegida  
pelo Parque Estadual  
do Jalapão

# E

xiste um lugar no Brasil onde podemos entender o real significado de fazer uma expedição. Uma região na qual a gente roda quilômetros e quilômetros e, enquanto desbrava a natureza selvagem, entende a imensidão do Brasil. Sem edifícios, sem cidades grandes, sem asfalto, ele é tão grande quanto belo: o Jalapão.

Ele fica no Tocantins, onde em 1988 nasceu o último estado brasileiro. O nome vem do tupi antigo e significa “bico do tucano” – *tukan* (tucano) + *tin* (nariz). Até então, os 277 mil quilômetros de terras desertas, esquecidas e inexploradas na divisa com Maranhão, Piauí e Bahia, eram chamados de norte de Goiás. E foi justamente a diferença entre a parte sul do estado para a parte norte, em termos de desenvolvimento, que gerou a “separação”. Dizia-se que o governo estadual, sediado em Goiânia, dava pouca atenção ao norte, quase desocupado.

Tocantins até que prosperou. Palmas, a capital, considerada a última cidade brasileira planejada (1989), tem cerca de 290 mil moradores. O estado soma cerca de 1,6 milhão de habitantes, um dos menos populosos do país: sua densidade demográfica é muito baixa – são apenas 5,58 pessoas por quilômetro quadrado, enquanto São Paulo tem 166,2 e Nova Délhi, na Índia, 5,7 mil.

## EXTREMOS E CONTRASTES

Foi sentada na porta da casa de chão batido de dona Santinha, na comunidade quilombola de Mumbuca, que soube que o nome Jalapão vem de jalapa. É uma planta típica do cerrado que ali toma formas variadas: do deserto ao oásis, da planície à serra, do brejo à caatinga, o Jalapão é assim, lugar de extremos e de contrastes.

E chegar aqui é como desembarcar no Brasil de 300 anos atrás. Os poucos habitantes mantêm intactos os rios, chapadões, dunas, nascentes, grutas e cachoeiras. Mas mesmo com águas tão cristalinas, o solo é arenoso, o clima é semiárido e a população, bastante humilde, enfrenta um cotidiano de escassez.


O chamado Polo do Jalapão, que reúne os municípios de Novo Acor-do, São Félix do Tocantins, Mateiros e Ponte Alta do Tocantins, é maior do que os estados de Sergipe e Alagoas juntos: são 34 mil quilômetros quadrados. Por isso, toda viagem para lá precisa ser encarada como uma verdadeira *road trip*. Boa parte dos caminhos não tem acesso fácil e a maioria não é asfaltada. Esqueça o posto Ipiranga, o cafezinho e a



Revoada de araras-  
canindés: a alegria  
das cores no Jalapão







A cachoeira da Velha,  
localizada no Parque Estadual,  
é a maior da região

## Tenha todo o percurso salvo no GPS em modo *off-line*, além de combustível extra para imprevistos

parada para almoço em ranchos de beira de estrada. O celular praticamente não existe aqui. Você se sente num rali. Até porque, se você não estiver num veículo 4x4, é melhor nem ir.

A partir de Palmas, são cerca de 195 quilômetros de asfalto até Ponte Alta do Tocantins, a porta de entrada. Dali, há três maneiras de seguir viagem, sempre por estrada de chão: por sua conta e risco numa viagem independente; participar de um *safari camp*; ou contratar uma operadora com guia e carro. A primeira opção exige uma grande logística e bastante tempo. É preciso que se tenha todo o percurso em GPS salvo em modo *off-line*, além de combustível extra para imprevistos. É necessário ainda um kit de estepe completo, muita água (mas muita mesmo!) e comida para o dia todo, além de reservar todos os lugares para pernoite – a não ser que sua ideia seja usar o carro como casa durante a viagem.

Os *safari camps* da operadora Korubo se inspiram nos acampamentos africanos. A hospedagem tem base fixa e dela você parte diariamente de sua tenda para os passeios. A principal comodidade, além de vivenciar uma atmosfera pouco comum entre nós, é a de não se preocupar com as refeições. Elas, aliás, são bastante elogiadas por quem escolheu se aventurar no Jalapão dessa maneira.

Minha escolha foi utilizar um guia com carro da agência Jalapão 360°. A companhia de uma pessoa que já conhece a região é fundamental. Pude decidir minhas rotas e paradas previamente. Tudo foi discutido em detalhes com eles. A começar pela duração do roteiro, que varia de dois dias a uma semana.





Cachoeira do  
Cânion Encantado  
e as dunas, uma das  
marcas do Jalapão

### PÉ NA ESTRADA

A opção foi rodar por quatro dias. Engraçado que sempre quando viajo de avião e olho pela janela, acompanhado de lá de cima as trilhas cortando as montanhas e me dá um aperto, porque sei que dali de cima não descobrimos nada. A verdade é que existe uma grande diferença entre viajar e explorar. A autonomia e a possibilidade de parar o carro em qualquer lugar tornam a viagem sempre mais interessante. E assim foi. Rodávamos cerca de 270 quilômetros por dia num 4x4 pilotado por Higor, meu guia.

Nascido na cidade mais antiga de Tocantins, Porto Nacional, ele conhece o Jalapão desde os seus 14 anos. Aos 39, é guia formado e conta suas histórias entre os longos deslocamentos de carro com a certeza de que as suas terras são as mais lindas do Brasil. E eu não conseguia discordar.

A primeira parada foi no cânion do Sussuapara, que leva este nome por conta de uma espécie de veado comum na região. Imagine uma fenda bem estreita aberta em meio a uma vereda, um curso d'água com cerca de 200 metros de comprimento e 12 de profundidade. E agora imagine água descendo pelos paredões, que úmidos ficam cobertos de samambaias e vegetação. Lá no fundo, uma cascata e um poço para banho. É assim que as longas distâncias na estrada são recompensadas. São oásis e mais oásis em meio ao deserto. Literalmente.

Cruzando a pequena cidade de Ponte Alta de Tocantins, com pouco mais de 7 mil habitantes, abastecemos o carro e fizemos nossa parada para o almoço no Tamboril, um bar restaurante que serve pratos bem simples com o famoso arroz com pequi, a frutinha amarela do cerrado. As pequenas cidades estavam estrategicamente incluídas em nosso





## A Pedra Furada, esculpida pelo vento há milhões de anos, é o cenário para um pôr do sol inesquecível

Garoto quilombola da comunidade de Mumbuca, fundada em 1909

roteiro para que assim pudéssemos contar com alimentação, combustível e hospedagem em pousadas dos moradores.

São 50 minutos do centro de Ponte Alta até o morro da Pedra Furada, um gigantesco conjunto de blocos areníticos esculpidos pelo vento há milhões de anos que reina solitário na paisagem. Três buracos feitos na rocha montam um cenário para o pôr do sol inesquecível.

### PROSA, VERSO E CENÁRIOS

Eu tentava descobrir entre as conversas noturnas com moradores qual era o cenário preferido de cada um. E descobria muito mais que isso. No rádio sintonizavam os sucessos de cantores sertanejos como Michel Teló e Maiara e Maraísa. Na mesa serviam o chambari. Trata-se de um prato tocantinense que recebe influências indígenas, africanas e europeias: o ossobuco (literalmente osso furado) cortado horizontalmente, cozido com temperos e servido com farinha de mandioca e muita pimenta. Na prosa, o bom era ouvir histórias sobre as dunas. Eram detalhes sobre esse espetáculo natural da areia que reflete a luz solar em variados tons de dourado. E

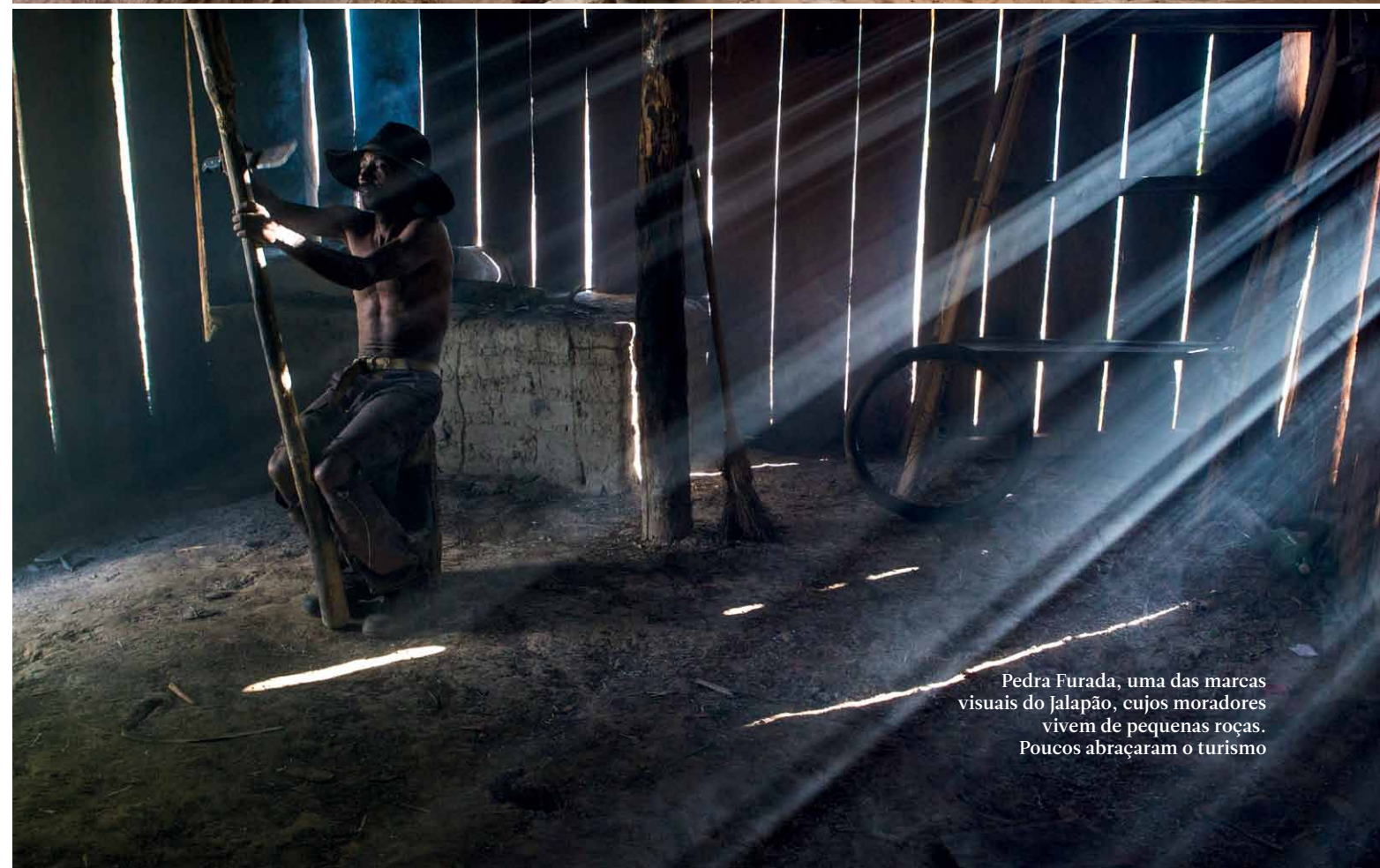
mescla o azul dos rios ao verde da vegetação.

Dirigindo em direção às dunas, logo avistamos no horizonte a serra do Espírito Santo, um longo e reto platô de arenito com formação em pirâmide em uma das pontas, conhecida como a marca registrada da região.

A serra fica ao lado das dunas e é considerada a responsável pela formação do parque de areia. A rocha sofre de maneira perfeita a ação do vento que faz com que todo o material da erosão seja depositado no mesmo lugar, formando as dunas. Esse fenômeno único no cerrado brasileiro fica próximo à principal base para a maioria dos atrativos: a cidade de Mateiros, com apenas 2,5 mil habitantes.

Na zona rural da cidade fica o povoado de Mumbuca, a primeira comunidade quilombola das 38 do Tocantins. Essas comunidades são detentoras de características culturais peculiares, herdadas de seus antecessores que vieram para a região, ex-escravos que viajaram do sertão da Bahia em 1909.

A presença feminina é marcante em Mumbuca na liderança e na organização da comunidade. As mulheres descobriram como utilizar o capim dourado, planta local colhida apenas uma vez por ano.



Pedra Furada, uma das marcas visuais do Jalapão, cujos moradores vivem de pequenas roças. Poucos abraçaram o turismo



Os mumbucas são artesãos caprichosos: produzem bolsas, chapéus, utensílios de cozinha e decoração que respondem por boa parte do orçamento.

Quando se fala em Jalapão, logo se remete às dunas, que são, sim, a cara de lá. Mas o melhor de tudo são os fervedouros. Flutuar em uma piscina de água natural, cristalina, sobre uma nascente forte que vem direto do lençol freático, faz com que você não consiga afundar. Existem fervedouros de vários tamanhos, formatos, cores de água e intensidade de flutuação. Há centenas, em toda a região, mas abertos à visitação somente oito, todos nas proximidades de Mateiros e São Félix.

Mesclar o calor daquela terra e as horas de estrada com mergulhos em fervedouros virou rotina no entorno de Mateiros. Foi no caminho para um deles que passamos por uma enorme pista de pouso. O que era aquilo? Segundo o guia, a pista e a fazenda pertenciam ao lendário colombiano Pablo Escobar. A fazenda, abandonada, ostenta ainda uma bela casa térrea, com uma considerável área de lazer, piscina, sauna e churrasqueira. Tudo o que o traficante tinha à disposição na década de 1980.

Descobertas que da janelinha do avião ficam impossíveis de se fazer. 📍



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse [revistaunquiet.com.br](http://revistaunquiet.com.br)





CULTURA

# BRAVA SICILIA

*Com seus vulcões, sua natureza agreste e  
reliquias arquitetônicas de várias civilizações,  
a maior ilha do Mediterrâneo é o destino  
ideal do viajante inquieto e romântico*

POR ROBERTO MUGGIATI

O Etna em erupção: tendo a seus pés  
a cidade de Catânia, é o mais ativo  
vulcão do continente europeu

GETTY



# N

a minha última subida ao Etna, com um riacho de lava correndo aos meus pés, tive uma ideia genial. Vender pizzas assadas na fornalha vulcânica. Surto de empreendedorismo assim só mesmo na Sicília, onde até o ar que se respira instiga todo tipo de delírio. Hoje a ideia é totalmente factível: com a tecnologia dos drones e a bolsa térmica, a pizza Etneia pode ser entregue em menos de meia hora na Grande Catânia e arredores.

Envergando blazer de linho, jeans e mocassins, quase morri enregelado na altitude. Esqueci que na minha primeira investida ao Etna fora rechaçado por uma ventania glacial em pleno verão. Você vai de teleférico até os 2,7 mil metros e dali sobe a pé ao entorno da cratera: o cume do Etna fica a 3,3 mil metros. Ao sair do bondinho, você pode trocar suas vestes banais por roupa adequada, anoraques acolchoados com capuzes e botas de alpinismo. No afã de chegar à boca do vulcão, passei batido [brasileiro é assim: o abolicionista Silva Jardim (1860–1891) quis ver de perto a cratera do Vesúvio e foi engolido pelo vulcão].

No dia seguinte eu estava equipado com macacão e botas de borracha para passear com água acima da cintura na incrível garganta de Alcântara. Há milhares de anos o rio foi obstruído pelo magma do Etna, que redesenhou seu curso, criando um cânion espetacular, com gargantas (*gole*) de até 50 metros de altura e no máximo 10 de largura. Esse contato íntimo com a água lava a alma. O nome árabe de Alcântara lembra que a Sicília foi colonizada por sucessivas ondas de invasores – gregos, romanos, árabes, normandos, franceses, espanhóis e italianos, para citar os principais. O domínio dos “sarracenos” durou de 827 a 1061 e deixou marcas profundas, assim como ocorreu na Península Ibérica.

Maior ilha do Mediterrâneo, com um território igual ao de Alagoas e uma população de 5 milhões (menor que a do Rio de Janeiro), a Sicília fica na ponta da “bota” italiana. Por sua forma de triângulo os

O estreito de Messina separa a Itália continental da Sicília, que abriga sítios históricos como o Templo de Juno, de 450 a.C.



FOTOS GETTY



gregos a chamavam de Trinácia e assim é citada na *Odisseia* e na *Divina Comédia*. Jantando um robalo no sal grosso com uma garrafa de Pinot Grigio siciliano no iate clube de Catânia, ouvi de meu anfitrião que, naquele exato local, muitos séculos antes, um capitão veio pedir água para seus marujos: Ulisses... Muito da *Odisseia* se passa na Sicília. O estreito de Messina – uma das passagens mais traiçoeiras para os navios – corresponde ao local de Cila e Caríbdis, ninfas transformadas em monstros. Polifemo, um ciclope (criatura com apenas um olho no meio da testa), aprisiona os marinheiros de Ulisses numa gruta perto do Etna e janta alguns deles. Ulisses os resgata embriagando o ogro e furando seu olho. A forja dos Ciclopes ficava nas ilhas Eólias, zona de vulcões. Ali, Éolo, o deus dos ventos, dá a Ulisses um saco de cou-

ro em que estão presos todos os ventos, menos o oeste, que levará o herói de volta a casa.

Na costa norte, as oito ilhas do arquipélago das Eólias abrigam 12 mil habitantes. Lípári, a maior, é o centro administrativo. Vulcano hospeda um dos quatro vulcões ativos na Itália. Com seus nomes sonoros, Alicudi e Filicudi rimam. Basiluzzo fica entre Panarea (a “Ibiza” das Eólias) e Strômboli, símbolo da vocação cinematográfica do lugar. Em Salina foi filmado *O Carteiro e o Poeta*, um episódio chileno de Pablo Neruda transplantado para a Itália. Em Strômboli Roberto Rossellini rodou em 1949 o filme homônimo, estrelado por Ingrid Bergman. Nascida de um convite da sueca, a fita gerou um romance extraconjugal entre os dois que chocou o mundo. O ativíssimo Strômboli entra em erupção quase de



# Siracusa, terra de Arquimedes, era a principal cidade grega, mais importante que Alexandria e Atenas

A ilha italiana inspirou algumas obras-primas do cinema, como *A Aventura*, de Antonioni



hora em hora, com explosões vistosas, mas sem perigo, garantindo a *happy hour* dos turistas. Um dos três episódios de *Caro Diário*, de Nanni Moretti, dissecou o perfil de cada ilha.

*A Aventura*, filme *cult* de Michelangelo Antonioni, se passa todo na Sicília. Começa nas Eólias e circula pela ilha em busca de uma jovem que desaparece depois de um mergulho. Em Noto, diante do majestoso conjunto de igrejas do barroco siciliano, tombado como Patrimônio da Humanidade, o personagem neurótico de Gabriele Ferzetti se sente agredido por tanta beleza: derrama um vidro de tinta sobre o desenho de um jovem que reproduzia o local.

Siracusa era a principal cidade grega, mais importante que Alexandria e a própria Atenas. Foi lá que nasceu Arquimedes (287-212 a.C.), matemático, físico, engenheiro, inventor e astrônomo. No cerco de Siracusa pelos romanos, ele criou máquinas que jogavam navios inimigos para fora d'água e um sistema de espelhos que lançava raios de sol sobre as naus e incendiava suas velas.

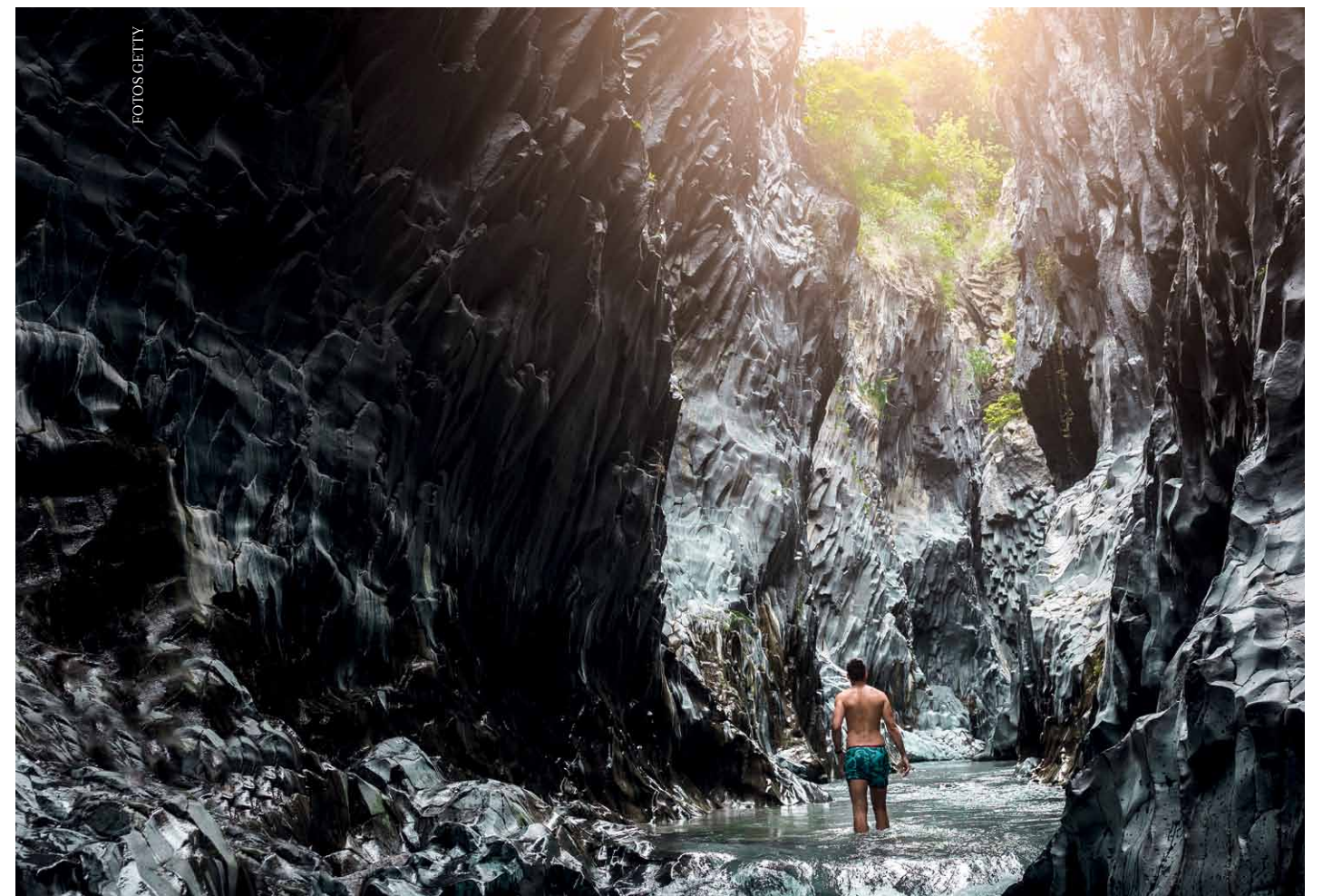
Um dia, ao entrar numa banheira e ver que seu corpo elevava o nível da água, Arquimedes concluiu que, para medir o volume de um objeto, bastava mergulhá-lo na água e calcular a quantidade de líquido deslocada. Eufórico, saiu nu pelas ruas gri-

tando “Eureka! Eureka!” Seu apego ao cálculo lhe custaria a vida. Os romanos finalmente entraram em Siracusa. Um soldado interpelou Arquimedes, que rabiscava uma equação na areia. Absorto, não deu a menor atenção. Irritado, o romano o trespassou com sua espada. Suas últimas palavras foram: “Não perturbe meus círculos...”

Em Siracusa, visite o anfiteatro romano, o teatro grego e as latomias, grutas de calcário usadas como prisão, escavadas pelos próprios prisioneiros de guerra e opositores políticos. Uma delas tem a “Orelha de Dionísio”, um ponto do qual se pode ouvir tudo. A cada passo você esbarra num mito. O deus Alfeu apaixonou-se pela ninfa Aretusa ao vê-la banhando-se nua. A ninfa fugiu a nado até a Sicília, onde a deusa Ártemis a transformou em fonte. No local, uma lojinha oferece artigos de papelaria feitos dos papiros que crescem na fonte, com a técnica que os egípcios usavam há 2,5 mil anos. Certa vez, passeando com duas jornalistas brasileiras pelo centro histórico, o dono de uma loja de vinhos nos convidou a entrar e ofereceu uma taça de licor de limão. Lembrei do divino *limoncello* outro dia, quando, para espantar os demônios da pandemia, criei minha versão de limonada siciliana, uma variante da limonada suíça. O limão siciliano e seu potencial etílico-gas-



A imponente catedral de Siracusa e, abaixo, a garganta de Alcântara: rio foi represado pelo magma do Etna





GETTY

A ilha de Strômboli, uma das sete do arquipélago das Eólias, abriga oútro vulcão ativo da Itália. E também foi tema de filme





Fonte Diana, na praça  
Arquimedes, em  
Siracusa: homenagem da  
cidade ao seu filho mais  
ilustre (abaixo, o sábio  
em quadro de  
Domenico Fetti)

tronômico dariam uma reportagem à parte.

A Sicília interessou a Dante Alighieri por sua cultura, mitologia e paisagem. Ele valorizava a fala siciliana. Um enigma siciliano por excelência: Shakespeare esteve na ilha? Um terço de suas peças se passa na Itália, duas na Sicília, *Conto de Inverno* e *Muito Barulho por Nada*. E *A Comédia dos Erros* é protagonizada por gêmeos siracusanos. A acuidade da ambientação siciliana nas peças do Bardo gerou uma teoria, nos anos 1920, que ainda agita os meios literários. Ele seria Michelangelo Florio, nascido em Messina, filho de Giovanni Florio e Guglielma Crollanza, tendo adotado o nome da mãe, Guglielmo Crollanza (Crollanza significa “agita lança”, o mesmo que Shakespeare em inglês). O pai calvinista escreveu um panfleto herege, Guglielmo fugiu para Veneza e depois para a Inglaterra, onde adotou o nome de William Shakespeare. As inconsistên-

cias históricas não desencorajam os defensores da tese. Em 2016, apoiadores do Shakespeare siciliano invadiram a exposição *Shakespeare Lives in Italy*, na embaixada britânica em Roma, protestando contra a apropriação de um autor siciliano.

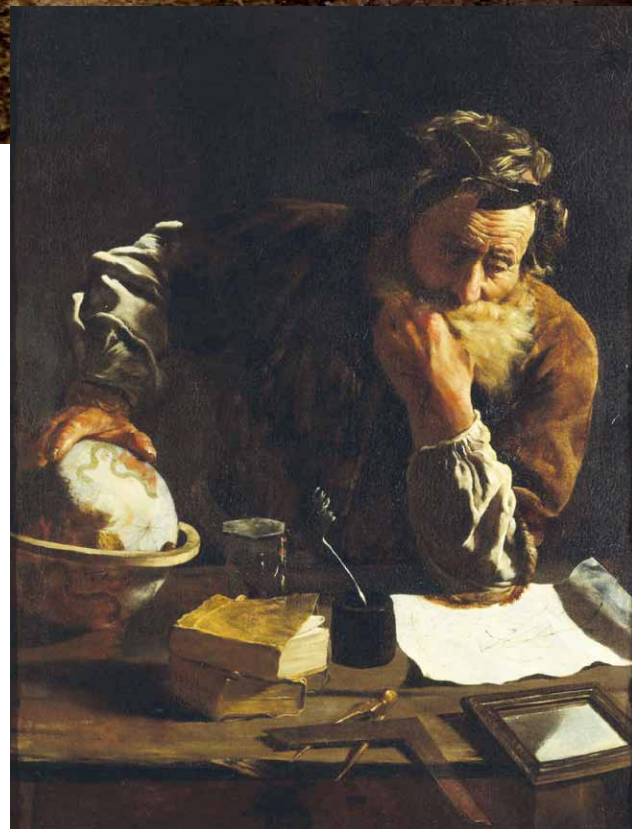
O gênio alemão Goethe dizia que na Itália “a Sicília é a chave de tudo.” *O Amante de Lady Chatterley* – quem diria? – era siciliano. Não um guarda-florestal, como no livro, mas um condutor de mulas. Em 1920, o autor do romance, D.H. Lawrence, foi curar sua tuberculose nas montanhas de Taormina. Enquanto escrevia, sua mulher, Frieda – nada *fredda* –, recorria aos serviços de um muleteiro para visitar uma amiga que morava na vizinhança. Não demorou a cair nos braços do rapaz de 24 anos, 20 anos mais moço. O amante siciliano se chamava Peppino D’Allura.

A Sicília também inspirou Gabriel García Márquez, que visitou a ilha de Pantelária (ou Pantelleria)

em 1969. Anos depois, publicou o conto *O Verão Feliz da Senhora Forbes*, passado no local. Foi lá que Gabo viu pela TV o pouso do homem na Lua. “Vi a Lua da Lua”, comentou, sentindo-se em outro planeta entre os paredões negros de rocha vulcânica da Isola Nera.

Palermo foi declarada Patrimônio Mundial. Maior cidade siciliana, com 700 mil habitantes, sua vegetação de palmeiras africanas lhe empresta um ar marroquino. Em minha primeira visita, me dei ao luxo de um passeio de carruagem, tagarelando com o cocheiro como se falasse italiano desde criancinha. Sabia que o museu do Peido não passava de uma *boutade* de Salvador Dalí, mas sua localização em Palermo diz muito da sua atmosfera surreal. O turista precisaria de um ano para desfrutar toda a beleza dos museus, igrejas, parques e santuários da cidade.

Ao sul de Palermo fica Agrigento, encravada num penhasco. Ali, num bairro pobre, nasceu Luigi Piran-



FOTOS GETTY E REPRODUÇÃO





Teatro grego em Taormina, com o vulcão Etna ao fundo



Penne alla Norma, tão siciliano quanto o cenário paradisíaco das ilhas Eólias

dello, um dos mais famosos escritores italianos, prêmio Nobel de literatura em 1934. Sua peça *Seis Personagens em Busca de um Autor* está sempre em cartaz ao redor do mundo. Outro grande escritor siciliano é Giuseppe Tomasi, príncipe de Lampedusa, autor do romance *O Leopardo*, publicado em 1958, um ano após sua morte. É um retrato admirável das tensões sociais à época da unificação da Itália. A exuberante versão cinematográfica do Leopardo pelo nobre milanês Luchino Visconti, conde de Lonate, simpaticante do comunismo, ecoa a frase célebre de um aristocrata sobre a ameaça socialista: “Se quisermos que tudo continue como está, é preciso que tudo mude”.

Revolução, religião, arte, cultura, gastronomia – está tudo entrelaçado na Sicília. Catânia deu dois gênios: Vincenzo Bellini, autor da ópera *Norma*, e o escritor Giovanni Verga, que teve uma de suas histórias transformada em ópera, a *Cavalleria Rusticana*. Um dos pratos mais famosos da culinária siciliana, *penne alla Norma*, homenageia a ópera. E o que dizer da deliciosa *caponata*? A berinjela salteada num refogado de tomate e cebola em azeite, temperada com alcaparras, vinagre e açúcar, é inesquecível. Em Palermo, a delícia ainda recebe mariscos ou peixe.

Padroeira de Catânia, Santa Ágata foi marti-



rizada e teve os seios cortados, mas eles se reconstituíram milagrosamente na prisão. A representação pictórica das mamas cortadas sugeria o aspecto de pães. Inspirou uma série de pratos, entre os quais as cassatas em forma de seios, coroadas por uma cereja, o mamilo. Em 1860, liderando os célebres Camisas Vermelhas, Giuseppe Garibaldi partiu de Marsala, na costa oeste. “Os Mil”, como ficaram conhecidos, lutaram as batalhas decisivas pela unificação da Itália. Garibaldi não se esqueceu de abastecer os cantis da tropa

com o vinho fortificado local, o Marsala, capaz de resistir a longas viagens.

E a Máfia? Vai bem, obrigado. Na pandemia, conquistou novos espaços, distribuindo cestas básicas, fazendo empréstimos a pequenos empresários, infiltrando-se no tecido social. Os clãs têm cacife. Quando a crise passar, vão cobrar a conta. A Máfia siciliana – a Cosa Nostra – surgiu na era medieval. Pequenos lavradores tinham seus retalhos de terra roubados pelos poderosos latifundiários. Os camponeses se uniram em grupos de proteção, que se aperfeiçoaram com o tempo. Ajudavam famílias a pagar dívidas, a proteger seus direitos, custeavam remédios e o estudo dos filhos. Surgiu a figura do Don, ou Padrinho, a quem os pobres recorriam em busca de ajuda, contraindo uma dívida moral. Os beneficiados respeitavam a *omertà*, o voto de silêncio, jamais colaboravam com o governo e as autoridades, que nunca ligaram para a sorte do povo.

Esta visão holística da ilha, destino ideal do viajante inquieto, só poderia ter como fecho o toque do realismo mágico de Gabriel García Márquez: “Ir à Sicília é melhor do que ir à Lua”. Melhor mesmo. 📍

FOTOS GETTY



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse [revistaunquiet.com.br](http://revistaunquiet.com.br)





*Head of a Girl*, escultura  
monumental de Louis Derbré:  
28 metros de aço e arte



# STORM

ARTE

## BRUTAS FLORES

*A 100 quilômetros de Nova  
York, no vale do rio Hudson,  
o Storm King Art Center é  
um dos mais monumentais  
– e insólitos – jardins  
escultóricos do mundo*

TEXTO E FOTOS  
XAVIER BARTABURU

# ING

# ART CENTER





**A**

s mais estranhas árvores crescem no Storm King Art Center. Além daquelas de folhas, tronco e seiva, também plantas de pedra, aço, cimento e ferro brotam do chão como se fizessem parte da paisagem. São espécies de outro reino, não do vegetal, nem mesmo do mineral – talvez do escultural, quiçá do sideral. Elas parecem estar ali desde sempre, como se essa área do vale do rio Hudson, no estado de Nova York, fosse um daqueles lugares do planeta em que a natureza às vezes se mete a extravagâncias.

A primeira visão do Storm King Art Center depois de uma hora e meia na estrada desde Manhattan é de perplexidade. E é evidente que foi feito de propósito: já do estacionamento você é impelido a contemplar a pradaria central que serve de galeria a céu aberto às mais grandiosas obras do acervo – todas do escultor americano Mark di Suvero, a maior delas com 30 metros de altura. São quase uma dúzia de colossos abstratos de aço. A maioria composta de vigas sobrepostas que espetam o céu como se qui-

sessem furá-lo, e que em certa medida espelham os galhos da floresta que cresce em volta. Esta talvez seja a grande força do lugar: o poder de transformar a brutalidade em flor. E nos lembrar que mesmo o mais austero abstracionismo de uma obra de arte contemporânea é, também ele, uma expressão da natureza.



*Mirror Fence*, de Alyson Sholtz, recria as cercas que separam quintais, mas espelhadas. Ao lado, *Three Legged Buddha*, de Zhang Huan. Na página anterior, *Storm King Wall*, obra de 700 metros de Andy Goldsworthy





## Os proprietários começaram a redesenhar a paisagem como se também ela fosse uma escultura

Ao lado, *Iliad*, de Alexander Liberman, e, abaixo, *Frog Legs*, de Mark di Suvero, cujas obras deram início ao museu

As obras de Suvero são as maiores peças de uma coleção que abarca mais de cem esculturas, praticamente todas expostas ao ar livre, espalhadas pelos 200 hectares desta propriedade 100 quilômetros ao norte da cidade de Nova York. É tentador compará-la ao Instituto Inhotim, em Minas Gerais, mas vale ressaltar que os dois museus, ainda que semelhantes no propósito, proporcionam experiências completamente diferentes. Quase não há espaços fechados no Storm King Art Center – com exceção de algumas poucas obras exibidas no casarão que serve de sede ao museu, a maioria das peças brilha sob a luz do Hemisfério Norte.

A integração com a paisagem é a tônica do lugar: cada obra de alguma forma dialoga com a natureza ao redor, seja uma campina, um bosque, um lago, ou mesmo as colinas que servem de pano de fundo à propriedade. É um diálogo sempre frutífero, seja pela tensão entre a arte e a paisagem, seja pela fluidez com que ambas interagem – é o caso da obra *Storm King Wall*, do britânico Andy Goldsworthy, um muro que serpenteia por 700 metros entre as árvores do local, até submergir num dos lagos. Às vezes a obra é a própria paisagem, como o *Storm King Wavefield*, de Maya Lin, um grande campo de ondas

que simulam o mar, mas feitas de terra e pasto.

A escolha por um acervo quase que integralmente formado por obras da segunda metade do século 20 em diante ajuda a explicar a gênese deste lugar, que – para nos atermos à metáfora vegetal – também germinou a partir de uma semente única, expandida como uma copa generosa para além da raiz original. Sua data de fundação é 1960, quando dois magnatas da indústria de parafusos, genro e sogro, instalaram uma pequena galeria dentro do *château* em estilo normando que funcionava como sede da fazenda da família, na época com 70 hectares. A ideia, na ocasião, era exibir o trabalho de artistas locais, radicados no vale do rio Hudson.

Foi ao conhecer um deles, o mestre do expressionismo abstrato escultórico David Smith, e ver como ele dispunha suas obras no jardim do seu estúdio ao pé das montanhas, que os proprietários enxergaram a vocação do museu. Em 1967, compraram um lote de 13 esculturas do artista e as expuseram do lado de fora do *château* (onde estão até hoje). Era uma época em que escultores de todo o país estavam explorando os limites de sua arte, descobrindo novos usos para os materiais disponíveis e, por meio deles, encontrando novas formas de se expressar para além

do pictórico. Louise Bourgeois, Alexander Calder, Isamu Noguchi, Dennis Oppenheim e Richard Serra foram alguns dos artistas que despontaram nesse período – e todos têm ao menos uma obra no acervo do Storm King.

Tal como um bosque temperado quando chega a primavera, o que se seguiu após aquela primeira aquisição das esculturas de David Smith foi uma vigorosa expansão do museu. Em todas as direções: para o alto, com chegada de esculturas cada vez maiores, e para os lados, com a compra de mais terra. Ambas eram ainda baratas naquele momento: tanto as esculturas quanto a terra – na época um terreno baldio com 1,5 milhão de metros cúbicos de cascalho retirado da construção da rodovia que acompanha o rio Hudson. Tomando emprestados os engenheiros da fábrica de parafusos, os proprietários começaram então a redesenhar a paisagem como se também ela fosse uma escultura. Cavaram vales, subiram morros, plantaram florestas e, em meio a tudo isso, ins-







*Mother Peace*, de  
Mark di Suvero:  
seis toneladas de  
aço que balançam  
com o vento

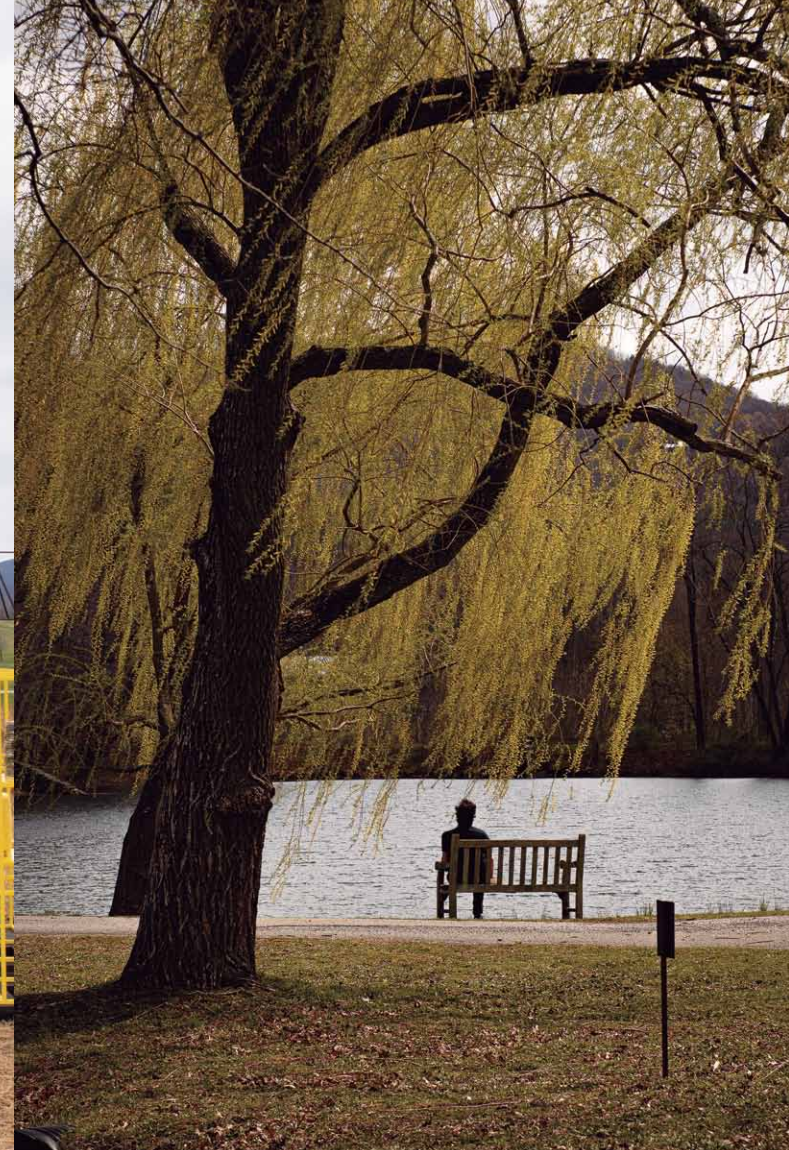




*Suspended*, de Menashe Kadishman, e *Seven Swords*, uma das obras de Alexander Calder



*The Crisis* (acima), obra de Rashid Johnson, aguarda o mato crescer em volta para ficar completa



talaram o que viria a ser uma das mais importantes vitrines da escultura contemporânea no mundo.

Apesar de imenso, o Storm King Art Center é menor do que parece. Leva-se uma hora para percorrer a propriedade de uma ponta a outra – e é possível alugar uma bicicleta para poupar os calcanhares. Isso não inclui, é claro, as pausas para a contemplação das obras ou mesmo da paisagem, que nos convida a longos momentos de descanso sob as árvores, à beira do lago ou sobre o gramado. Há quem faça piqueniques, o que é altamente recomendável, dado que o único café do lugar cobra preços abusivos por um cardápio que mal passa de sanduíches. É programa de um dia inteiro, se você quiser, mas também possível de combinar com a visita a outro grande museu nas redondezas, o Dia Beacon [veja no destaque].

O mais interessante do Storm King – e eis aí uma diferença crucial com Inhotim – é que ele é um organismo que se transforma de acordo com as mudan-

ças na temperatura. Visitá-lo no inverno, quando o branco da neve reveste campos, bosques e esculturas, é uma experiência completamente diferente de percorrê-lo quando a folhagem do outono banha a propriedade com tons de dourado. Mesmo alterações sutis também impactam o acervo: toda escultura exposta no Storm King ganha novos contornos e significados a cada ano, dependendo de como cresce a vegetação ao redor – o que obriga a equipe de manutenção a estar sempre redesenhando a paisagem, e às vezes até mudando obras de lugar.

Uma das instalações que melhor captura essa ideia é *Mirror Fence*, da americana Alyson Shotz, uma cerca pontiaguda do tipo que divide os quintais nos Estados Unidos, porém espelhada. É uma cerca em linha reta, que nada protege, mas reflete as colinas e suas infinitas transformações de luz e sombra ao longo do dia e do ano. Arte e natureza num objeto só, despido de sua materialidade estática para se



deixar vestir pela espontaneidade silvestre. Ainda mais eloquente é *The Crisis*, do também americano Rashid Johnson, a mais nova aquisição da casa: uma estrutura cúbica feita de hastes de metal amarelas aguarda pacientemente que o pasto ao redor cresça e a envolva, semeando e fazendo germinar os vasos de terra nela suspensos. O artista explica que sua obra fala da “regeneração que sucede o trauma”. Melhor metáfora para estes tempos que vivemos. E também uma lembrança de que, não importa o que a mão humana construa, a natureza, implacável, sempre haverá de nos engolir.

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse [revistaunquiet.com.br](http://revistaunquiet.com.br)







FOTOS: DIVULGAÇÃO

Obras de Andy Warhol (acima) e Dan Flavin: destaques do museu Dia Beacon

## Dia Beacon: mais arte na outra margem

A 20 quilômetros do Storm King Art Center, na margem oposta do Hudson, o museu Dia Beacon é um bom complemento para um mergulho mais profundo na produção artística contemporânea dos Estados Unidos. Assim como seu vizinho, o acervo se concentra em obras do pós-guerra (1945 em diante). A diferença é que, aqui, elas se encontram abrigadas em um colossal edifício quase centenário com 28 mil metros quadrados de área. Não que as criações também não recebam a luz solar: no teto, 3 mil metros quadrados de claraboias banham de luminosidade as dezenas de pinturas, esculturas e instalações de artistas como Andy Warhol, Richard Serra, Sol Lewitt, Dan Flavin e Louise Bourgeois.

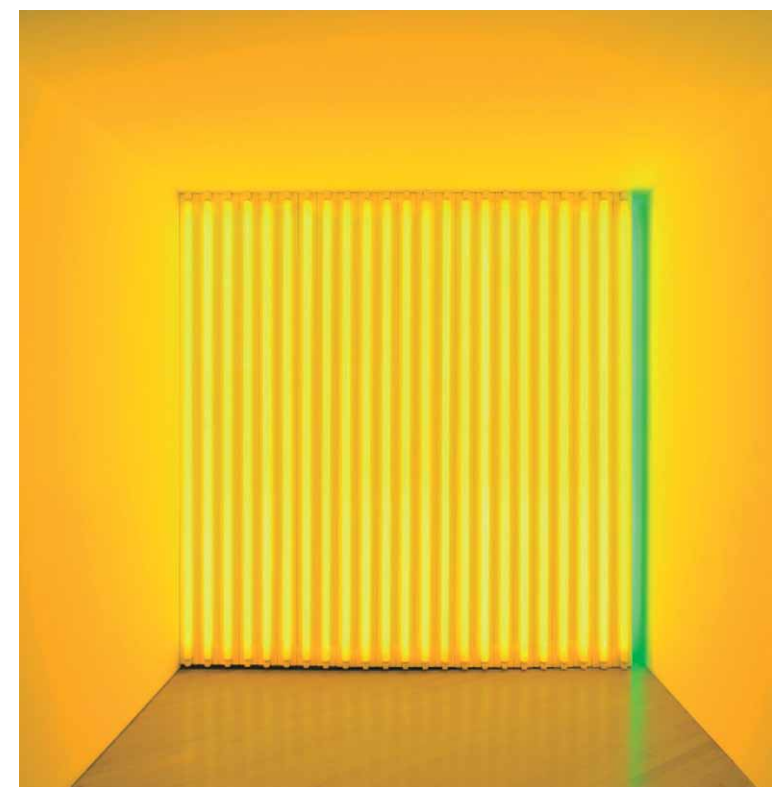
Beacon é uma cidadezinha de 15 mil habitantes que foi um grande polo industrial entre a segun-

da metade do século 19 e a primeira do século 20. Depois caiu em decadência e só renasceu quando a Dia Art Foundation, uma das mais importantes instituições americanas de arte contemporânea, deu nova vida a uma antiga fábrica de impressão de embalagens da fabricante de biscoitos Nabisco, construída em 1929. Com sua arquitetura de linhas retas, composta de tijolo, aço e concreto, e seus grandes vãos, o edifício parecia mesmo ter sido feito para abrigar o museu.

Inaugurado em 2003, o Dia Beacon acabou sendo o maior e mais novo dos três museus criados pela Dia Art Foundation para preservar parte de seu acervo de mais de 900 obras. Em comum entre os três, a preferência por restaurar construções históricas e transformá-las em espaço expositivo. O primeiro, o Dia Bridge-

hampton, foi instalado em 1983 em uma estação de bombeiros do começo do século 20 em Long Island. O Dia Chelsea veio depois, em 1987, e desde então tem ocupado diversos edifícios centenários em Manhattan.

Até a inauguração do Dia Beacon, o museu de Chelsea era o principal depositário do acervo da fundação; depois entrou em crise, chegou a ser desativado, mudou de endereço e enfim ressurgiu após dois anos de uma reforma milionária. O novo Dia Chelsea foi inaugurado em 16 de abril, vizinho ao viaduto High Line, transformando 2 mil metros quadrados de uma velha marmoraria no mais novo museu de arte contemporânea de Nova York. 📍





# HELI SKI ING

EM BUSCA DA NEVE  
INTOCADA

*Uma modalidade de esqui radical  
usa helicópteros para oferecer  
a descida mais-que-perfeita*

POR WALTERSON SARDENBERG S<sup>o</sup>

Praticantes do *heliskiing*  
fazem a descida do Monte  
Cariboo, na Colúmbia  
Britânica (Canadá)

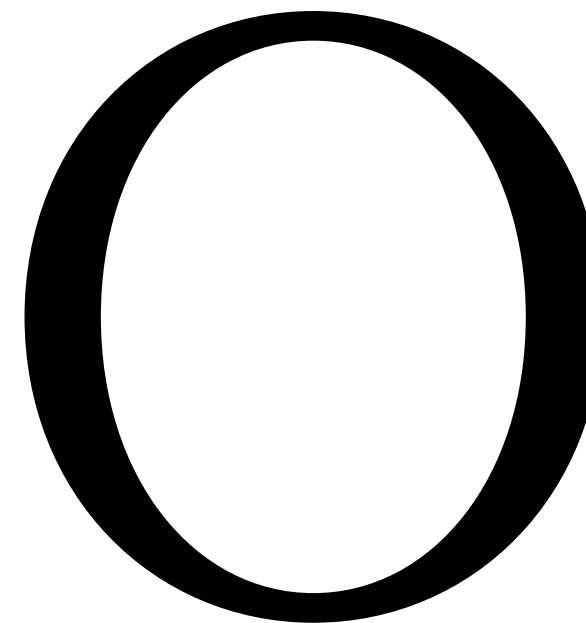






GETTY

Esquiadores chegam ao topo do Bella Coola, no Canadá: início de uma descida inesquecível



melhor meio de transporte do mundo capaz de encontrar a neve perfeita para esqui é o helicóptero. Só para comparar: o tenista sonha com o saibro de Roland Garros, depois de um dia de poucas chuvas. Já o velejador vibra quando dá o ar da graça o vento de popa de 15 nós em mar sereno. O piloto de competição, por sua vez, quer asfalto novo, bons pontos de ultrapassagem e saídas de pista seguras. O esquiador experiente pede apenas um dia bonito na montanha – e bastante *powder*. Quanto mais *powder*, melhor.

Numa tradução literal, a palavrinha significa apenas pó. É dessa maneira, seja como for, que os esquiadores calejados se referem à neve fofa, alta, seca, imaculada, intocada. Para eles, um piso assim representa a pedra filosofal no Jardim das Delícias. Ou seja, a neve virgem é a ideal para se descer de esqui ou *snowboard*.

“Você flutua na espuma. Desliza com tanta fluência que nem escuta o barulho da fricção dos esquis no solo”, suspira o empresário Pedro Alcântara, 33 anos, praticante do esporte desde os 11. Também experiente na neve, Fernando “Pow” Marcílio, 40 anos, agente do mercado financeiro, explica: “Há momentos de tamanha imersão na neve que você desce a toda velocidade, 80 km/h, e só vê a pontinha da frente da prancha”.

Infelizmente, essa neve exemplar, sublime, não pode ser encontrada nas estações de esqui. Nem mesmo se o esquiador madrugar e for o primeiro na fila do teleférico. *Sorry*. Nesses centros de esportes de inverno, a neve é quase sempre, por questões de segurança, compactada por tratores. Além disso, as vias já estão traçadas. Para topa com o genuíno *powder* – e todo o seu aliciante poder de sedução – é preciso rumar para o topo de montanhas sem nenhum *lift* ou qualquer estrutura.

E a maneira mais cômoda, rápida e emocionante – a mais cara também – é aquele meio de transporte desenhado por Leonardo Da Vinci há mais de meio milênio, no ano da graça de 1493. Pois é, o helicóptero. Ele pousa no alto da montanha e os esquiadores descem felizes da vida. Com essa providencial ajuda, conseguem fazer até seis descidas em um único dia. A partir dos anos 1960, a prática ganhou o nome de *heliskiing*.

Os helicópteros usados para o esporte são veículos capazes de pousar em qualquer tipo de terreno e suportar grandes altitudes, além das mais severas condições climáticas. Leves e ágeis, as marcas preferidas são a americana Bell – principalmente no Canadá – e a francesa Airbus.





Helicóptero de apoio leva os esquiadores a neves virgens, o grande objetivo do *heliskiing*, que podem estar na Geórgia (acima) ou nos Alpes da Baviera (ao lado)

#### DO TAMANHO DA SUÍÇA

Na década anterior, vale a ressalva, alguns esquiadores mais atiradinhos nos Estados Unidos e no Canadá já usavam o helicóptero – destinado sobretudo a resgates – para alcançar áreas remotas, onde marmanjo algum havia fincado os bastões. Não resistiam à tentação, claro. Mas o *heliskiing* só começou a se tornar uma prática em 1965, quando Hans Gmoser, um austríaco desgarrado, radicado na província canadense da Colúmbia Britânica como guia de esqui, foi contratado pelo esquiador olímpico americano Brooks Dodge. O traquejado cliente perguntou-lhe se não poderia usar o helicóptero para chegar ao *powder* das montanhas que os brasileiros chamariam de “casca grossa”.

A aeronave que levou Brooks Dodge para as montanhas na ocasião foi um Bell 47 H-2. Dodge pagou quase nada por um dia inteiro de voo: US\$ 20 – o equivalente a US\$ 170 de hoje. As montanhas visitadas foram as da cadeia canadense de Bugaboo.

Hoje, a empresa fundada por Gmoser, a Canadian Mountain Holidays, é a maior operadora do gênero. Em paralelo, administra 11 lodges para esquiadores, cons-

truídos a mais de 1.200 metros de altitude nas cadeias de Cariboo, Bugaboo, Monashee e Purcells – todas no Canadá. A CMH, como é mais conhecida entre os *experts*, oferece 36 mil quilômetros quadrados de neve virgem – quase o tamanho da Suíça. Haja *powder*.

Um de seus clientes, o paulistano Dinho Tranches, 35 anos, sócio de uma empresa de consultoria de gestão, utilizou duas vezes os serviços da companhia. “Na primeira vez esquiei na área de Cariboo, que tem montanhas menos íngremes.” Ele conta que o tempo estava perfeito e a experiência foi sensacional. “Teve esqui alpino, esqui no meio das árvores e também *pillows*, quando você vai pulando e pousando sobre montes parecidos com travesseiros.”

O segundo lugar foi Galena, área mais íngreme e de maior altitude. “Não foi tão bacana: choveu demais, havia ventos fortes e não pudemos fazer tantas descidas.” Paciência. “O *heliskiing* tem isto: você depende da natureza e nem sempre ela é camarada.” De qualquer maneira, Tranches não poupa elogios: “Os caras são sérios, é tudo muito organizado e você se sente bastante seguro”. Isso sem



contar que o ambiente nos lodges é muito animado e divertido. “Tem gente do mundo inteiro, aquilo vira uma Torre de Babel, com direito até a uma festa à fantasia no último dia – me diverti bastante.”

Com tal portfólio, a CMH ajudou a projetar a Colúmbia Britânica ao posto de mais aclamada área de *heliskiing* do globo. Lá está também a megaestrutura da estação Whistler-Blackcomb. E ainda lodges menores, como o acolhedor WhiteWorth, do brasileiro Christian Hansford, com apenas cinco suítes. O hotelzinho fica em Revelstoke, cidade com arquitetura vitoriana preservada, e somente 15 mil moradores.

“Houve um dia em que faltou neve em Whistler-Blackcomb e indicaram esse lugar a mim e ao meu pai”, conta Hansford. “Resolvemos seguir a dica e terminamos deslumbrados.” Resultado: em 2012, pai e filho compraram e reformaram um casarão, transformado no WhiteWorth, premiado como o melhor lodge de esqui do Canadá pelo World Ski Awards. Hansford só se queixa da falta de hóspedes brasileiros. “Meus clientes são quase todos americanos, ingleses e russos.”

“O *heliskiing* tem isto: você depende da natureza e nem sempre ela é camarada”

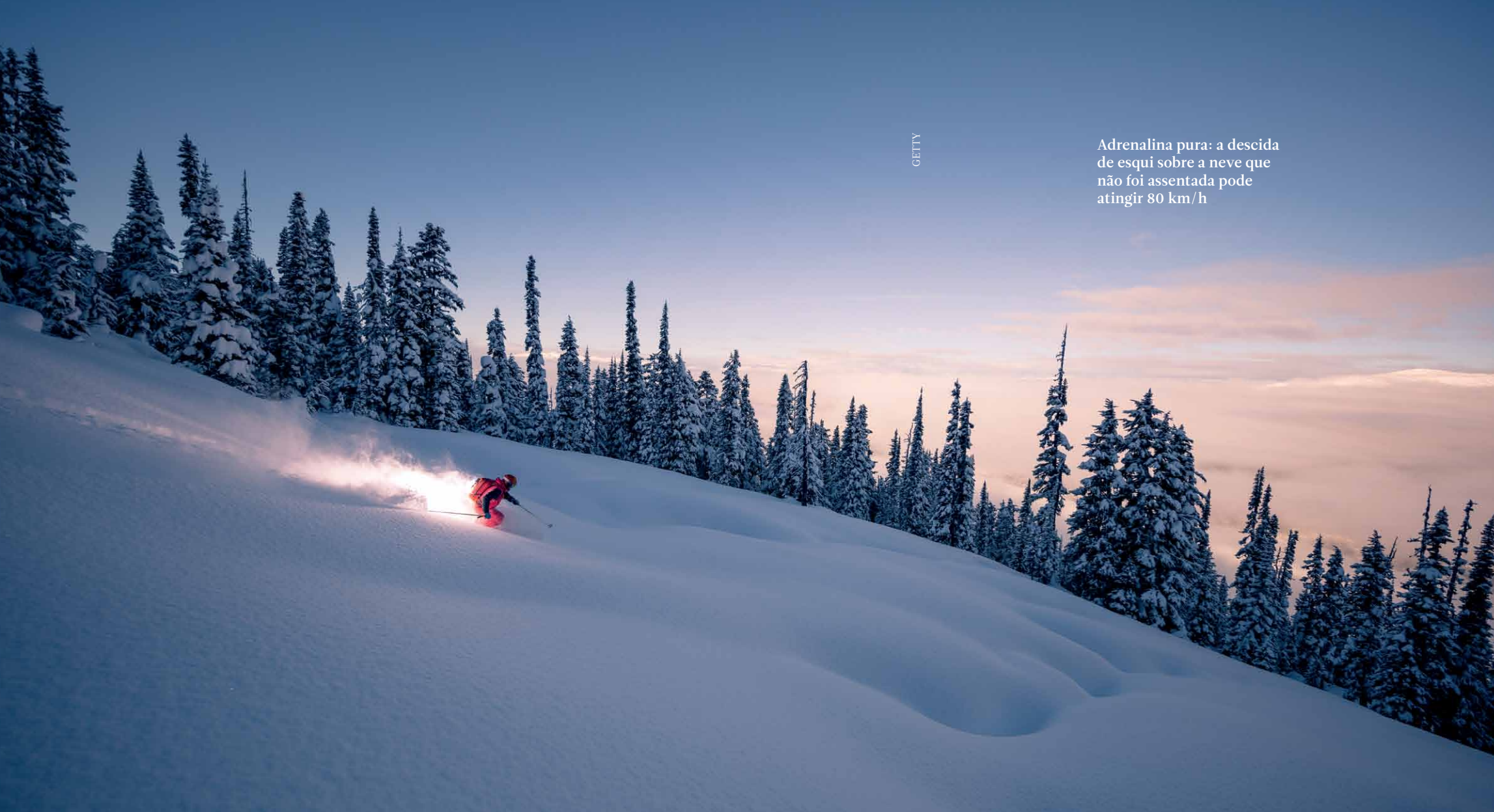
Em Whistler-Blackcomb, por ser uma estação de esqui de fato, não faltam mordomias. O elegante hotel Fairmont Chateau Whistler Resort não é exatamente privativo: tem 560 quartos. Mas é badaladíssimo, um lugar para ver e ser visto. Seu *brunch* de domingo é motivo suficiente para se hospedar lá. Com a mudança de estação, o hotel se converte em resort de verão. Ostenta o melhor campo de golfe do Canadá, com 18 buracos, assinado por Robert Trent Jones Junior.



GETTY

Dois esquiadores cruzam a neve fofa das montanhas Kootenays, no Canadá: modalidade radical exige treino e bastante experiência





GETTY

Adrenalina pura: a descida de esqui sobre a neve que não foi assentada pode atingir 80 km/h

## A exemplo do Brasil e do dry martini, o *heliskiing* não é para iniciantes: exige domínio da técnica de esquiar

Antes de encarar a primeira montanha em Valle Nevado, Pedro Alcântara se viu obrigado pelo guia a uma descida menor. “Era uma espécie de *bowl*”, recorda-se. “Ali o guia testa o nível dos participantes para separá-los em grupos.” Em Valdez, no Alasca, Leonardo Oliveira notou que a preocupação com a segurança é ainda maior. “Há sempre dois guias no comando”, relembra. “Um deles desce a montanha antes de todo mundo e tenta provocar avalanches, para testar o terreno.”

Fernando “Pow” Marcílio também sublinha os cuidados com a segurança das agências de *heliskiing* que operam em Whistler/Blackcomb, no Canadá. Ele chegou a se surpreender. “Eu estava louco para descer a montanha com a prancha, mas tive que esperar bastante”, conta. Antes de tudo, o guia promoveu um curso de duas horas sobre os riscos da jornada e procedimentos de salvatagem. “Depois, escondeu uma mochila na neve e tivemos de procurá-la.” Sim, mais um bom tempo antecedendo o prazer da descida. “Ainda assim foi ótimo. Eu me senti muito mais seguro”, admite Marcílio.

Ou seja: no *heliskiing*, quem desliza não pode cometer deslizos – eis a questão. Mas os veteranos da modalidade não querem outra vida. Para eles, o *powder* é, antes de tudo, poder. 📍

### DA ÍNDIA AO MATTERHORN

O Canadá é o pioneiro e maior destino do esporte, mas vem sofrendo a incisiva concorrência americana da vizinha Valdez, no Alasca. A rigor, hoje há centros de operação até em lugares inimagináveis, como Himachal Pradesh, na Índia, em plena cordilheira dos Himalaias. E o que dizer de Kamchatka, na Rússia? Fica numa península com 200 vulcões – 29 deles ativos. Já Hokkaido, no Japão, acena até com esqui noturno. Enquanto isso, nos Southern Alps, Nova Zelândia, cintila um misto de refúgio selvagem e hospedagem de altíssimo padrão: o Minaret Station Alpine Lodge. A América do Sul também entrou nesse rol. Por aqui, o ponto alto do *heliskiing* – em todos os sentidos – é Valle Nevado, no Chile.

“O hotel está instalado a mais de 3 mil metros nos Andes e os picos das montanhas em torno avançam a mais de 4 mil metros”, celebra o arquiteto e empresário Leonardo Oliveira, 57 anos, brasileiro que já esquiou até na Islândia. “O passeio de heli-

cóptero até as montanhas no Chile é, por si só, espetacular, imperdível.”

Fundada em 1999 pelo canadense James Morland, a operadora Elemental Adventure elevou o *heliskiing* ao estado da arte: um superbarco com heliponto que percorre os fiordes da Colúmbia Britânica. O *charter* garante acesso diário aos mais diferentes e inalcançáveis picos. Enquanto você esquia, a tripulação cuida para que tudo esteja impecável a bordo. A Elemental opera ainda em lugares de difícil acesso, como a selvagem península russa de Kamchatka.

Mas se a Rússia desponta como força emergente, nem de longe tem o chamariz da Suíça, país com 42 pontos de pouso e um total de 15 mil voos por ano. A geografia ajuda à beça: a estação de Zermatt, por exemplo, está cercada por 38 montanhas com mais de 4 mil metros, quase todas com encostas de neve fofa e acessíveis por helicópteros – e, de quebra, o imponente Matterhorn sempre no campo de visão.

### SEM DESLIZES

O fato é que, a exemplo do Brasil e do dry martini, o *heliskiing* não é para iniciantes. Exige amplo domínio das técnicas. Afinal, as melhores regiões podem sofrer avalanches e têm obstáculos naturais, como pedras e *crevasses* (as rachaduras profundas no solo). Além do mais, não há, claro, uma estrutura de rápido resgate como nas incrementadas estações de esqui.

Por tudo isso, o equipamento é bem diferente. A começar pelos esquis. Eles são mais largos – idem para a prancha de *snowboard* –, evitando afundar na neve fofa. Além disso, o esquiador leva um GPS específico, para transmitir mensagens aos participantes do grupo e para recebê-las dos demais. Na mochila, há ainda uma pá – usada para remover a neve em caso de acidente. Muito importante: as operações de *heliskiing* são sempre comandadas por um guia. Deve-se seguir suas ordens com uma deferência militar. Ele conhece a região e suas peculiaridades. É preciso obedecer-lhe.

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse [revistaunquiet.com.br](http://revistaunquiet.com.br)





Vista do spa, que fica próximo à colorida La Vila Joiosa, em Alicante



FOTOS GETTY E DIVULGAÇÃO

BEM-ESTAR

# MEDITERRÂNEO ZEN

*Na Espanha, a Sha Wellness Clinic combina hotel, escola e spa de altíssimo nível. Tudo para desintoxicar, rejuvenescer e desestressar você*

POR ADRIANA SETTI







FOTOS GETTY

Passeios para as cidades e praias de Altea e Alfaz del Pio, ou a visão panorâmica das duas, completam uma boa temporada *detox*

A

o atravessar a escadaria branca de mármore que reluz sob o sol da primavera mediterrânea, o chiado de uma fonte de água e o farfalhar das palmeiras imperiais dão uma pista da atmosfera zen que se respira do lado de dentro. Cruzando a porta de vidro, o hóspede é transportado a um universo paralelo que lembra o cenário do filme *Gattaca – A Experiência Genética*. Superfícies alvíssimas e brilhantes compõem os ambientes, ao lado de móveis de linhas futuristas revestidos de couro branco, luminárias que pendem do teto como gotas d’água cristalizadas e grandes círculos que emitem uma luz levemente dourada.

Assim como no filme de ficção científica protagonizado por Uma Thurman e Ethan Hawke, quem procura a Sha Wellness Clinic, a 130 quilômetros de Valência, na Espanha, também almeja turbinar a saúde. Mas, em vez de conquistar novas galáxias, os hóspedes costumam ter, como objetivo, alcançar o bem-estar e uma qualidade de vida melhor. Para isso, embarcam em programas que combinam terapias naturais, nutrição terapêutica, sabedoria oriental e os mais recentes avanços da medicina ocidental em prevenção, genética e antienvelhecimento.

Aos pés do Parque Natural Sierra Helada, e com vista para a baía de Altea, o colossal edifício branco é a materialização do sonho do argentino Alfredo Bataller Parietti. Empresário do setor imobiliário, ele passou boa parte da vida atormentado por problemas intestinais, sem vislumbrar uma solução na medicina tradicional. Até que, aconselhado por um amigo, encontrou a cura por meio da medicina integrativa e da nutrição terapêutica.

Fascinado pela descoberta, decidiu reunir os elementos que lhe trouxeram alívio em seu próprio império, com a ajuda dos filhos. Instalada no lugar da antiga casa de praia da família Bataller, na cidadezinha de L’Albir,

a Sha Wellness Clinic é a maior referência de clínica de bem-estar na Espanha, que deve ganhar uma filial em Playa Mujeres, no México, em 2022, e outra nos Emirados Árabes, em 2023. Desde que foi inaugurada, em 2008, essa mistura de hotel de luxo, escola e spa já ajudou a desintoxicar, desestressar e rejuvenescer celebridades como Barbra Streisand, Isabel Preysler, Julio Iglesias, Kylie Minogue e Ferran Adrià, além de Mozah bint Nasser Al-Missned, a governante do Qatar, e magnatas da Rússia, de onde procede grande parte dos hóspedes.

Ao reservar uma temporada no Sha, é preciso escolher entre seis tipos de programas pré-formatados, focados em perda e controle de peso, *detox*, rejuvenescimento ou bem-estar. Recentemente, um pacote especial pós-covid foi adicionado ao repertório, com a proposta de aliviar as sequelas da doença provocada pelo coronavírus.

Para personalizar a estada, ainda há um menu de mais de 300 tratamentos médicos e de *wellness*, ministrados por cerca de 300 profissionais de mais de 35 especialidades, de 40 nacionalidades. Para que o hóspede consiga navegar entre tantas possibilidades, a programação do primeiro dia sempre inclui uma avaliação médica, seguida de uma reunião com uma *personal agenda planner*, que ajuda a sugerir os tratamentos mais adequados para cada caso e a coordenar horários e preferências. Uma vez fechado o itinerário, é possível fazer alterações e acréscimos por meio do

## A Sha Wellness Clinic é a maior referência de clínica de bem-estar na Espanha

ótimo aplicativo, que traz informações detalhadas sobre cada procedimento ou atividade.

“Eles enchem a nossa programação diária de tratamentos e atividades para que não sobre tempo para a tentação de trabalhar”, comenta Svetlana, uma russa que procurou o Sha para um programa de *detox*. De fato, os dias costumam ser cheios, já que mesmo no programa mais austero – o Rebalance, de quatro dias –, estão incluídos cinco tratamentos, além de consulta com médico e nutricionista, uso do centro de *fitness* e do espetacular circuito de





hidroterapia. Cinema, biblioteca, galeria de arte e quadra de padel (jogo de raquetes) completam o arsenal de entretenimento da “Disneylândia do *wellness*”, segundo definiu um jornal espanhol.

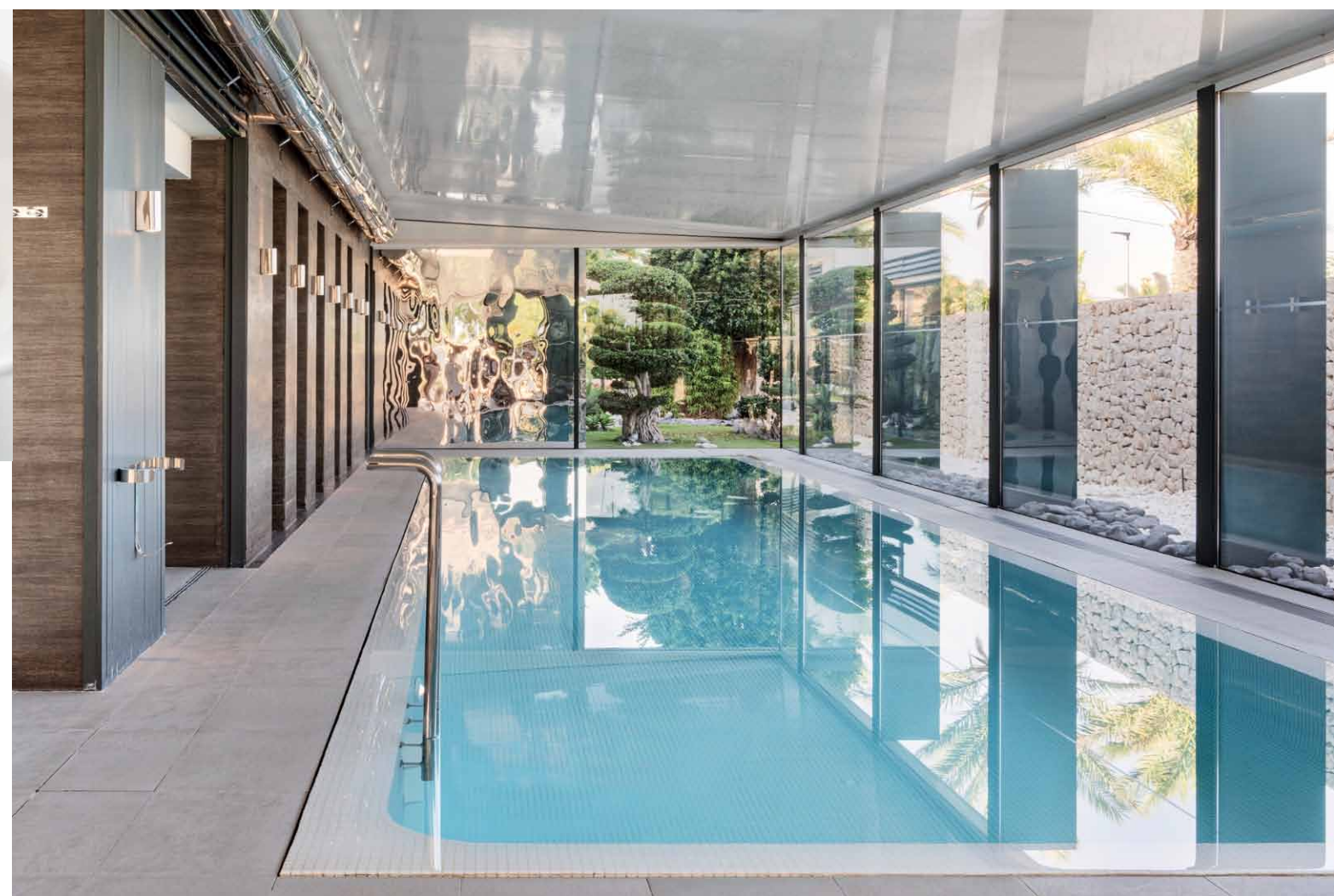
Para abarcar tudo isso, a Sha Wellness Clinic se divide em cinco grandes edifícios interconectados. São 93 suítes com grandes varandas e sala de estar, além de 11 residências – única parte do hotel onde crianças são aceitas como hóspedes. Cada uma tem a sua piscina de borda infinita no terraço. Apartado das acomodações, o coração do complexo é a clínica em si, com vários andares segmentados por temas conectados à recepção, onde os hóspedes passam grande parte do tempo circulando com seus roupões felpudos e bebendo água aromatizada com salsão e limão.

A pauta do dia inclui dissolver nódulos de tensão e expulsar toxinas por meio de técnicas como indiba (radiofrequência), pressoterapia, drenagem linfática, hidroterapia de cólon ou equilíbrio eletromagnético. Nem tudo é prazeroso e indolor – a começar pela “massagem” desintoxicante aplicada com ventosas.

Por outro lado, é possível voltar ao útero materno numa sessão de *watsu*, o *shiatsu* aquático. “É como uma dança de golfinhos”, diz Libertad, a terapeuta, com um sorriso relaxado no rosto. O espaço reservado a essa prática é uma piscina iluminada com um azul radiante aquecida a 36°C. Não à toa, a “viagem” termina com a estimulação de um ponto da mão que ajuda o paciente a “aterriçar”.



Com vista para o Mediterrâneo e mais de 40 especialidades médicas, o spa oferece aulas de ioga, piscina para *watsu* e cardápio de inspiração macrobiótica





Depois de um tratamento com *bowls* tibetanos, a dica é conhecer Alicante (ao lado, vista do porto da cidade)



Dentro da área de medicina revitalizante, o longo menu ainda inclui terapias intravenosas (como um *detox* para o fígado), ozonoterapia intestinal, nebulização desintoxicante dos pulmões, entre muitos outros tratamentos.

Além de cumprir sua agenda de *wellness* e saúde, o hóspede pode se inscrever nas atividades da Healthy Living Academy, uma espécie de escola de qualidade de vida, que oferece passeios, palestras, exercícios e *workshops*. No curso de cozinha *detox*, por exemplo, são ensinadas receitas fáceis e saudáveis, além de alguns preceitos da alimentação terapêutica – por exemplo, um método incrivelmente simples para extrair a água tóxica dos vegetais sem que percam suas propriedades. “A base da alimentação do Sha é macrobiótica, adaptada aos produtos da região”, diz o nutricionista Mario Lopez. Lácteos, ovos, café, açúcar e saladas cruas não fazem parte do cardápio.

Com predomínio de vegetais, a gastronomia da clínica inclui peixes e frutos do mar em doses muito homeopáticas. Durante as refeições, as únicas bebidas permitidas são vinagre dissolvido em água e chás. Os que não estão interessados em perder peso podem optar pelo menu Sha, de cerca de 1.800 calorias, incluindo sobremesa (obviamente sem açúcar) no almoço e no jantar. Já o Bio Light é a pedida de quem quer se desintoxicar e emagrecer, mas de forma suave. Soma

umas 1.200 calorias e não tem “doce” no jantar. Com 1.000 calorias, o Kushi é o mais restritivo, uma vez que exclui óleos, frutos secos e cereais.

Seja qual for a opção, no restaurante SHAmadi os pratos vêm à mesa em apresentações magníficas e são extremamente saborosos, caso da beterraba com espuma de cítricos ou do ceviche de tempê de soja e bulgur. Para quem não está familiarizado com a alimentação macrobiótica, a refeição mais difícil talvez seja o café da manhã.

A aventura começa com uma sopa de missô e segue com um trio de potinhos: *homus* com *crudités*, *porridge* (tipo de mingau) e um “*shot*” de sementes, como de chia ou de abóbora. A combinação é sempre acompanhada de um suco (verde, de beterraba com maçã ou cenoura com maçã). No “lanchinho” da tarde, uma pequena porção de frutas é servida com dois chás, uma das marcas registradas do Sha. Não espere nada convencional, e sim sabores como *shiitake* ou cenoura com nabo *daikon*.

Nas horas vagas, uma das melhores pedidas é largar ao redor da magnífica piscina de borda infinita que entrega de bandeja vistas para o Mediterrâneo, o pico de Puig Campana, na cordilheira Bética, e o *skyline* de Benidorm, a Miami espanhola, guardadas as devidas proporções. Mas vale a pena reservar um tempo para explorar os arredores.

Vinte minutos caminhando ladeira abaixo, che-

ga-se à entrada do Parque Natural Sierra Helada, mais de 5 mil hectares repletos de despenhadeiros que se debruçam sobre o mar, azulíssimo. A caminhada até o farol, de onde se tem uma vista de 360 graus da região, é uma delícia, à sombra de pinheiros mediterrâneos. Dá para ir até lá em grupo com um monitor pela Healthy Living Academy, ou por conta própria, aproveitando a calma do lugar para colocar a meditação em dia ou correr.

Também é indispensável reservar algumas horas para explorar Altea, “a cúpula do Mediterrâneo”. Considerado um dos povoados mais bonitos da Espanha em muitas listas de publicações nacionais, essa cidadezinha da província de Alicante faz jus ao nome da região, conhecida como Costa Blanca. Casas alvíssimas do século 18 decoram ruas de pedras, fazendo um bonito contraste com a magnífica igreja de Nossa Senhora do Consolo, que coroa o centro histórico com sua cúpula ornamentada de cerâmica azul.

Por trás das fachadas graciosas há estúdios de ceramistas, galerias de arte e muitas lojinhas bonitas. É preciso ser forte, no entanto, para não sucumbir aos prazeres da vida mediterrânea. Nas animadíssimas praças e calçadas de Altea, dezenas de bares servem *tapas* e drinques tentadores – o que pode ser um gatilho para quem começou o dia tomando uma sopa de missô. 📍

FOTOS GETTY E DIVULGAÇÃO



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse [revistaunquiet.com.br](http://revistaunquiet.com.br)





ENSAIO

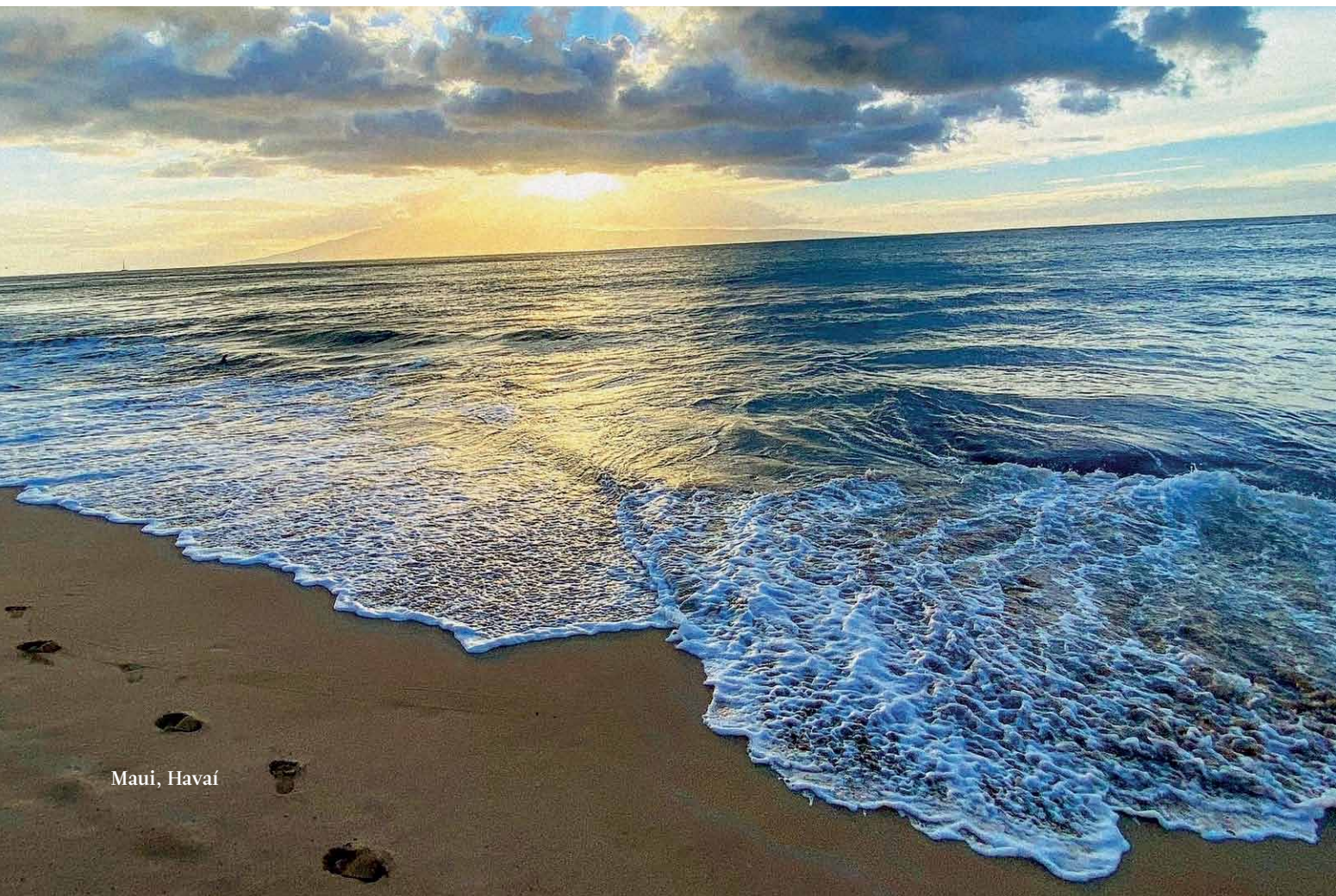
# VISTA PANORÂMICA

*Imortalizar paisagens tornou-se a marca de Chris Kittler,  
paulistano radicado na Califórnia que adora esportes radicais*

Black's beach, San Diego, Califórnia



Death Valley, Califórnia



Maui, Havai



Yosemite Park, Califórnia



Parque da Guarita, Torres (RS)

# C

omo juntar seus maiores prazeres em uma única atividade? Chris Kittler encontrou a fórmula. Desde criança, ele ama as práticas esportivas. Foi velejador, tenista profissional e um aficionado do triatlo. Sempre gostou de combinar o ciclismo com a corrida e a natação. “Disputei mais de dez IronMan, incluindo três campeonatos mundiais no Havaí”, contabiliza. Da mesma maneira, adora viagens e a vida ao ar livre. A terceira paixão é mais recente, embora tenha conquistado o coração deste paulistano há mais de duas décadas: a fotografia.

Ao criar a agência de turismo 7sherpas, sediada em San Diego, na Califórnia, Estados Unidos, Chris Kittler conseguiu equilibrar os três vértices desse triângulo. “É uma empresa que produz roteiros bastante exclusivos, com experiências esportivas nos Estados Unidos e na Europa, para pequenos grupos”, descreve o descendente de austríacos de 47 anos, pós-graduado em marketing. Vários dos circuitos têm no ciclismo seu prato de resistência. Comandando os viajantes nesses passeios, Chris Kittler faz paradas estratégicas não só para descanso e hidratação, mas também a fim de disparar sua Canon EOS 7D. Imortalizar as paisagens que atravessa se tornou sua especialidade.

Já então havia se apaixonado pela Califórnia. “Visitei pela primeira vez em 1994 e decidi que um dia moraria aqui”, revela. A promessa se cumpriu há sete verões. “Trata-se de um amor antigo”, resume. “É onde me sinto melhor.” 📍

[chriskittler.com](http://chriskittler.com)





FOTOS GETTY

GASTRONOMIA

# TREM BÃO

*Com mais de três séculos de existência, a culinária mineira deixou as montanhas das Gerais e se tornou universalmente brasileira*

POR MAURO MARCELO ALVES







Arquitetura  
barroca, cultura  
e gastronomia:  
tempos  
da charmosa  
Tiradentes

FOTOS GETTY E WIKIMEDIA COMMONS

Quando se pensa em torresmo, feijão-tropeiro, tutu de feijão, frango com quiabo, leitão à pururuca e o quase universal pão de queijo, o que esses alimentos nos lembram? Comida com origem em Minas Gerais, claro. Nascida aos poucos durante o período da mineração, sobretudo no século 18, ganhou forma e conteúdo nas inúmeras fazendas do estado após o declínio das minas de ouro, prata e diamante. Durante o século 20 foi incorporada ao dia a dia dos mineiros, com sua identidade preservada até hoje. E praticamente não há uma cidade grande no Brasil que não tenha dois ou três restaurantes indicando em suas especialidades nomes saborosos como Trem de Minas, Consulado Mineiro ou Minas Uai. A cozinha mineira, depois de se “nacionalizar”, virou também sinônimo do conceito de *comfort food*, além de se encaixar perfeitamente na ideia do *Slow Food*, movimento criado pelo italiano Carlo Petrini de valorização das tradições regionais e da boa comida saboreada sem pressa. E mais: é uma das poucas comidas regionais brasileiras, se não a única, presente no cotidiano das famílias. Os mineiros deixam para o fim de semana o churrasco gaúcho, a macarronada italiana ou a bacalhoadada portuguesa. Mas estão firmes no dia a dia com a linguiça fritinha, o frango com quiabo, o feijão em suas duas mais famosas versões, a canjiquinha com costela de porco, o torresmo, o lombinho, a carne de panela, muita couve “assustada” (rapidamente cozida), a taioba e o ora-pro-nóbis. Esta, trata-se da folha verde consumida pelos tropeiros em séculos passados que intuía, pelo saber popular, seu valor nutritivo para aguentar as longas jornadas sertão adentro. Hoje, a planta espinhenta de belas flores brancas é quase um segredo cultivado nos quintais ou cata-





FOTOS GETTY



do no mato e vai bem com frango, ovos, angu etc. E a doçaria? Também herdeira da tradição lusa com várias sobremesas à base de ovos ou compotas de frutas, tomou rumo próprio com o inigualável doce de leite e a gloriosa goiabada com queijo.

Por falar em queijo, ele é um capítulo especial na história mineira. Sobretudo a partir do século 18, quando os portugueses trouxeram uma técnica antiga de produção com leite de vaca cru e coalho. Em Minas ela ganhou o apelido de pingo – fermento natural obtido do soro que fica “pingando” da mesa onde a massa coagulada é enformada e é sempre reaproveitado na produção do dia seguinte. Tornou-se o queijo mais conhecido do Brasil, produzido principalmente em três regiões de origem: Serro, serra da Canastra e serra do Salitre. Mas não se pense que todo queijo Minas é igual: por conta da variedade de clima, água, pasto, rocha e altitude um queijo do Serro, por exemplo, é diferente de um Canastra na textura, sabor mais ou menos salgado ou ácido e aptidão para chegar ao estágio de meia cura, fundamental para fazer o célebre pão de queijo. Que surgiu durante o Ciclo do Ouro, quando as cozinheiras das fazendas, quase sempre sem boa farinha de trigo para fazer pães, usavam o polvilho obtido da mandioca, colocavam queijo ralado para dar gosto e deu no que deu. Feito com polvilho



Da região da serra da Canastra vem o queijo meia cura mais famoso do Brasil

## O pão de queijo é a própria simplicidade transformada em simpatia comestível

azedo ou doce (faço com os dois, meio a meio), leite, óleo, ovos, queijo ralado e sal, é a própria simplicidade transformada em simpatia comestível.

Outros locais também fabricam queijos com técnicas parecidas e, fenômeno recente, surgiu uma verdadeira febre de maturação, com pessoas improvisando prateleiras em garagens, edículas, galpões ou geladeiras para provocar o surgimento do fungo branco ou azul que a natureza encasqueta de depositar em suas superfícies. Tenho amigos que colocam um Canastra ou um Serro em algum recipiente e o “abandonam” na geladeira – após algum tempo e sem que haja qualquer controle, o sabor, o cheiro e aparência se modificam, tornando os

queijos mais leves ou ácidos, mais amarelados ou com aquele aspecto de mofado típico de produtos de outros países. Confesso que também gosto de, no jargão francês, afinar queijos na geladeira.

Comida que viaja bem desde os tropeiros, a mineira protagoniza outro evento, intensificado pela pandemia: o de pequenas empresas, em número crescente, que estão usando as redes sociais para oferecer produtos como linguiça, embutidos, queijos, temperos, café, doce de leite, goiabada e outros doces e, em verdadeiro *revival*, o porco na lata, antigo jeito de conservar a carne em sua própria banha. Detalhe: mineiro quando compra algum produto dizendo ser de Minas imediatamente olha o rótulo para certificar-se da procedência –, se não for de lá, o protesto ou o resmungo são inevitáveis...

Pedi a Alex Atala, nosso mais consagrado *chef* de cozinha e grande defensor de nossas tradições culinárias, a sua visão da comida mineira: “Antes dos sabores, a cozinha mineira triunfa pelo orgulho. É das regiões do Brasil mais orgulhosas da sua própria cozinha. Sua primeira vitória não é ser de uma cidade, é ser de todo o povo”. E como teria surgido essa identidade? “A cozinha mineira, em seu receituário, é gêmea da portuguesa, mas separada no nascimento.” Isto é, trilhou seu próprio caminho a partir dos ingredientes naturais





FOTOS GETTY

das montanhas ou do onipresente porco trazido pelos portugueses logo no comecinho da colonização. Frango, boi e carnes de caça também ganharam as panelas de pedra-sabão e ferro tão típicas de Minas Gerais.

Também conversei com Celso Nucci, ex-diretor da editora Abril, responsável pelo núcleo que abrigava o *Guia 4 Rodas* e grande conhecedor da cozinha brasileira. Paulista de Campinas e com casa na cidade histórica mineira de Tiradentes, ele diz que “ela é a comida de mais marcada tradição rural que temos. Cozinha de quem cria porco, galinha, planta feijão, tem horta de couve, cerca com ora-pro-nóbis, planta quiabo, abóbora, jiló, taioba, inhame, mandioca, milho. Frita ovo em gordura de porco. É sustento, é dia a dia”.

O epicentro dela é Belo Horizonte, naturalmente, onde o Mercado Central é seu micromundo com os melhores ingredientes. E se irradia pelo estado ganhando influências, como no norte, onde sobretudo no entorno de Montes Claros a carne de sol é presença constante nos bares e casas. O mineiro, que a lenda diz ser sempre desconfiado, costuma perguntar nos mercados ao procurar essa carne: “Mas é manta de Montes Claros?”, referindo-se ao largo pedaço de car-

ne “serenado” à noite pelo vento e pela temperatura mais baixa na calorenta região. Entre os pedaços mais apreciados estão o contrafilé e o coxão mole (aliás, chã-de-dentro no modo luso-mineiro). Acebolada e com mandioca cozida, a sua versão mais popular.

Por ali e estendendo-se pelo noroeste do estado há a marcante presença do pequi, planta típica do cerrado que dá origem a um fruto com caroço coberto por uma polpa comestível macia e amarela de forte odor, do tipo “ame-o ou deixe-o”. Quem não conhece e não foi avisado pode se dar mal com os espinhos finíssimos que ficam no interior do caroço – é preciso “roer” a polpa com cuidado. O arroz com pequi, aguardado com impaciência quando chega a época do fruto, de novembro a janeiro, é a receita mais disseminada. Adoro.

Outro de meus pratos preferidos tem o nome curioso de vaca atolada. Faz parte da antiga tradição mineira, embora hoje seja também comum em outros estados. Diz o folclore que os tropeiros, ao atravessar a vasta serra da Mantiqueira em meio aos barrancos e trilhas sempre perigosos, principalmente em época de chuva, viam com frequência o gado encalhar, determinando um descanso forçado.



## O epicentro da comida mineira é Belo Horizonte, onde o Mercado Central é seu micromundo

Arroz com pequi e um lanche à mineira, também chamado de quitanda, com seus acompanhamentos típicos

No momento da boia lembravam-se de que estavam ali por causa dos animais atolados.

Mas acho que o nome se deve mesmo ao aspecto do prato depois de pronto, quando a carne – tradicionalmente de costela bovina – recebe a companhia da mandioca no fim do longo cozimento. Ao soltar seu amido, a mandioca deixa a preparação com um jeito pastoso. O que esse prato perde no aspecto, ganha em gostosura.

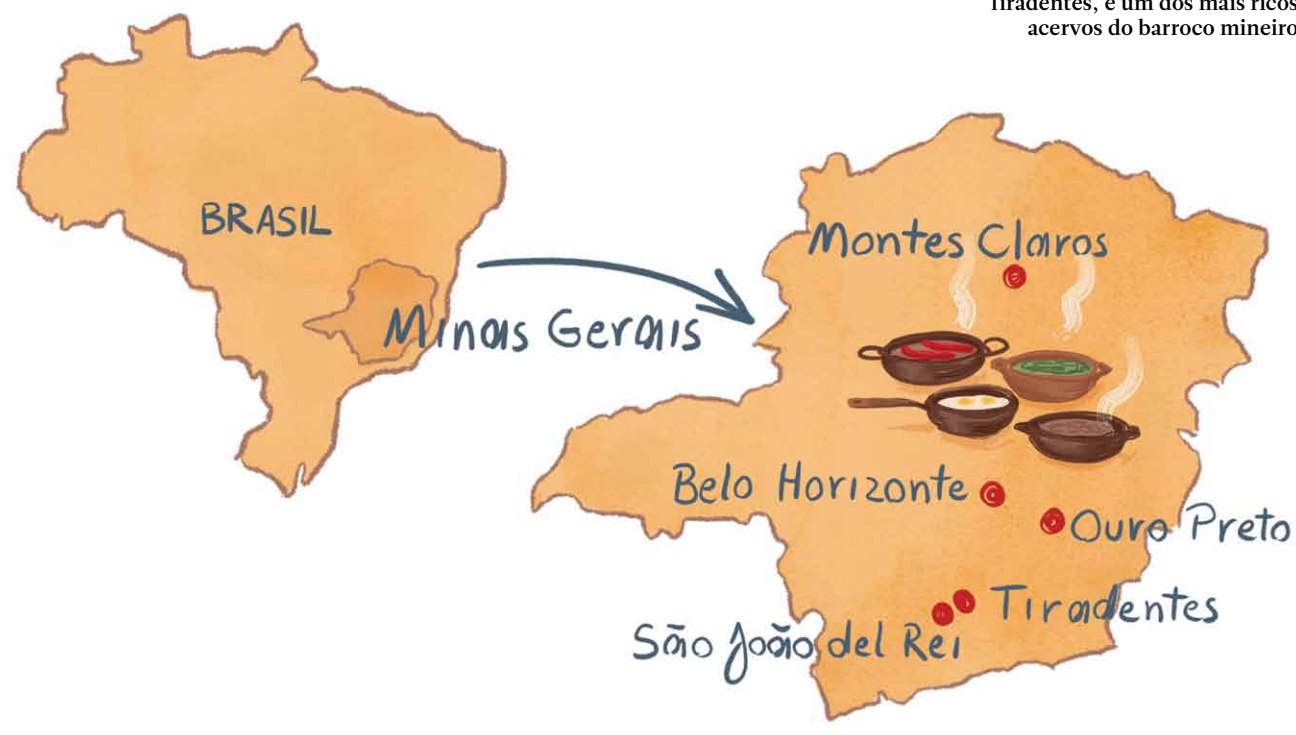
Enfim, a cozinha mineira tem história para contar em seus fogões e fornos a lenha, em suas quitandas para o café da manhã ou a merenda da tarde – a broa de milho, o biscoito de polvilho, o bolo de fubá, as rosquinhas, o pão de queijo e o inevitável café coado na hora – e continua viva com o orgulho de seus habitantes, como destacou Alex Atala, em manter essas tradições nas cidades, agora com os equipamentos modernos das cozinhas.

Lembrando o genial escritor Otto Lara Resende, natural de São João del Rey: “Minas está onde sempre estive, com seu passado, seu presente e seu futuro”. Tal e qual sua comida, que é o que sempre foi e continuará sendo.





Matriz de Santo Antônio, de Tiradentes, é um dos mais ricos acervos do barroco mineiro



FOTOS GETTY



## Um microcosmo chamado Tiradentes

Tiradentes, na região do Campos das Vertentes, a 190 quilômetros de Belo Horizonte e fazendo parte do circuito turístico Trilha dos Inconfidentes, foi uma das cidades que entraram em declínio com o fim do Ciclo da Mineração. Menor que outras, como a vizinha São João del Rey, Ouro Preto ou Diamantina, mergulhou em dias sonolentos quase só restritos aos poucos habitantes, cerca de 2.300 na década de 1980, segundo o IBGE. É consenso que isso ajudou a preservar as construções de seu centro histórico.

Aos poucos, alguns descobriram a joia esquecida, como o inglês John Parsons e sua mulher, a mineira Ana Maria, que transformaram um casarão inacabado na primeira pousada da cidade em 1972, o Solar da Ponte. Tiradentes começou lentamente a atrair a atenção de mineiros e gente de fora, ganhou novas pousadas e alguns restaurantes de comida caseira. E aí, em 1997, um evento sacudiu totalmente a quietude: o Festival de Gastronomia. Bem, quem organizou a primeira edição fui eu; na época, estava construindo uma casa na cidade e um amigo paulista que morava lá, o produtor cultural Antônio Maschio, deu a ideia. Convidei *chefs* de cozinha conhecidos e celebridades para cozinhar ou conduzir *workshops* e o sucesso foi e tem sido enorme – em 2020 a cidade realizou sua 23ª edição (esta, virtual).

Na esteira, outros festivais vieram, como os de cinema, fotografia, teatro, vinho etc., mas o de gastronomia firmou Tiradentes como a mais atraente cidade histórica mineira para o bom comer. Restaurantes como o Virada's do Largo, de Beth Beltrão, elevaram o padrão da cozinha mineira, com mais atenção à finalização dos pratos e ao serviço. Outros foram sur-

gindo, com propostas semelhantes ou buscando inovar a cozinha típica, como o Tragaluz, Pacco e Bacco e Angatu. E há também o apreciado leitão à pururuca do Luiz Ney, servido em sua pousada Villa Paolucci. A cidade se destaca ainda pela produção de um queijo Minas artesanal de bela qualidade, o Sabores do Sítio (ou Queijo da Lúcia).

Tiradentes também influi no turismo de cidades próximas, com o pessoal visitando o alambique de cachaça do engenho Boa Vista, que pertenceu ao irmão mais velho de Tiradentes, o padre Domingos da Silva Xavier, em Coronel Xavier Chaves. E fazendas dessa cidade elaboram os bons queijos Catauá e Jacuba.

Visita quase obrigatória para quem vai a Tiradentes, o distrito de Bichinho é um bucólico povoado formado nos princípios do século 18 que hoje é conhecido pelas várias oficinas de artesanato e algumas casas simples e boas para comer.

É essa a rápida história de sucesso de uma pequena cidade que ressurgiu ao descobrir na gastronomia uma nova identidade. Dos 2.300 moradores originais da década de 1980, a cidade tem hoje estimados 8.000 habitantes. Houve forte crescimento em volta do núcleo central, que felizmente ainda preserva suas casas e casarões, museus e chafarizes. 📍

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse [revistaunquiet.com.br](http://revistaunquiet.com.br)





GETTY

AVENTURA

# NO PLANETA DOS MACACOS

*Na Tanzânia, montanha acima, quando você começa a ouvir  
os chimpanzés, tudo parece se iluminar por dentro*

POR FÁBIO PORCHAT



Quando alguém quer conhecer o Peru, não diz que quer conhecer a América. Quando quer ir ao Japão, não fala que quer ir à Ásia. Mas quando alguém quer fazer um safári, sempre diz que quer conhecer a África.

Curioso como um continente tão rico e com mais de 50 países é visto como um só bloco pela maioria das pessoas. A África vai do Marrocos a Moçambique, do Egito à Zâmbia. É muito plural e distinta. E são vários os países africanos onde é possível ver animais nativos. Cada um com sua particularidade e com suas possibilidades, cada um com algo único a oferecer. E dentro de cada país ainda há uma gama de ofertas para entrar em contato com diferentes tipos de bichos em diferentes paisagens.

Digo isso porque já fui uma pessoa que dizia que o sonho era conhecer a África. Dez países africanos depois, ainda posso continuar dizendo que quero conhecer a África. Porque não estou nem perto de vivenciar toda a África. Na primeira vez que fui à Tanzânia, visitei Ngorongoro, o Kilimanjaro e o Serengeti. Passei

sete dias por lá e me acendeu aquela famosa luzinha do: “Tenho que voltar aqui neste país”. Voltei. E aqui escrevo sobre essa volta.

Pude relaxar em praias paradisíacas, mas aquilo que mais me marcou nessas duas ocasiões foi poder entrar em contato com os chimpanzés. Percebe quantas Tanzânias existem dentro dessa imensa África? O passeio não é barato nem de fácil acesso. Mas é imperdível.

Os chimpanzés vivem na floresta das montanhas de Mahale, no extremo oeste da Tanzânia, fronteira com a República Democrática do Congo. Para chegar, são poucos voos (não diários) naqueles aviõezinhos que parecem de Lego. Você pousa numa pista que pelo tamanho não poderia se chamar “pista” e sim “acostamento”. Como é uma região de montanha, o tempo está sempre mudando. Sol, nublado e chuvoso poderia descrever tranquilamente o que acontece em uma hora por lá.

As montanhas são cortadas pelo lago Tanganica, que está entre os maiores do mundo e é o segundo mais profundo, quase 1.500 metros. É dos lagos mais lindos que já vi. Sua água límpida e azul-turquesa pede um

Manada de gnus no Parque Serengeti, entre o Quênia e a Tanzânia: a mítica do continente da vida selvagem nasceu nas savanas africanas





A hospedagem nos  
seis chalés do  
Greystoke Mahale  
Camp é entre a selva  
e o lago Tanganica, o  
maior da África

mergulho. Os hipopótamos e crocodilos ali presentes pedem que não. Chegando no “aeroporto” de lá (com muitas aspas) despeça-se da internet, do sinal de celular e entre no barco que te levará para o seu lodge.

O meu era o Greystoke Mahale Camp. Uma hora e vinte de barco (que o próprio hotel disponibiliza) num passeio muito tranquilo (quando não está chovendo, porque aí prepare-se para ficar ensopado). Ao longe, na beira da praia, uma grande cabana de palha. Chegamos. Digo praia, porque era exatamente o que parecia. Havia ondas e areia branca num fundo infinito de água. Parecia uma miragem. Um convite para um mergulho. Que delícia seria ficar de bobeira com uma cerveja na mão na beira do lago. Pro crocodilo também.

Lá são apenas seis chalés hiperconfortáveis. Todos encravados na montanha e com vista para esse “mar”. Mosquitos? Com certeza. Mosquiteiro? Também. Dormir no meio da selva, ouvindo os sons de todos os animais possíveis, não tem preço. O atendimento é de alto nível e a comida caseira, estilo internacional. Vinho, cerveja, refrigerante, o que você quiser. Tudo incluso, uma vez que não há absolutamente nada ao redor.

Mas a verdade é que você não foi pra lá pra descansar, você foi encontrar com os chimpanzés e tudo foi feito para que esse encontro aconteça e seja perfeito. Todos ali são preservadores daquele lugar. Cientistas, pesquisadores, todos estão ali, ensinando e cuidando para que nada possa causar qualquer tipo de dano aos animais e à floresta. A rotina diária é: acordar às 7 da manhã, tomar um café da manhã reforçado na sede e ir com os *trackers* pelas montanhas para a tão esperada observação.

Para garantir que a saída não seja em vão, alguns *trackers* já saíram às 5 da manhã no encalço das pistas para localizar os grupos. Assim, quando encontram os chimpanzés, avisam por rádio ao pessoal da sede – e sai todo mundo em caminhada montanha adentro (e acima) para a localização exata.

Eles não estão aguardando a nossa chegada, estão em movimento. À procura de alimentos, local de descanso, para brincar... Às vezes, os *trackers* demoram a encontrar algum grupo, então, depois do café, ficamos nos quartos fazendo hora até sermos avisados. É necessário levar roupas específicas para essa caminhada. Calças e camisas de manga comprida de material leve e que seque fácil. Importante que as cores não sejam



## No primeiro encontro, dei sorte de ver os macacos bem de perto, pois eles estavam todos no chão, juntinhos

chamativas. Pensem no bege, cinza e marrom. Não se pode usar perfume também. Tênis impermeáveis (leve dois pares pra fazer um rodízio), chapéu ou boné e uma pequena mochila para a sua água.

A caminhada não é dura, mas demanda certa resistência. Todos os hóspedes vão juntos numa fila e todos se ajudam, mas há alguns morros, subidas e descidas escorregadias, travessias de riachos, e a procura leva horas. Foi nesse passeio que pela primeira vez usei as máscaras que a covid popularizaria anos depois. É para evitar que passemos doenças para os macacos que com uma gripezinha podem morrer.

Quando você começa a ouvir os sons dos chimpanzés, tudo parece se iluminar por dentro. Os guias são muito preparados e amam o que fazem, sabem tudo sobre todos os integrantes de cada grupo e adoram conversar e explicar o funcionamento de cada bando.

É interessantíssimo ver como eles funcionam poli-

ticamente, inclusive. Parece uma peça de Shakespeare. Do Hamlet que quer vingar a morte do pai, à lady Macbeth que leva o marido a crimes horríveis, todos eles têm uma função no grupo. O encontro é mágico.

Dei sorte de meu primeiro encontro ter sido no chão. Pude vê-los brincando, se batendo, rindo, correndo – tudo a centímetros de mim. Você não pode interagir com eles, obviamente, mas eles não sabem dessa regra e volta e meia interagem com você. É impressionante ver 30 daqueles animais à sua volta.

É curiosa a nossa semelhança com eles, uma vez que descendemos da mesma linhagem de primatas. A mãe carregando o filhote nas costas, o carinho entre eles, até a catação de piolhos nos remete à nossa infância. Eles percebem a nossa presença, mas isso não altera muito a rotina. Ali estão acostumados com os humanos por perto. Emitem sons o tempo todo, o que torna tudo ainda mais interessante. O cheiro



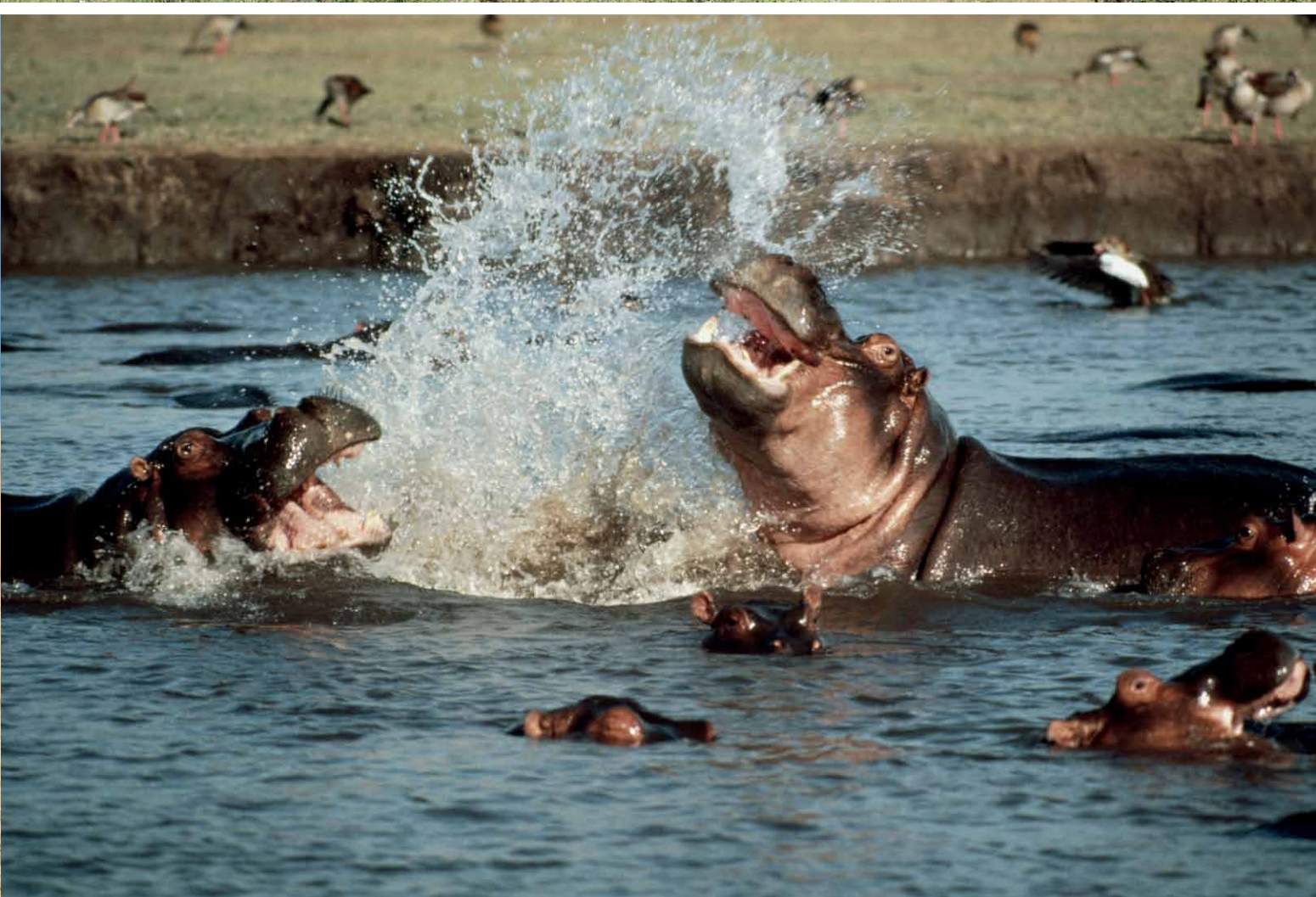
A natureza  
em sua potência  
máxima, o ser  
humano em sua  
insignificância  
máxima

Entardecer no vale do  
Ngorongoro, na Tanzânia:  
nesta imensa cratera de um  
extinto vulcão a vida pulsa





Filhotes de leões, girafas,  
zebras de Grant e hipopótamos:  
terra dos gigantes das savanas





A etnia maasai, de tradição pastoril, foi realocada para a vizinhança das áreas protegidas, garantindo a sobrevivência de chimpanzés e outros animais



é diferente de tudo o que você já sentiu antes. E de perto é possível se perder em detalhes: pelos, unhas, dentes, olhares...

Fazer contato visual é emocionante. Eles riem de nós muitas vezes. E, do nada, alguns começam a urrar, se bater e sair correndo. Assusta no início, mas os guias nos tranquilizam. O que parece um surto é apenas uma forma de brincarem entre eles. Sobem e descem das árvores, pulam de galho em galho, tudo isso muito perto de nós. Por um momento você se sente parte daquilo. O silêncio da floresta nos ajuda na imersão. Conforme eles se movem, nós vamos atrás.

Como éramos um grupo grande, nos dividiram em dois times. Enquanto um grupo observava, o outro ficava descansando. Após uma hora de observação, voltamos para o lodge. Maravilhados e excitadíssimos. Cheios de fotos e vídeos, de lembranças e momentos muito marcantes. Foram quatro dias de busca. Achei o tempo certo, porque cada “visita” proporciona novas experiências. Você os vê comendo, pulando de galho em galho, brigando, copulando...

Eles ficam muito próximos, muitas vezes te tocam, balançam árvores, coisas caem em você. Numa dessas um deles balançou um galho e derrubou meu celular. Outro se aproximou da minha mulher e deu uma cantada nela. Machos, fêmeas, bebês, idosos, o bando é repleto de diferentes tipos e tamanhos. Voltamos a tempo de almoçar e passar a tarde descansando.

Há passeios de barco para ver crocodilos e hipopótamos que na água transparente são incríveis e até nadar é possível, acredita? No meio do lago, onde é fundo o

bastante pra nenhum animal chegar, podemos nadar numa água fria, mas deliciosa. Há boias nos barcos, o que torna tudo mais divertido.

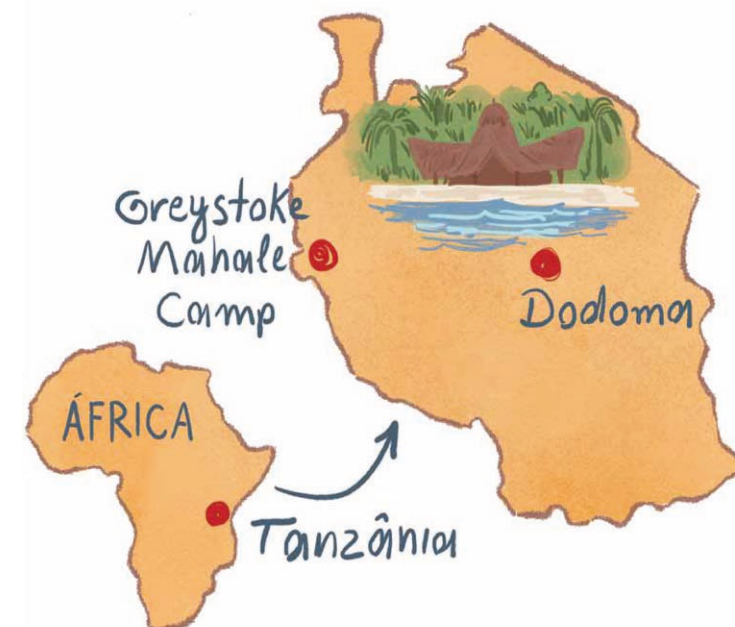
A interação com os hóspedes do mundo todo é outro ponto alto das refeições. A troca com esses turistas que amam viajar faz com que qualquer “good morning” já vire um “where are you from?”. A experiência por si só já seria imbatível, mas o conjunto transformou esses meus cinco dias no Mahale nos melhores da minha vida. A natureza em sua potência máxima, o ser humano em sua insignificância máxima, o relaxamento absoluto num paraíso como esse é o que faz da vida algo único.

Estar ali foi o ponto alto das minhas histórias de viagens. Sob todos os aspectos é um momento único na vida de qualquer pessoa. Por isso, da próxima vez que você falar que quer conhecer a África, lembre-se: você poderia estar falando das pirâmides do Egito, das igrejas de Lalibela, na Etiópia, das cataratas de Victoria Falls ou dos chimpanzés da Tanzânia. 📍

*Fabio Porchat doou o cachê deste artigo para o Satubo Womens Group, entidade de mulheres do Quênia mantida pela Zeitz Foundation voltada para a inclusão social e econômica feminina na região de Laikipia.*



FOTOS GETTY E FABIO PORCHAT



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse [revistaunquiet.com.br](http://revistaunquiet.com.br)





ENTREVISTA

# T Ruy Carlos One

*O viajante inquieto que vem descobrindo novas trilhas na Amazônia  
enquanto aprende as lições da floresta e de seus habitantes*

POR ERIK SADAQ  
RETRATO TUCA REINÉS







Jacaré-açu, primeiro barco construído pela Katterre para excursões pela Amazônia

SITAH

**E**ngenheiro e administrador, formado pela USP, Ruy Tone é o filho mais velho da segunda geração nascida no Brasil de uma família japonesa que chegou ao país nas embarcações que seguiram a rota do *Kasato Maru*. Pai de quatro filhas, cresceu em São Paulo com quatro irmãs e tem como

principal característica a objetividade, resultado da mescla da cultura japonesa com a educação alemã de base do colégio Porto Seguro. Suas memórias afetivas de infância são de Ourinhos, onde passava as férias trabalhando nos negócios do avô. A convivência com ele, um empreendedor nato, fundador da primeira rede de supermercados da cidade e de pequenos negócios como uma olaria, o inspirou a seguir uma trajetória polímata, equilibrando carreiras bem-sucedidas na engenharia e no turismo.

O prazer de viajar foi descoberto na adolescência, quando representava o Esporte Clube

Pinheiros em competições pelo país. Com os amigos de faculdade, embarcou em longos mochilões pela América do Sul. O sonho de tirar um período sabático, desbravando a Europa, a África e a Ásia, foi adiado devido à morte repentina do pai, dono de uma construtora. Uma pausa para reestruturar o negócio da família foi necessária antes que voltasse a cair na estrada. Para organizar suas próprias aventuras, fundou a Mundus, um laboratório de viagens experimentais com expedições para lugares não comerciais, como o Paquistão e o Chade.

Depois de rodar o mundo, fixou raízes na Amazônia com alguns dos projetos sustentáveis mais admirados do turismo mundial. As expedições de sua empresa Katterre proporcionam vivências autênticas ao longo dos rios que serpenteiam a maior floresta do planeta. As linhas arrojadas do hotel Mirante do Gavião se tornaram cartão-postal de Novo Airão. Em Manaus, o restaurante Caxiri traduz para não iniciados os sabores nativos de uma mesa tão farta quanto o bioma em que está inserida. Enquanto a Fundação Almerinda Malaquias contribui com o futuro de jovens da região e melhora exponencialmente a educação.

**UNQUIET\_ Como um engenheiro foi parar no turismo?**

**Ruy Tone** - Criei uma carreira no turismo para fugir da engenharia. É meu lado B. Sempre gostei da área, mas não do turismo comercial. Sinto que as pessoas que só viajam de um jeito mais padronizado perdem muitas possibilidades de transformação

**E como surgiu a ideia de fundar a Mundus?**

Fundi a Mundus basicamente para organizar as viagens que gostaria de fazer. Na época, a Marcia Sztajn, ex-sócia e uma grande especialista que me ajudava a organizar minhas viagens para o Tibete, ficou impressionada com as minhas planilhas de viagem e propôs que começássemos o negócio.

**Quais eram seus planos de viagens no último ano?**

Tinha duas expedições planejadas. No primeiro semestre retornaria ao monte Kailash, no Tibete, e em novembro iria levar uma expedição para as ilhas Socotra, no Iêmen.

**Por que Socotra?**

Socotra preenche os requisitos de um destino fora de rota. É considerada a “Galápagos do oceano Índico”, com muitos animais e vegetação endêmicos – e está fora do radar do viajante brasileiro. As imagens de lá são espetaculares, com natureza de tirar o fôlego e aquela tipologia que a história deixou.

É parte do Iêmen, mas um Iêmen em que ainda dá para se entrar.

**Como é o cliente da Mundus?**

Acabamos nos tornando uma agência para clientes que viajam o mundo todo e que têm tempo para embarcar em longas expedições rumo a destinos não comerciais. Se vamos a um lugar que não é tão exótico, fazemos a viagem de um jeito diferente.

**Há algum lugar pouco conhecido por brasileiros que você visitou e**

**que considera imperdível?**

Atravessei o Paquistão há dois anos, antes da pandemia. Deu tudo certo apesar do elemento de tensão absurdo que temos antes da chegada lá. Do lado talibã, na fronteira com o Afeganistão, é possível ver etnias locais quase sem registro. No Chade, apesar do histórico guerrilheiro, se vislumbra um dos cenários mais bonitos do planeta. O deserto é impressionante e há uma forte conexão com a Amazônia. No meio do continente africano, falésias gigantescas dão forma ao platô do Ennedi. A água é transparente e no meio do Saara brota um minipantanal. O rio é habitado por uma espécie endêmica de crocodilo gigantesca. Estuados levam a crer que quando éramos um só continente, ali, naquela falésia, nascia o rio Amazonas, quando as águas corriam do lado oposto, de leste para oeste, não como é hoje. É como estar em Marte. Aquilo é Marte...

**E como surgiu a Katterre?**

Em 2004, as oscilações do dólar levaram a Mundus a criar produtos no Brasil para fugir dos prejuízos da variação cambial. Saímos para conhecer o Pantanal e a Amazônia, mas logo percebemos que nada tinha a nossa cara. Percebi que teríamos que criar toda a operação. Me juntei à Katterre e passei seis anos montando expedições por lugares que ninguém navegava. Embarcamos rumo a lugares que conhecíamos nada ou pouco. Meus sócios Kleber, Noé e Tito já tinham alguns barcos, mas o primeiro que construímos juntos foi o *Jacaré-açu*, nosso produto *premium*. O desenvolvimento foi intenso. Trabalhar com a mão de obra local utilizando todo o conhecimento que tenho de engenharia para fazer algo que jurava que nunca iria ter: um barco.

**“Passei seis anos montando expedições por lugares que ninguém navegava”**

**Quer dizer que foi um golpe do destino acabar como dono de uma frota de barcos na selva amazônica?**

**[Risos].** Sim, eu sempre disse que nunca teria barco ou restaurante. Hoje dois dos meus projetos na Amazônia giram em torno das expedições pelo rio e da gastronomia local. Na bacia do rio Negro, temos duas embarcações operando pela Katterre, e na bacia do Tapajós-Arapiuns, temos outras duas, operadas via Turismo Consciente. Os restaurantes são o Caxiri, em Manaus, o Flutuante Flor do Luar, em Novo Airão, e o Camu Camu, no Mirante do Gavião.

**Você andou bem ocupado com o Caxiri no último ano; quais são os planos para o restaurante?**

Sim. Com o fechamento temporário dos empreendimentos, a equipe, em especial minha sócia Debora Shornik, uma pessoa especial com imensa sensibilidade, se dedicou incansavelmente ao projeto de transformação do jardim do Mirante do Gavião em uma floresta comestível. Como o Caxiri é um vetor de entendimento da Amazônia, é importante introduzir o máximo de ingredientes locais em sua gastronomia para contribuir com a trans-





## “Tive que aprender sobre materiais corretos para aquele solo, aquele clima, tudo foi um desafio”

formação do viajante que visita a região. A gente acredita no conhecimento local e no poder da ancestralidade. As relações com os alimentos, a floresta e as comunidades da região se reforçam a partir daí.

### As expedições da Katerre também têm esse propósito?

Quando reduzimos a distância dos produtos e da navegação, para adequar o tempo das expedições, criamos algumas programações para desenvolver e aumentar as relações com as comunidades e garantir que fosse viável. Apesar das opções mais exóticas do cardápio, conseguimos adaptar produtos de qualidade, muito autênticos, para quem não tem tanto tempo para navegar. Mora muita gente na Floresta Amazônica. É preciso entender a realidade deles para pensar maneiras sustentáveis na relação do homem com a floresta. Tanto no Turismo Consciente quanto na Katerre, fazemos programas de base comunitária. Participamos ativamente nas comunidades. Valorizamos o conhecimento local e seus moradores.

### Qual é a expedição mais longa

### que vocês fazem na Amazônia?

Algumas chegam a durar mais de 20 dias. Temos conhecimento para mostrar algo diferente todo dia e comemoramos quando precisamos utilizar esse conhecimento. A grande maioria das pessoas navega uma média de cinco dias pela região do Jaú ou das Anavilhanas. É preciso lembrar que 90% do turismo no Amazonas é feito em Manaus, na região em torno do Novo Airão, que concentra os hotéis. Quando alguém está hospedado no Mirante do Gavião, consegue visitar comunidades a uma curta distância. Em uma expedição podemos seguir rio acima, viajar até setecentos quilômetros, parando quantas vezes e onde quisermos.

### E o público das expedições?

As expedições mais longas são procuradas principalmente por

europeus e americanos. Com a pandemia, tivemos boas surpresas. Muitas famílias brasileiras solicitaram viagens mais longas, com o fretamento dos barcos.

### O projeto do Mirante do Gavião é das coisas mais bonitas que temos na hotelaria brasileira. Como surgiu o hotel?

Fico feliz em ouvir isso porque foi um dos projetos mais desafiadores da minha vida. Aliás, é por isso que sou apaixonado pelos projetos na Amazônia, todos exigem de mim um conhecimento que não tenho. Nos dois anos de construção do Mirante, tive que aprender sobre os materiais corretos para aquele solo, aquele clima, tudo foi um desafio. Pensávamos em montar uma estrutura que nos permitisse abastecer e subir o rio em direção aos lugares menos conhecidos. Era para ser uma

base de apoio dos barcos. Como nosso DNA eram as expedições, nunca imaginamos ter um hotel. A experiência do visitante era muito árida, descer e terminar a viagem em Novo Airão. Não tinha uma estrutura com um bar legal ou um bom restaurante. Aí resolvemos colocar uma piscina, depois vieram os quartos. Quando vimos, tínhamos um hotel.

### Que desde a inauguração fez enorme sucesso...

Foram necessários muitos ajustes porque não entendíamos que seria um hotel. Por exemplo, achávamos que a mesma cozinheira do barco trabalharia lá. A procura pelo hotel nos surpreendeu e fomos obrigados a rever todo o conceito. A filosofia e o princípio são os mesmos da Katerre. Fazemos a transposição dos clientes para a realidade, sem filtros, do que acontece na região.

### E há alguma nova expedição planejada?

Preparamos uma expedição que é a primeira 100% homologada pela Funai, em áreas indígenas. O trabalho foi finalizado em 2020. Sempre houve expedições por esses lugares, mas nunca homologadas pela Funai. A grade da programação foi desenvolvida em conjunto com os indígenas. O Instituto Sócio-Ambiental contratou uma ONG, a Garupa, para o desenvolvimento do turismo de base comunitária indígena em Santa Isabel e São Gabriel da Cachoeira.

### E como enxerga os desafios para o turismo na Amazônia?

Temos que avançar na forma como nos comunicamos com a floresta. Recentemente, escutei o João Moreira Salles dizendo que falta ao brasileiro o orgulho de ser amazônico e, para



A marchetaria usa sobras de madeiras nobres da região. O Projeto Quelônios, patrocinado pela Katerre, preserva as tartarugas-da-amazônia



consertar isso, o caminho seria o envio de todas as formas de arte, pintura, música, cinema e teatro do resto do Brasil, para se impregnar de Amazônia, e assim fazer a região correr por dentro de nós, do mesmo modo que os Alpes representam a Suíça, ou a Patagônia a Argentina. Tornar a Amazônia visceralmente brasileira. Essa é a comunicação que está nos faltando.

#### Fale um pouco sobre a Fundação Almerinda Malaquias.

Como disse, acho que gosto tanto da Amazônia porque lá sou forçado a mexer com ferramentas às quais não estou acostumado ou a pensar em coisas que nunca precisei pensar. A Fundação Almerinda Malaquias me desafia a refletir sobre a educação como trabalho. Entendo pouco, não sou um pedagogo, não entendo das técnicas educacionais, mas lido com o problema da educação o tempo inteiro.

No momento, estamos trabalhando com uma equipe de 20 educadores na formação de um projeto para entender o funcionamento de todas as escolas de Novo Airão porque percebemos que é impossível trabalhar só com uma escola. Entendemos que precisamos atuar em todas as 25 escolas daquela região, senão a gente não vai mudar nada.

#### Já pensou em encarar um cargo público?

Acredito que exista muito espaço de trabalho no privado auxiliando o público. É o que fazemos na fundação. A gente tem a parceria com a prefeitura, que fornece alguns subsídios, e 100% dos alunos vêm do processo escolar. É importante trabalhar em conjunto porque só assim é possível alterar alguns procedimentos que não funcionam. Neste projeto, entendi que não preciso fazer parte do gover-

no. Há seis anos seguimos com a mesma filosofia. Já tivemos mudança de prefeito, mas as políticas de investimento na educação que defendemos foram mantidas. Quando estou em campo atuando com a administração pública, não estou como empresário. Estou como uma ONG.

#### A sua disciplina japonesa, somada à educação alemã, ajuda na hora de tocar todos os projetos?

Acabo criando rotinas, principalmente quando estou na Amazônia. Se estou em Manaus, passo a manhã no Caxiri e a tarde na Casa Teatro. Quando estou em Novo Airão, de manhã estou no Mirante e à tarde na Fundação Almerinda Malaquias. Faço um agendamento de períodos e pré-organizo as reuniões necessárias por lá. Mas estou sempre livre para atender quem precisa de mim. Minha filosofia é que a

## “Tornar a Amazônia visceralmente brasileira. Essa é a comunicação que está nos faltando”

gente trabalha não para ter só alegrias, mas para resolver problemas. Se algo está dando certo, não me intrometo. Se não me ligam, não tem problema, estão fazendo o que foi combinado. Quando me procuram é para resolver problemas. É assim no Caxiri, no Mirante ou mesmo na construtora, que continua funcionando quando não estou.

#### E qual sua noção de felicidade?

Eu sou feliz trabalhando. Quase o dia inteiro estou fazendo algo relacionado a uma das empresas e é tudo de uma forma leve. Entrei num processo de equilíbrio que, para mim, define a felicidade. Depois de um tempo dentro de um projeto, chego à conclusão de que há pequenas conquistas em todas as etapas. Os percalços vencidos no caminho geram picos de felicidade e de tristeza, mas é o processo que define a felicidade. Depois de ter trabalhado um, dois, cinco anos em algo, se ao final tudo aquilo trouxe realização, significa que a gente foi feliz. Trabalho a felicidade a longo prazo.

#### Você sente o impacto dessa filosofia nos outros?

Lá no rio Jauaperi, o viajante tem a chance de nos ver coletando

ovos de tartarugas em praias de sete comunidades que apoiamos. É bonito, conhecemos as crianças que trabalham lá, pode-se conversar com os pais, ver de perto as mudanças que trouxemos. O Mirante e a Katerre começaram uma ação que financia, a juro zero, projetos que envolvem a melhoria das condições de moradia, como a compra de terrenos, a construção de novas casas e reformas de imóveis já existentes. Eu tenho prazer em contribuir como engenheiro em alguns projetos. Depois de cinco anos, 20 pessoas têm casas mais bem construídas. Temos gente muito feliz, é muito bonitinho. Gente feliz e querida em todos os times. Uma grande família. 📍

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse [revistaunquiet.com.br](http://revistaunquiet.com.br)





# Aprender com o imprevisível

*Sou obcecada com planejamento. O que não significa que consiga sempre planejar. Ou mesmo que eu siga o planejado*

POR ERIKA PALOMINO ILUSTRAÇÃO PAULO VON POSER

Gosto de cabos, faróis, desertos, ilhas, montanhas (não de escalar) e de (novos) horizontes. E de fronteiras, limites, para superá-los. Já dei muito rolê, peguei muito avião, desbravei lugares inóspitos e inesperados, fui para extremos, em todos os sentidos, pontos cardeais e temperaturas.

O Atacama, tão alto e tão seco, me deu um sacode físico e energético que estou até hoje tentando entender. Abaixo do nível do mar, o caminho pro mar Morto, e o mar Morto, e a Jordânia lá do outro lado, nublada pelo sal, não vou esquecer. A gelada e branca Kirkenes, Noruega, faz fronteira com a Rússia e a Finlândia (isso é possível). Um dos lugares mais próximos do conceito de “meio do nada” que já consegui alcançar. Amei. E de lá saí para flunar pelos fiordes descendo a costa de meus antepassados vikings em busca da visão de uma (imprevisível) aurora boreal.

Sou obcecada com planejamento. O que não significa que consiga sempre planejar. Ou mesmo que eu siga o planejado. O planejamento existe justamente para haver espaço para o imprevisto, para o drible. Mudar de ideia. Decidir na hora. Coisas maravilhosas na vida e nas viagens. E não é a viagem uma alegoria para a vida? Alegria também.

Embarcar no imprevisível. Aceitar que, sim, há coisas que não conseguimos prever, que não podemos prever. Para pessoas que gostam de controle, feito eu, falar é mais simples que fazer. E há viagens que puxam nosso tapete mental e emocional, tiram a gente do eixo. Literalmente.

A primeira viagem para o Oriente foi dessas. Sozinha em Tóquio, achar que eu estava do outro lado do mundo me fez enxergar tudo em outras temporalidades. No Serengeti, ver a Grande Migração sob tendas que se moviam pela Tanzânia me fez perceber que a espécie humana é só mais uma, e que este protagonismo que trazemos para a gente é medonho. O Butão me fez existir num reino mágico, meditando num monastério com os monges no dia de Natal, vendo as águas azuis dos rios que correm do Himalaia ou jogando gamão nos campos de arroz.

Ler obsessivamente sobre o destino que vamos enfrentar pode ajudar. Mas não substitui o acaso, para citar rapidamente Mallarmé. Uma monção longa demais nos fez cancelar a ida para Siem Reap, Camboja, que inundou, e fomos “obrigadas” a ficar uma semana a mais em Bangkok, presente das deusas, uma cidade que vai ser sempre minha. Caso você curta ir em busca do desconhecido, rume para a Ásia assim que possível. Em Istambul a magia se deu no Bósforo, divisa do Oriente com o Ocidente.

Impermanência? Na Patagônia, o tempo e o vento mudam de minuto em minuto, principalmente no cabo Horn, onde desembarcamos depois de navegar pelo canal de Beagle para visitar aquele farol de energia bizarríssima. Porém, nada mais imprevisível para nós, bichos da cidade, do que a Amazônia, destino dos destinos. Vá também o quanto antes, e aprenda de vez a respeitar a floresta, seus seres visíveis e invisíveis, seus povos e sua cosmologia. É a maior viagem. 📍





# Inspiradores



FOLHAPRESS

## ADA ROGATO (1910-1986)

Se até hoje poucas mulheres pilotam aviões e saltam de paraquedas, imagine 80 anos atrás. Talvez seja por isso que a paulistana Ada Rogato, filha de imigrantes italianos e funcionária pública, tenha acumulado tantos títulos de pioneira. Na década de 1930, foi a primeira brasileira a voar de planador e a saltar de paraquedas. E a terceira a tirar brevê para pilotar aeronaves civis. Com o vento no sangue, Ada

se especializou em acrobacias aéreas e – atividade perigosíssima – se tornou nossa primeira piloto agrícola. Em 1950 cruzou a cordilheira dos Andes 11 vezes – sozinha, sem calefação, rádio ou oxigênio. Sua maior proeza, porém, viria no ano seguinte: bater o recorde da Terra do Fogo ao Alasca, mais de 51 mil quilômetros, em apenas 362 horas. Novamente sozinha, a discreta Ada foi sempre a número 1. ♡



---

# Tudo que você busca em um imóvel, em uma imobiliária.

---

Encontre com um especialista  
Bossa Nova.



Conheça nosso  
portfólio completo  
através deste QR code.

SÃO PAULO | RIO DE JANEIRO | CAMPO | PRAIA | INTERNACIONAL  
SP: 11 3061 0000 RJ: 21 3500 0370 [bnsir.com.br](http://bnsir.com.br)

Bossa  
Nova

---

**Sotheby's**  
INTERNATIONAL REALTY



**INVESTIR É UMA  
CIÊNCIA DE PRECISÃO.**  
OS MELHORES INVESTIDORES  
SABEM APROVEITAR OPORTUNIDADES  
NO MOMENTO EXATO.



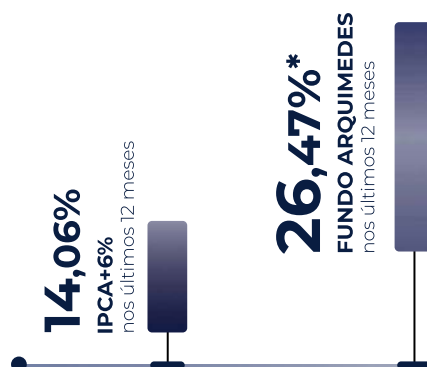
**FUNDO SAFRA**

**ARQUIMEDES**

PERFORMANCE COM GESTÃO MILIMÉTRICA.

Um fundo de ações que tem a agressividade precisa e a gestão milimétrica do Safra.  
E busca ganhos tanto na alta quanto na baixa.

Quem sabe, Safra.



Abra sua conta  
e invista nos fundos  
premiados do Safra



**Safra**

Safra Arquimedes	Fundo	Benchmark (IPCA + 6%)	Diferença do Benchmark
Maio	4,13%	0,92%	3,21%
Ano	4,51%	5,26%	-0,75%
12 meses	26,47%	14,06%	12,41%
Desde o início	156,38%	147,91%	8,47%

**ANBIMA**

Autorregulação

\*A rentabilidade divulgada refere-se ao rendimento acumulado nominal do fundo no período, sendo que tal rentabilidade foi alcançada pelo investidor que permaneceu com seus recursos aplicados no fundo neste mesmo período de forma ininterrupta e sem resgates. LEIA O FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES, A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS, SE HOUVER, E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR. O INVESTIMENTO EM FUNDOS NÃO É GARANTIDO PELO ADMINISTRADOR, PELO GESTOR, POR QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU PELO FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO - FGC. DESCRIÇÃO DO TIPO ANBIMA DISPONÍVEL NO FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES. RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É

LÍQUIDA DE IMPOSTOS, TAXA DE PERFORMANCE E/OU TAXA DE SAÍDA. A COMPARAÇÃO DOS FUNDOS DE INVESTIMENTO E INDICADORES ECONÔMICOS É MERA REFERÊNCIA, E NÃO META OU PARÂMETRO DE PERFORMANCE. Analise os riscos e verifique se o fundo é adequado ao seu perfil de investidor. Material de divulgação do SAFRA ARQUIMEDES FUNDO DE INVESTIMENTO EM AÇÕES BDR NÍVEL I - CNPJ 17.253.801/0001-61. Data de início: 25/4/2013. O fundo é destinado a investidores qualificados. O objetivo do fundo é atuar no sentido de propiciar a seus cotistas a valorização de suas cotas mediante a aplicação de seus recursos, preponderantemente, em ativos de renda variável, notadamente em certificados de depósitos de valores mobiliários BDRs Nível I. Tributação de Longo Prazo. Classificação Anbima: Ações Livre. Taxa de administração: 2% a.a. Taxa de performance: 20% sobre o que exceder o IPCA + 6%. Taxa de saída: 5% sobre o valor bruto do resgate, caso não sejam respeitados os prazos de resgate estipulados no regulamento do fundo. PL médio (últimos 12 meses): R\$ 1.419,90 (milhões). Não há carência para resgate. Conversão para aplicação: 1º dia útil. Conversão para resgate, com pagamento de taxa de saída: 1º dia útil após o pedido; com isenção de taxa de saída: conversão em 31 dias corridos. Pagamento de resgate: 2º dia útil subsequente à data da conversão. Classificação do Produto de Investimento: 15. Os principais fatores de risco estão relacionados a: mercado interno e externo e fatores econômicos e/ou políticos nacionais e internacionais; crédito - especialmente quanto ao risco de inadimplimento e oscilações de preço motivadas pelo spread de crédito; estratégias de alavancagem; liquidez; e não obtenção do Tratamento Tributário de Longo Prazo no processo de alocação em ativos com prazo médio superior a 365 dias. O fundo pode adquirir ativos financeiros negociados no exterior. Fundo fechado para captação. Fonte das rentabilidades: Quantum Axis. Data-base: 31/5/2021. Para mais informações, acesse o link: [www.safraasset.com.br/fundos/homedetalhe2.asp?s=GAC&t=x](http://www.safraasset.com.br/fundos/homedetalhe2.asp?s=GAC&t=x). Gestor: Safra Asset Management Ltda. - CNPJ 62.180.047/0001-31. Administrador: Safra Serviços de Administração Fiduciária Ltda. - CNPJ 06.947.853/0001-11. Os serviços de distribuição e custódia são prestados pelo Banco Safra S.A. - CNPJ 58.160.789/0001-28. Central de Atendimento Safra: 0300-105-1234 (de segunda a sexta-feira, das 8h às 21h30, exceto feriados). Atendimento a portadores de necessidades especiais auditivas e de fala/SAC - Serviço de Atendimento ao Consumidor/Proteção de Dados: 0800-772-5755 (atendimento 24 horas por dia, sete dias por semana). Ouvidoria - caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800-770-1236; atendimento a portadores de necessidades especiais auditivas e de fala: 0800-727-7555 (de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados); ou acesse: [www.safra.com.br/atendimento/ouvidoria](http://www.safra.com.br/atendimento/ouvidoria).